

O FASCISMO

Coletanea artigos imprensa – P.Timm org.

Para uso em sala de aula -2016

1. Lição de Umberto Eco contra o fascismo eterno

2. O fascismo ronda o Brasil em 2014- Frei Beto

3. Thomas Mann e um grito de alerta antifascista

**- 4, ASCENSÃO DE HITLER - Adriano Benayon com
comente de Atenágoras**

5. O fascismo com esta sua nova roupa

**6. Quem é fascista? De onde vem? Como vem? –
P. Ghiraldelli**

7. Direita versus Esquerda - Francisco Razzo.

8. 9. Manual do bom fascista (ou não)

**10. CIENTISTAS POLÍTICOS AMERICANOS: "FASCISMO
A SERVIÇO DAS CORPORAÇÕES"**

**11. Le Pen vs. Le Pen no ringue da extrema direita francesa -
Eduardo Febbro**

12. Partido de extrema-direita lidera pesquisa no Reino Unido

**13. A extrema direita e a eurofobia ameaçam o projeto
europeu**

14.O big bang da extrema-direita europeia

15. Por que a extrema-direita cresce na Europa?

16. O avanço da extrema-direita na Europa: um alerta para o Mundo

17.UE inquieta com avanço da extrema-direita

18.Europa: o espectro da extrema-direita

19.Análise: o avanço da extrema-direita na Europa

20. A Ucrânia e a ascensão do euro-fascismo

21.Alberto Morávia e o Parlamento

22.Três diabos-velhos senis & o fascismo de Vestfália

23.Há um pequeno nazi a crescer dentro de muito boa gente

24.A MÃO QUE AJUDA O FASCISMO

25.Renasce o fascismo na Europa

26.O FASCISMO RONDA O BRASIL EM 2014

**27. Cultura do fascismo ameaça democracia, diz
Werneck Vianna**

28. Como os fascistas chegam ao poder

29. Neoliberalismo e democracia

30. O fascismo inerente à política moderna

31. A radicalização conservadora

32. Documentário

33. Joseph Goebbels e os 11 princípios do fascismo

34 . Goebels – O diário

MICHEL FOUCAULT.

35. Introdução à vida não-fascista.- M.Foucault

36. REVER Entrevista: Francisco Carlos Teixeira

37. ¿El fascismo está de regreso?

38-39 40. O Fascismo segundo W.Reich

1. Lição de Umberto Eco contra o fascismo eterno

21/11/09



Há duas palavras cujo uso abundante contrastam de modo radical com seu alto grau de importância: são elas a democracia e o fascismo. Esta última palavra tem frequentado menos o noticiário do que deveria, talvez pense alguém realmente comprometido com a democracia. Já a palavra democracia abunda tanto como se esvazia de qualquer relação com a realidade, sobretudo na perspectiva monolítica da imprensa das grandes famílias do Brasil. O caso Cesare Battisti é, além de um teste privilegiado para se saber se a democracia, no Brasil, já conseguiu efetivamente fincar alguma relação real com a nossa história, ocasião que pode nos ensinar, de modo igualmente privilegiado, algumas lições sobre o significado do fascismo, bem como de sua sempre alegada ausência no Brasil e nos dias que correm, mundo afora, como na Itália de Berslusconi.

Carta Maior decidiu pela democracia desde o seu nascimento. E é esse compromisso que nos faz remeter o extraordinário texto de Umberto Eco, sobre o "Ur-Fascismo", produzido originalmente para uma conferência proferida na Universidade Columbia, em abril de 1995, numa celebração da liberação da Europa. Talvez algum desaviso leve alguém a suspeitar que a comparação ou o mero uso do termo fascismo, para acusar os algozes de Battisti, no imbróglio da extradição seja exagero, um despropósito histórico e paranóico. Que a homenagem que o atual ministro da Defesa italiano prestou aos soldados fascistas de Mussolini no ano passado sirva então para desfazer enganos quanto à natureza do compromisso democrático do atual executivo italiano.

Se não, que esta aula magna sobre a história conceitual e social do fascismo possa servir como registro da importância de não se brincar com palavras, para esvaziar seu sentido, sacrificando vidas e rompendo com a verdade. Uma boa leitura.

"O Fascismo Eterno"

Em 1942, com a idade de dez anos, ganhei o prêmio nos Ludi Juveniles (um concurso com livre participação obrigatória para jovens fascistas italianos – o que vale dizer, para todos os jovens italianos). Tinha trabalhado com virtuosismo retórico sobre o tema: “Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto.

Depois, em 1943, descobri o significado da palavra “liberdade”. Contarei esta história no fim do meu discurso. Naquele momento, “liberdade” ainda não significava “liberação”.

Passei dois dos meus primeiros anos entre SS, fascistas e resistentes, que disparavam uns nos outros, e aprendi a esquivar-me das balas. Não foi mau exercício.

Em abril de 1945, a Resistência tomou Milão. Dois dias depois os resistentes chegaram à pequena cidade em que eu vivia. Foi um momento de alegria. A praça principal estava cheia de gente que cantava e desfraldava bandeiras, invocando Mimo, o líder da resistência na área, em alto brado. Mimo, ex-suboficial dos carabinieri, envolveu-se com os partidários do marechal Badoglio e perdeu uma perna nos primeiros confrontos. Apareceu no balcão da Prefeitura, apoiado em muletas, pálido; tentou acalmar a multidão com uma mão. Eu estava ali esperando seu discurso, já que toda a minha infância tinha sido marcada pelos grandes discursos históricos de Mussolini, cujos passos mais significativos aprendíamos de cor na escola. Silêncio. Mimo falou com voz rouca, quase não se ouvia. Disse: “Cidadãos, amigos. Depois de tantos sacrifícios dolorosos...aqui estamos. Glória aos que caíram pela liberdade...”. E foi tudo. Ele voltou para dentro. A multidão gritava, os membros da resistência levantaram as armas e atiraram para o alto, festivamente. Nós, rapazes, nos precipitamos para recolher os cartuchos, preciosos objetos de coleção, mas eu tinha aprendido então que **liberdade de palavra significa também liberdade da retórica.**

Alguns dias depois vi os primeiros soldados americanos. Eram afro-americanos. O primeiro ianque que encontrei era um negro, Joseph, que me apresentou às maravilhas de Dick Tracy e Ferdinando Buscapé. Seus gibis eram coloridos e tinham um cheiro bom.

Um dos oficiais (o major ou capitão Muddy) era hóspede na casa da família de dois dos meus companheiros de escola. Sentia-me em casa naquele jardim em que alguns senhores amontoavam-se em torno ao capitão Muddy, falando um francês aproximativo. O capitão Muddy tinha uma boa educação superior e conhecia um pouco de francês. Assim, minha primeira imagem dos libertadores americanos, depois de tantos caras-pálidas de camisa negra, era a de um negro culto em uniforme cáqui que dizia: “Oui, merci beaucoup Madame, moi aussi j'aime le champagne...” Infelizmente, faltava o champagne, mas ganhei do capitão Muddy o meu primeiro chiclete e comecei mastigando o dia inteiro. De noite colocava o chiclete em um copo d'água para que ficasse fresco para o dia seguinte.

Em maio, ouvimos dizer que a guerra tinha acabado. A paz deu-me uma sensação curiosa. Haviam me dito que a guerra permanente era a condição normal de um jovem italiano. Nos meses seguintes descobri que a Resistência não era apenas um fenômeno local, mas Europeu. Aprendi novas e excitantes palavras como “reseau”, “maquis”, “armée secrète”, “Rote Kapelle”, “gueto de Varsóvia”. Vi as primeiras fotografias do Holocausto e assim compreendi seu significado antes mesmo de conhecer a palavra. Percebi que havíamos sido liberados.

Hoje na Itália existem algumas pessoas que se perguntam se a Resistência teve algum impacto militar real no curso da guerra. Para a minha geração a questão é irrelevante: compreendo imediatamente o significado moral e psicológico da Resistência. Era motivo de orgulho saber que nós, europeus, não tínhamos esperado passivamente pela liberação. Penso que, também para os jovens americanos que derramaram seu sangue pela nossa liberdade, não era irrelevante saber que atrás das linhas havia europeus que já estavam pagando seu débito.

Hoje na Itália tem gente que diz que a Resistência é um mito comunista. É verdade que os comunistas exploraram a Resistência como uma propriedade pessoal, pois realmente tiveram um papel primordial no movimento; mas lembro-me dos resistentes com bandeiras de diversas cores.

Grudado ao rádio, passava as noites – as janelas fechadas e a escuridão geral faziam do pequeno espaço em torno ao aparelho o único halo luminoso – escutando as mensagens que a Rádio Londres transmitia para a Resistência. Eram, ao mesmo tempo, obscuras e poéticas (“Ainda brilha o sol”, “As rosas não de florir”), mas a maior parte eram “mensagens para Franchi”. Alguém soprou no meu ouvido que Franchi era o líder de um dos grupos clandestinos mais poderosos da Itália do Norte, um homem de coragem legendária. Franchi tornou-se o meu herói. Franchi (cujo verdadeiro nome era Edgardo Sogno) era um monarquista tão anticomunista que, depois da guerra, se uniu a um grupo de extrema direita e foi até acusado de ter participado de um golpe de Estado reacionário. Mas que importa? Sogno ainda é o sonho da minha infância. A liberação foi um empreendimento comum de gente das mais diversas cores.

Hoje na Itália tem gente que diz que a guerra de liberação foi um trágico período de divisão, e que precisamos agora de uma reconciliação nacional. A recordação daqueles anos terríveis deveria ser reprimida. Mas a repressão provoca neuroses. Se a reconciliação significa compaixão e respeito por todos aqueles que lutaram sua guerra de boa-fé, perdoar não significa esquecer. Posso até admitir que Eichmann acreditava sinceramente em sua missão, mas não posso dizer: “Ok, volte e faça tudo de novo”. Estamos aqui para recordar o que aconteceu e para declarar solenemente que “eles” não podem repetir o que fizeram.

Mas quem são “eles”?

Se pensamos ainda nos governos totalitários que dominaram a Europa antes da Segunda Guerra Mundial, podemos dizer com tranquilidade que seria muito

difícil que eles retornassem sob a mesma forma, em circunstâncias históricas diversas. Se o fascismo de Mussolini baseava-se na idéia de um líder carismático, no corporativismo, na utopia do “destino fatal de Roma”, em uma vontade imperialista de conquistar novas terras, em um nacionalismo exacerbado, no ideal de uma nação inteira arregimentada sob a camisa negra, na recusa da democracia parlamentar, no anti-semitismo, então não tenho dificuldade para admitir que a Aliança Nacional, nascida do Movimento Social e Italiano (MSI), é certamente um partido de direita, mas tem muito pouco a ver com o velho fascismo. Pelas mesmas razões, mesmo preocupado com os vários movimentos neonazistas ativos aqui e ali na Europa, inclusive na Rússia, não penso que o nazismo, e sua forma original, esteja ressurgindo como movimento capaz de mobilizar uma nação inteira.

Todavia, embora os regimes políticos possam ser derrubados e as ideologias criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis. Há, então, um outro fantasma que ronda a Europa (para não falar de outras partes do mundo)?

Ionesco disse certa vez que “somente as palavras contam, o resto é falatório”. Os hábitos linguísticos são muitas vezes sintomas importantes de sentimentos não expressos.

Portanto, permitam-me perguntar por que não somente a Resistência mas toda a Segunda Guerra Mundial foram definidas em todo o mundo com uma luta contra o fascismo. Se lerem "Por quem os sinos dobram", de Hemingway, vão descobrir que Robert Jordan identifica seus inimigos com os fascistas, mesmo quando está pensando nos falangistas espanhóis.

Permitam-me passar a palavra a Franklin Delano Roosevelt: “A vitória do povo americano e de seus aliados será uma vitória contra o fascismo e o beco sem saída que ele representa” (23 de setembro de 1944).

Durante os anos de McCarthy, os americanos que tinham participado da guerra civil espanhola eram chamados de “fascistas prematuros” - entendendo com isso que combater Hitler nos anos 40 era um dever moral de todo bom americano, mas combater Franco cedo demais, nos anos 30, era suspeito. Por que uma expressão como “fascist pig” era usada pelos radicais americanos até para indicar um policial que não aprovava os que fumavam? Por que não diziam: “Porco Caugolard”, “Porco Falangista”, “Porco Quisling”, “Porco croata”, “Porco Ante Pavelic”, “Porco nazista”?

Mein Kampf é o manifesto completo de um programa político. O nazismo tinha uma teoria do racismo e do arianismo, uma noção precisa de *entartete Kunst*, a “arte degenerada”, uma filosofia da vontade de potência e da *Übermensch*. O nazismo era decididamente anticristão e neopagão, da mesma maneira que o Diamat (versão oficial do marxismo soviético) de Stalin era claramente materialista e ateu. Se como totalitarismo entende-se um regime que subordina

qualquer ato individual ao Estado e sua ideologia, então nazismo e estalinismo eram regimes totalitários.

O fascismo foi certamente uma ditadura, mas não era completamente totalitário, nem tanto por sua brandura quanto pela debilidade filosófica de sua ideologia. Ao contrário do que se pensa comumente, o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria. O artigo sobre o fascismo assinado por Mussolini para a Enciclopédia Treccani foi escrito ou inspirou-se fundamentalmente em Giovanni Gentile, mas refletia uma noção hegeliana tardia do “Estado ético absoluto”, que Mussolini nunca realizou completamente. Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica.

Começou como ateu militante, para depois firmar a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziavam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez a Deus que o fulminasse ali mesmo para provar sua existência. Deus estava, evidentemente, distraído. Nos anos seguintes, em seus discursos, Mussolini citava sempre o nome de Deus e não desdenhava o epíteto: “homem da Providência”. Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini.

O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir-se – conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace. Foi somente nos anos 30 que surgiram movimentos fascistas na Inglaterra, com Mosley, e na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até na América do Sul, para não falar da Alemanha. Foi o fascismo italiano que convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista.

Todavia, a prioridade histórica não me parece ser uma razão suficiente para explicar por que a palavra “fascismo” tornou-se uma **sinédoque**, uma denominação pars pro toto para movimentos totalitários diversos. Não adianta dizer que o fascismo continha em si todos os elementos dos totalitarismos sucessivos, por assim dizer, em “estado quintessencial”. Ao contrário, o fascismo não possuía nenhuma quintessência e sequer uma só essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy* (1). O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas idéias políticas e filosóficas, uma colméia de contradições. É possível conceber um movimento totalitário que consiga juntar monarquia e revolução, exército real e milícia pessoal de Mussolini, os privilégios concedidos à Igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado?

O partido fascista nasceu proclamando sua nova ordem revolucionária, mas era financiado pelos proprietários de terras mais conservadores, que esperavam uma contra-revolução. O fascismo do começo era republicano e sobreviveu durante vinte anos proclamando sua lealdade à família real,

permitindo que um “duce” puxasse as cordinhas de um “rei”, a quem ofereceu até o título de “imperador”. Mas quando, em 1943, o rei despediu Mussolini, o partido reapareceu dois meses depois, com a ajuda dos alemães, sob a bandeira de uma república “social”, reciclando sua velha partitura revolucionária, enriquecida de acentuações quase jacobinas.

Existiu apenas uma arquitetura nazista, apenas uma arte nazista. Se o arquiteto nazista era Albert Speer, não havia lugar para Mies van der Rohe. Da mesma maneira, sob Stalin, se Lamarck tinha razão, não havia lugar para Darwin. Ao contrário, existiram certamente arquitetos fascistas, mas ao lado de seus pseudocoliseus surgiram também os novos edifícios inspirados no moderno racionalismo de Gropius.

Não houve um Zdanov fascista. Na Itália existiam dois importantes prêmios artísticos: o Prêmio Cremona era controlado por um fascista inculto e fanático como Farinacci, que encorajava uma arte propagandista (recordo-me de quadros intitulados *Ascoltando all radio un discorso del Duce* ou *Stati mentali creati dal Fascismo*); e o Prêmio Bergamo, patrocinado por um fascista culto e razoavelmente tolerante como Bottai, que protegia a arte pela arte e as novas experiências da arte de vanguarda que, na Alemanha, haviam sido banidas como corruptas, criptocomunistas, contrárias ao Kitsch nibelúngico, o único aceito.

O poeta nacional era D'Annunzio, um dândi que na Alemanha ou na Rússia teria sido colocado diante de um pelotão de fuzilamento. Foi alçado à categoria de vate do regime por seu nacionalismo e seu culto do heroísmo –com o acréscimo de grandes doses de decadentismo francês.

Tomemos o futurismo. Deveria ter sido considerado um exemplo de *entartete Kunst*, assim como o expressionismo, o cubismo, o surrealismo. Mas os primeiros futuristas italianos eram nacionalistas, favoreciam por motivos estéticos a participação da Itália na Primeira Guerra Mundial, celebravam a velocidade, a violência, o risco e, de certa maneira, estes aspectos pareciam próximos ao culto fascista da juventude. Quando o fascismo identificou-se com o império romano e redescobriu as tradições rurais, Marinetti (que proclamava que um automóvel era mais belo que a Vitória de Samotrácia e queria inclusive matar o luar) foi nomeado membro da Accademia d'Italia, que tratava o luar com grande respeito.

Muitos dos futuros membros da Resistência, e dos futuros intelectuais do futuro Partido Comunista, foram educados no GUF, a associação fascista dos estudantes universitários, que deveria ser o berço da nova cultura fascista. Esses clubes tornaram-se uma espécie de caldeirão intelectual em que circulavam novas idéias sem nenhum controle ideológico real, não tanto porque os homens de partido fossem tolerantes, mas porque poucos entre eles possuíam os instrumentos intelectuais para controlá-los.

No curso daqueles vinte anos, a poesia dos herméticos representou uma reação ao estilo pomposo do regime: a estes poetas era permitido elaborar seus protestos literários dentro da torre de marfim. O sentimento dos

herméticos era exatamente o contrário do culto fascista do otimismo e do heroísmo. O regime tolerava esta distensão evidente, embora socialmente imperceptível, porque não prestava atenção suficiente ao um jargão tão obscuro.

O que não significa que o fascismo italiano fosse tolerante. Gramsci foi mantido na prisão até a morte, Matteotti e os irmãos Rosselli foram assassinados, a liberdade de imprensa suspensa, os sindicatos desmantelados, os dissidentes políticos confinados em ilhas remotas, o poder legislativo tornou-se pura ficção e o executivo (que controlava o judiciário, assim como a mídia) emanava diretamente as novas leis, entre as quais a da defesa da raça (apoio formal italiano ao Holocausto).

A imagem incoerente que descrevi não era devida à tolerância: era um exemplo de desconjuntamento político e ideológico. Mas era um “desconjuntamento ordenado”, uma confusão estruturada. O fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos.

Chegamos agora ao segundo ponto de minha tese. Existiu apenas um nazismo, e não podemos chamar de “nazismo” o falangismo hipercatólico de Franco, pois o nazismo é fundamentalmente pagão, politeísta e anticristão, ou não é nazismo. Ao contrário, pode-se jogar com o fascismo de muitas maneiras, e o nome do jogo não muda. Acontece com a noção de “fascismo” aquilo que, segundo Wittgenstein, acontece com a noção de “jogo”. Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma “semelhança de família”:

1 - 2 - 3 - 4
abc bcd cde def

Suponhamos que exista uma série de grupos políticos. O grupo 1 é caracterizado pelos aspectos abc, o grupo 2, pelos aspectos bcd e assim por diante. 2 é semelhante a 1 na medida em que têm dois aspectos em comum. 3 é semelhante a 2 e 4 é semelhante a 1 (têm em comum o aspecto c). O caso mais curioso é dado pelo 4, obviamente semelhante a 3 e a 2, mas sem nenhuma característica em comum com 1. Contudo, em virtude da ininterrupta série de decrescentes similaridades entre 1 e 4, permanece, por uma espécie de transitoriedade ilusória, um ar de família entre 4 e 1.

O termo “fascismo” adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista. Tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca fascinou Mussolini) e teremos Ezra Pound. Acrescentem o culto da mitologia céltica e o misticismo do Graal (completamente estranho ao fascismo oficial) e teremos um dos mais respeitados gurus fascistas, Julius Evola.

A despeito dessa confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista.

1. **A primeira característica de um Ur-Fascismo é o culto da tradição.** O tradicionalismo é mais velho que o fascismo. Não somente foi típico do pensamento contra-reformista católico depois da Revolução Francesa, mas nasceu no final da idade helenística como uma reação ao racionalismo grego clássico.

Na bacia do Mediterrâneo, povos de religiões diversas (todas aceitas com indulgência pelo Panteon romano) começaram a sonhar com uma revelação recebida na aurora da história humana. Essa revelação permaneceu longo tempo escondida sob o véu de línguas então esquecidas. Havia sido confiada aos hieróglifos egípcios, às ruínas dos celtas, aos textos sacros, ainda desconhecidos, das religiões asiáticas.

Essa nova cultura tinha que ser sincretista. “Sincretismo” não é somente, como indicam os dicionários, a combinação de formas diversas de crenças ou práticas. Uma combinação assim deve tolerar contradições. Todas as mensagens originais contêm um germe de sabedoria e, quando parecem dizer coisas diferentes ou incompatíveis, é apenas porque todas aludem, alegoricamente, a alguma **verdade primitiva.**

Como consequência, não pode existir avanço do saber. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem. É suficiente observar o ideário de qualquer movimento fascista para encontrar os principais pensadores tradicionalistas. **A gnose nazista nutria-se de elementos tradicionalistas, sincretistas ocultos.** A mais importante fonte teórica da nova direita italiana Julius Evola, misturava o Graal com os Protocolos dos Sábios de Sião, a alquimia com o Sacro Império Romano. O próprio fato de que, para demonstrar sua abertura mental, a direita italiana tenha recentemente ampliado seu ideário juntando De Maistre, Guenon e Gramsci é uma prova evidente de sincretismo.

Se remexerem nas prateleiras que nas livrarias americanas trazem a indicação “New Age”, irão encontrar até mesmo Santo Agostinho e, que eu saiba, ele não era fascista. Mas o próprio fato de juntar Santo Agostinho e Stonehenge, isto é um sintoma de Ur-Fascismo.

2. **O tradicionalismo implica a recusa da modernidade.** Tanto os fascistas como os nazistas adoravam a tecnologia, enquanto os tradicionalistas em geral recusam a tecnologia como negação dos valores espirituais tradicionais. Contudo, embora o nazismo tivesse orgulho de seus sucessos industriais, seu elogio da modernidade era apenas o aspecto superficial de uma ideologia baseada no “sangue” e na “terra” (Blut und Boden). A recusa do mundo moderno era camuflada como condenação do modo de vida capitalista, mas

referia-se principalmente à rejeição do espírito de 1789 (ou 1776, obviamente). O iluminismo, a idade da Razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo pode ser definido como “irracionalismo”.

3. O irracionalismo depende também do culto da ação pela ação. A ação é bela em si, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas. Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “Porcos intelectuais”, “Cabeças ocas”, “Esnobes radicais”, “As universidades são um ninho de comunistas”, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. Os intelectuais fascistas oficiais estavam empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais.

4. Nenhuma forma de sincretismo pode aceitar críticas. O espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade. Na cultura moderna, a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos. Para o Ur-Fascismo, o desacordo é traição.

5. O desacordo é, além disso, um sinal de diversidade. O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso desfrutando e exacerbando o natural medo da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra os intrusos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição.

6. O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. O que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos “proletários” estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se auto exclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria seu auditório.

7. Para os que se vêem privados de qualquer identidade social, o Ur-Fascismo diz que seu único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. Esta é a origem do “nacionalismo”. Além disso, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos. Assim, na raiz da psicologia Ur-Fascista está a obsessão do complô, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir um complô é fazer apelo à xenofobia. Mas o complô tem que vir também do interior: os judeus são, em geral, o melhor objetivo porque oferecem a vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora. Na América, o último exemplo de obsessão pelo complô foi o livro The New World Order, de Pat Robertson.

8. Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. Quando eu era criança ensinavam-me que os ingleses eram o “povo das cinco refeições”: comiam mais frequentemente que os italianos, pobres mas sóbrios. Os judeus são ricos e ajudam-se uns aos outros graças a

uma rede secreta de mútua assistência. Os adeptos devem, contudo, estar convencidos de que podem derrotar o inimigo. Assim, graças a um contínuo deslocamento de registro retórico, os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais. Os fascismos estão condenados a perder suas guerras, pois são constitutivamente incapazes de avaliar com objetividade a força do inimigo.

9. Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes “vida para a luta”. Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente. Contudo, isso traz consigo um complexo de Armagedon: a partir do momento em que os inimigos podem e devem ser derrotados, tem que haver uma batalha final e, em seguida, o movimento assumirá o controle do mundo. Uma solução final semelhante implica uma sucessiva era de paz, uma idade de Ouro que contestaria o princípio da guerra permanente. Nenhum líder fascista conseguiu resolver essa contradição.

10. O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto fundamentalmente aristocrática. No curso da história, todos os elitismos aristocráticos e militaristas implicaram o desprezo pelos fracos. O Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um “elitismo popular”. Todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos, todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido. Mas patrícios não podem existir sem plebeus. O líder, que sabem muito em que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força baseia-se na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um “dominador”. No momento em que o grupo é organizado hierarquicamente (segundo um modelo militar), qualquer líder subordinado despreza seus subalternos e cada um deles despreza, por sua vez, os seus subordinados. Tudo isso reforça o sentido de elitismo de massa.

11. Nesta perspectiva, cada um é educado para tornar-se um herói. Em qualquer mitologia, o “herói” é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma. Este culto do heroísmo é estreitamente ligado ao culto da morte: não é por acaso que o mote dos falangistas era: “Viva la muerte!” À gente normal diz-se que a morte é desagradável, mas é preciso enfrentá-la com dignidade; aos crentes, diz-se que é um modo doloroso de atingir a felicidade sobrenatural. O herói Ur-Fascista, ao contrário, aspira à morte, anunciada como a melhor recompensa para uma vida heróica. O herói Ur-Fascista espera impacientemente pela morte. E sua impaciência, é preciso ressaltar, consegue na maior parte das vezes levar os outros à morte.

12. Como tanto a guerra permanente como o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem do machismo (que implica desdém pelas mulheres e uma condenação intolerante de hábitos sexuais não-conformistas, da castidade à homossexualidade). Como o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu Ersatz fálico: seus jogos de guerra são devidos a uma invidia penis permanente.

13. O Ur-Fascismo baseia-se em um “populismo qualitativo”. Em uma democracia, os cidadãos gozam de direitos individuais, mas o conjunto de cidadãos só é dotado de impacto político do ponto de vista quantitativo (as decisões da maioria são acatadas). Para o Ur-Fascismo os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum”. Como nenhuma quantidade de seres humanos pode ter uma vontade comum, o líder apresenta-se como seu intérprete. Tendo perdido seu poder de delegar, os cidadãos não agem, são chamados apenas pars pro toto, para assumir o papel de povo. O povo é, assim, apenas uma ficção teatral. Para ter um bom exemplo de populismo qualitativo, não precisamos mais da Piazza Venezia ou do estádio de Nuremberg.

Em nosso futuro desenha-se um populismo qualitativo TV ou Internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a “voz do povo”. Em virtude de seu populismo qualitativo, o Ur-Fascismo deve opor-se aos “pútridos” governos parlamentares. Uma das primeiras frases pronunciadas por Mussolini no parlamento italiano foi: “Eu poderia ter transformado esta assembléia surda e cinza em um acampamento para meus regimentos”. De fato, ele logo encontrou alojamento melhor para seus regimentos e pouco depois liquidou o parlamento. Cada vez que um político põe em dúvida a legitimidade do parlamento por não representar mais a “voz do povo”, pode-se sentir o cheiro de Ur-Fascismo.

14. O Ur-Fascismo fala a “novilíngua”. A “novilíngua” foi inventada por Orwell em 1984, como língua oficial do Ingsoc, o Socialismo Inglês, mas certos elementos de Ur-Fascismo são comuns a diversas formas de ditadura. Todos os textos escolares nazistas ou fascistas baseavam-se em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico. Devemos, porém estar prontos a identificar outras formas de novilíngua, mesmo quando tomam a forma inocente de um talk-show popular.

Depois de indicar os arquétipos possíveis do Ur-Fascismo, permitam-me concluir. Na manhã de 27 de julho de 1943 foi-me dito que, segundo informações lidas na rádio, o fascismo havia caído e Mussolini tinha sido feito prisioneiro. Minha mãe mandou-me comprar o jornal. Fui ao jornaleiro mais próximo e vi que os jornais estavam lá, mas os nomes eram diferentes. Além disso, depois de uma breve olhada nos títulos, percebi que cada jornal dizia coisas diferentes. Comprei um, ao acaso, e li uma mensagem impressa na primeira página, assinada por cinco ou seis partidos políticos como Democracia Cristã, Partido Comunista, Partido Socialista, Partido de Ação, Partido Liberal. Até aquele momento pensei que só existisse um partido em todas as cidades e que na Itália só existisse, portanto, o Partido Nacional Fascista. Eu estava descobrindo que, no meu país, podiam existir diversos partidos ao mesmo tempo. E não só isso: como eu era um garoto esperto, logo me dei conta de que era impossível que tantos partidos tivessem aparecido de um dia para o outro. Entendi assim que eles já existiam como organizações clandestinas.

A mensagem celebrava o fim da ditadura e o retorno à liberdade: liberdade de palavra, de imprensa, de associação política. Estas palavras, “liberdade”, “ditadura” - Deus meu -, era a primeira vez em toda a minha vida que eu as lia. Em virtude dessas novas palavras renasci como homem livre ocidental.

Devemos ficar atentos para que o sentido dessas palavras não seja esquecido de novo. O Ur-Fascismo ainda está a nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: “Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!”. Ai de mim, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo. Cito ainda as palavras de Roosevelt: “Ouso dizer que, se a democracia americana parasse de progredir como uma força viva, buscando dia e noite melhorar, por meios pacíficos, as condições de nossos cidadãos, a força do fascismo cresceria em nosso país” (4 de novembro de 1938). Liberdade, liberação são uma tarefa que não acaba nunca. Que seja este o nosso mote: “Não esqueçam”.

E permitam-me acabar com uma poesia de Franco Fortini:

Sulla spalletta del ponte
Le teste degli impiccati
Nell'acqua della fonte
La bava degli impiccati
Sul lastrico del mercato
Le unghie dei fucilati
Sull'erba secca del prato
I denti dei fucilati

Mordere l'aria mordere i sassi
La nostra carne non à più d'uomini
Mordere l'aria mordere i sassi
Il nostro cuore non à più d'uomini.

Ma noi s'è letto negli occhi dei morti
E sulla terra faremo libertà
Ma l'hanno stretta i pugni dei morti
La giustizia che si farà.

(Na amurada da ponte/ A cabeça dos enforcados/Na água da fonte/ A baba dos enforcados/No calçamento do mercado/As unhas dos fuzilados/Sobre a grama seca do prado/Os dentes dos fuzilados/Morder o ar morder as pedras/ Nossa carne não é mais de homens/Morder o ar morder as pedras/Nosso coração não é mais de homens/ Mas lemos nos olhos dos mortos/ E sobre a terra a liberdade havemos de fazer/ Mas estreitaram-na nos punhos os mortos/A justiça que se há de fazer.)”

Umberto Eco, O Fascismo Eterno, in: Cinco Escritos Morais, Tradução: Eliana Aguiar, Editora Record, Rio de Janeiro, 2002.

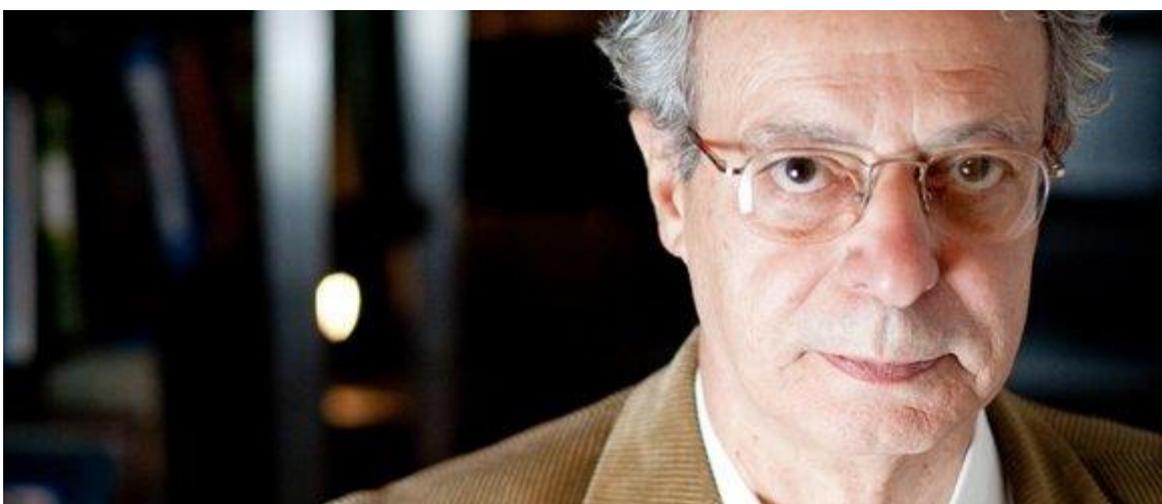
Publicado Boletim Carta Maior - Repassado por TORRES TV DIGITAL

(1) Usado atualmente em lógica para designar conjuntos “esfumados”, de contornos imprecisos, o termo fuzzy poderia ser traduzido como “esfumado”, “confuso”, “impreciso”, “desfocado”.

O fascismo ronda o Brasil em 2014

Frei Beto

<http://www.geledes.org.br/o-fascismo-ronda-o-brasil-em-2014/#axzz3G9sKLkRN>



Jean-Marie le Pen, líder da direita francesa, sugeriu deter o surto demográfico na África e estancar o fluxo migratório de africanos rumo à Europa enviando, àquele sofrido continente, “o senhor Ebola”, uma referência diabólica ao vírus mais perigoso que a humanidade conhece. Le Pen fez um convite ao extermínio.

por Frei Betto no **Blog do João Paulo**

O ex-presidente francês Nicolas Sarkozy propôs a suspensão do Tratado de Schengen, que defende a livre circulação de pessoas entre trinta países europeus. Já a livre circulação do capital não encontra barreiras no mundo... E

nas eleições de 25 de maio a extrema-direita europeia aumentou o número de seus representantes no Parlamento Europeu.

A queda do Muro de Berlim soterrou as utopias libertárias. A esquerda europeia foi cooptada pelo neoliberalismo e, hoje, frente a crise que abate o Velho Mundo, não há nenhuma força política significativa capaz de apresentar uma saída ao capitalismo.

Aqui no Brasil nenhum partido considerado progressista aponta, hoje, um futuro alternativo a esse sistema que só aprofunda, neste pequeno planeta onde nos é dado desfrutar do milagre da vida, a desigualdade social e a exclusão.

Caminha-se de novo para o fascismo? Luis Britto García, escritor venezuelano, frisa que uma das características marcantes do fascismo é a estreita cumplicidade entre o grande capital e o Estado. Este só deve intervir na economia, como apregoava Margareth Thatcher, quando se trata de favorecer os mais ricos. Aliás, como fazem Obama e o FMI desde 2008, ao se desencadear a crise financeira que condena ao desemprego, atualmente, 26 milhões de europeus, a maioria jovens.

O fascismo nega a luta de classes, mas atua como braço armado da elite. Prova disso foi o golpe militar de 1964 no Brasil. Sua tática consiste em aterrorizar a classe média e induzi-la a trocar a liberdade pela segurança, ansiosa por um “messias” (um exército, um Hitler, um ditador) capaz de salvá-la da ameaça.

A classe média adora curtir a ilusão de que é candidata a integrar a elite embora, por enquanto, viaje na classe executiva. Porém, acredita que, em breve, passará à primeira classe... E repudia a possibilidade de viajar na classe econômica.

Por isso, ela se sente sumamente incomodada ao ver os aeroportos repletos de pessoas das classes C e D, como ocorre hoje no Brasil, e não suporta esbarrar com o pessoal da periferia nos nobres corredores dos shopping-centers. Enfim, odeia se olhar no espelho...

O fascismo é racista. Hitler odiava judeus, comunistas e homossexuais, e defendia a superioridade da “raça ariana”. Mussolini massacrou líbios e abissínios (etíopes), e planejou sacrificar meio milhão de escravos “bárbaros e inferiores” em favor de cinquenta mil italianos “superiores”...

O fascismo se apresenta como progressista. Mussolini, que chegou a trabalhar com Gramsci, se dizia socialista, e o partido de Hitler se chamava Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista (de Nationalsozialist).

Os fascistas se apropriam de símbolos libertários, como a cruz gamada que, no Oriente, representa a vida e a boa fortuna. No Brasil, militares e adeptos da quartelada de 1964 a denominavam “Revolução”.

O fascismo é religioso. Mussolini teve suas tropas abençoadas pelo papa quando enviadas à Segunda Guerra. Pio XII nunca denunciou os crimes de Hitler. Franco, na Espanha, e Pinochet, no Chile, mereceram bênçãos especiais da Igreja Católica.

O fascismo é misógino. O líder fascista jamais aparece ao lado de sua mulher. Como dizia Hitler, às mulheres fica reservado a tríade Kirche, Kuche e Kinder (igreja, cozinha e criança).

O fascismo é anti-intelectual. Odeia a cultura. “Quando ouço falar de cultura, saco a pistola”, dizia Goering, braço direito de Hitler. Quase todas as vanguardas culturais do século XX foram progressistas: expressionismo,

dadaísmo, surrealismo, construtivismo, cubismo, existencialismo. Os fascistas as consideravam “arte degenerada”.

O fascismo não cria, recicla. Só se fixa no passado, um passado imaginário, idílico, como as “viúvas” da ditadura do Brasil, que se queixam das manifestações e greves, e exalam nostalgia pelo tempo dos militares, quando “havia ordem e progresso”. Sim, havia a paz dos cemitérios... assegurada pela férrea censura, que impedia a opinião pública de saber o que de fato ocorria no país.

O fascismo é necrófilo. Assassinou Vladimir Herzog e frei Tito de Alencar Lima; encarcerou Gramsci e madre Maurina Borges; repudiou Picasso e os teatros Arena e Oficina; fuzilou García Lorca, Víctor Jara, Marighella e Lamarca; e fez desaparecer Walter Benjamin e Tenório Júnior.

Ao votar este ano, reflita se por acaso você estará plantando uma semente do fascismo ou colaborando para extirpá-la.

Leia a matéria completa em: [O fascismo ronda o Brasil em 2014 - Geledés](#)

Follow us: [@geledes on Twitter](#) | [geledes on Facebook](#)

[3. Thomas Mann e um grito de alerta antifascista](#)

Em 1933, os nazistas chegam ao poder na Alemanha através do voto democrático. Imediatamente devotam-se à destruição da democracia e à implantação do regime totalitário mais odioso da História da humanidade. O mesmo já ocorrera na Itália alguns anos antes, com o ex-socialista e fascista Benito Mussolini.

Logo após o incêndio do Parlamento Alemão pelas claques de “choque” de Hitler, Mann, o maior dos escritores alemães do século XX, decidiu exilar-se de seu País.

Compreendendo os perigos que a ordem nazifascista representava para a Alemanha, assim como para o restante do mundo, o engajamento do autor de *A Montanha Mágica* na luta democrática não tardaria. Em 1937, Thomas Mann publicou uma crônica sob o título: ***Advertência à Europa!***

A *Advertência* era dirigida muito particularmente aos intelectuais, aos escritores, aos artistas, cientistas e a outros depositários do patrimônio cultural da humanidade. Firmemente Mann assinala a responsabilidade dos intelectuais que se omitem e se alheiam do combate aos inimigos da inteligência e da cultura, a pretexto de resguardarem a “integridade” e a “pureza” do espírito de qualquer contaminação de “caráter político”. Isto insistia Mann, resultava efetivamente em servir de um modo ou de outro ao “partido do interesse”, ou seja, os interesses de uma ordem política decadente, reacionária e por isso

mesmo temerosa da cultura e do espírito. “Em nosso tempo, a torre de marfim é apenas uma tolice, e é quase impossível alguém furtar-se a compreendê-lo”.

“A democracia se realiza efetivamente em cada um de nós, visto que a política se tornou um negócio de todas as gentes. Ninguém pode afastar-se dela; a pressão imediata que ela exerce sobre cada um é demasiado forte. O fato é que aquele que nos declara “eu não me importo com a política”, parece-nos um homem superado, caduco. Tal ponto de vista revela não somente egoísmo e irrealidade, mas ainda embuste e estupidez. Mais que ignorância do espírito, o que há nisso é indiferença moral.”

A ordem política e social faz parte da totalidade, um aspecto da problemática humana, não se podendo menosprezá-la sem com isso se pecar contra a própria humanidade. Portanto como poderia o poeta ou o intelectual esquivar-se, omitir-se, quando sabemos que a sua natureza e o seu destino o colocaram na posição mais exposta da “polis”? “O poeta que se omite em face do problema humano, porque esse aparece sob a forma política, não é somente um traidor da causa do espírito em proveito do partido do interesse, mas é também um homem perdido, que perderá a força criadora, o talento e nada fará que apresente condições de durabilidade”.

O espiritual, para Mann, considerado sob o ângulo político e social, é a aspiração dos povos a uma vida em melhores condições, mais justas e mais felizes, adequadas à dignidade humana. Expressando a essência do pensamento democrático ele diz “o bom e o nobre é o que qualificamos de humano”. Aquilo por cuja causa os homens tem lutado e têm tomado Bastilhas de assalto, os acólitos do autoritarismo proclamam jubilosamente “aquilo não deve existir, que seja revogado, revogue-se até mesmo a Nona Sinfonia (de Beethoven)!”

Uma das mais importantes obras primas do grande mestre foi, sem dúvida, o romance **Dr. Fausto**. Escrito em 1956 espelha uma visão amadurecida de todo o processo em que as liberdades foram destroçadas pelas forças nazifascistas. As peripécias do grande livro se desenvolvem num período histórico de aproximadamente vinte e cinco anos, entre 1920 e 1945, quando ocorre o esmagamento da Alemanha nazista.

O personagem-narrador nos diz: “Certa gente não deveria falar em liberdade, razão e humanidade, melhor que se abstinésse disso por motivos de decência. O dogmatismo também é uma forma intelectual do farisaísmo. Onde quer que haja Teologia, o Diabo também deve entrar no quadro, preservando sua autenticidade complementar à de Deus. O Inferno é tão simbólico quanto o Céu.”

Para Mann, o adepto das luzes, o termo e o conceito “povo” sempre conserva qualquer traço de arcaico, inspirador de apreensões e ele sabe que basta apostrofar a **multidão** de povo para induzi-la à maldade reacionária. “Falo do povo, porém daqueles impulsos populares de natureza arcaica, que existem em todos nós, e para dizê-lo bem claramente, assim como penso, não considero a religião o meio mais adequado para reprimi-los com segurança.

Isso se consegue, a meu ver, unicamente por meio da literatura, da ciência humanística, do ideal do homem livre e belo.”

Pessoas como o escritor alemão têm, afinal de contas, suas dúvidas a respeito do acerto dos “pensamentos do rebanho”, como ele mesmo os denomina. Sabe, entretanto, perfeitamente diferenciar o povo trabalhador da escória social, que com aquele não se confunde. “A supremacia das classes ditas inferiores se afigura a mim, como cidadão alemão, um estado ideal, quando a comparo com o domínio da escória. Ao contrário que eu saiba jamais o bolchevismo destruiu obras de arte. A revolução russa emocionou-me profundamente e a superioridade histórica de seus princípios em confronto com os das potências que dobravam nossa nuca aos seus pés, era evidente. Verdade é que certas camadas da democracia burguesa parecem merecer o que acabo de denominar de domínio da escória a fim de conservarem por mais tempo seus privilégios.”

No nazismo a violência opunha-se à verdade! Pregava-se um abismo entre a verdade e a força, a verdade e a vida, a verdade e a coletividade. Um grito de horror surge em *Dr. Fausto* sob a forma de uma composição musical do maestro dodecafônico Leverkun: “nesse momento só uma única música pode servir-nos, somente ela corresponderá a nossas almas: a lamentação do filho do Inferno, a lamentação humana e divina, que, partindo do indivíduo, mas ampliando-se cada vez mais, e, em certo sentido, apoderando-se do Cosmo, há de ser a mais horrenda que jamais tenha sido entoada na Terra. Uma lamentação, um ‘De profundis!’”

O mundo criado pelo nazifascismo era ao mesmo tempo antigo e novo, “revolucionário” e retrógrado. Nele os valores ligados à idéia do indivíduo, verdade, liberdade, direito, razão, ficariam inteiramente debilitados e rejeitados, assumindo um significado totalmente diferente do que tiveram nos séculos precedentes. “Desarraigados da pálida teoria, seriam relativizados, abastecidos de sangue e em seguida submetidos a uma instância muito superior, à da força, da autoridade, da ditadura da fé, de uma forma que igualaria uma regressão muito inovadora da Humanidade em direção a estados e condições teocráticos- medievais.”

A imparcialidade da pesquisa, o pensamento livre, longe de representarem o progresso, o antigo e o novo, o passado e o futuro tornar-se-iam a mesma coisa. Isso ocorreria ao mesmo tempo em que se concedia ao pensamento a licença de legitimar a força, “assim como uns seiscentos anos antes, a razão tivera liberdade para discutir a fé e demonstrar o dogma”, numa referência à Reforma Luterana.

O pedagogo, por exemplo, sabia que, sob o nazifascismo já existia a tendência para distanciar-se do sistema de aprender letras e soletrar. Em vez disso preferia-se o método de ensinar palavras inteiras e de ligar a escrita à visão concreta das coisas. Isso representava, em certo sentido, a abolição da escrita abstrata, universal, não associada a nenhuma língua e, de alguma forma, a volta à ideografia dos povos primitivos. A disposição era de sacrificar sem mais as assim chamadas conquistas culturais em pró de uma simplificação reputada

indispensável, assim como os tempos o exigiam, e que eventualmente pudesse ser qualificada de volta intencional à barbárie.

O narrador de Dr. Fausto, Serenus, prevê no início da ação dos nazistas no poder que “chegaria o dia em que se legitimasse, por razão de higiene nacional e racial, a não conservação dos elementos mórbidos, a eliminação em grande escala dos ineptos para a vida e dos débeis mentais”. “Enfatizava-se a intenção da rejeição de qualquer efeminação humana, produto da era burguesa, um esforço intensivo por tornar a Humanidade capaz de enfrentar tempos sombrios, desdenhosa de sentimentos humanitários, mais próximos daquela fase obscura que precede a origem da Idade Média”.

Mann, pela boca de Serenus expressará seu ódio ao nazismo nas últimas páginas do portentoso livro: “Malditos, malditos os corruptores, que mandaram à escola do Diabo uma parcela do gênero humano, originalmente honrada, bem-intencionada, apenas excessivamente dócil e demasiado propensa a organizar sua vida à base de teorias! Mas um patriotismo que ousasse afirmar que o Estado sanguinário, cuja agonia atualmente presenciamos, que para citar uma expressão de Lutero, “pendurou em seu pescoço” o peso de crimes incomensuráveis, e que, com seus apelos berrados, com suas proclamações aniquiladoras dos direitos do Homem, provocou nas multidões arroubos de imensa felicidade, esse Estado sob cujas bandeiras vistosas marchava nossa juventude, de olhos chispantes, altiva, radiante, firme na fé, um patriotismo, repito, que ousasse afirmar que esse regime tinha sido algo totalmente alheio à natureza de nosso povo, imposto a ela, desprovido de raízes em seu íntimo, ia se afigurar-me mais magnânimo que consciencioso. Não foi esse despotismo, em suas palavras e em seus atos, apenas a realização distorcida, oclocrática, aviltada de mentalidades e filosofias cujo caráter autêntico cumpre reconhecer e que o cristão, o humanista constatam, não sem certo susto, nos traços dos grandes homens, nas encarnações mais imponentes da humanidade?”

O professor Serenus, que se abstera de combater o nazismo quando ele surgira, ao final do romance Dr. Fausto realizará um “mea culpa” de sua omissão, retroagindo à *Advertência* de 1937:

“Será que voltarei a inculcar nos cérebros dos alunos a ideia de uma cultura na qual a reverência às divindades das profundezas se une ao culto ético de olímpica razão e lucidez, formando uma só piedade? Mas ai de mim, receio que nessa década selvagem se haja criado uma geração que entenda a minha linguagem tão pouco como eu a sua; a mocidade de meu país se me tornou por demais estranha para que eu possa novamente ser seu mestre. A própria Alemanha, esse país desventurado, tornou-se-me estranha, justamente em virtude do fato de eu ter-me absterido de seus crimes, e, seguro do fim pavoroso, haver-me abrigado na solidão.”

4,ASCENSÃO DE HITLER

Adriano Benayon

Na verdade, os nazistas chegaram ao ponto máximo nas eleições de agosto de 1932, com 39% dos votos. Não havia coalizão com maioria, conforme a Constituição, para nomear Hitler chanceler. O marechal Hindenburg poderia fazê-lo, usando o artigo de exceção da Constituição, como vinha fazendo há anos, ou seja, nomeando um ministério (gabinete, na linguagem parlamentarista) do presidente, sem maioria parlamentar, que nunca havia mesmo.

Politicamente inexpressivo, o junker prussiano, Von Pappen, que depois veio a ser vice-chanceler no gabinete chefiado por Hitler.

Em vez disso, Hindenburg convocou novas **eleições, em novembro de 1932, nas quais o partido nazista caiu de votação, para 32%. Os chefes nazistas, vendo cair as polpudas contribuições dos carteis, já pensavam em suicidar-se.** E Hindenburg resolveu que, nesse final de ano de 1932, seria a vez do Exército, e nomeou o chefe do Estado-Maior, general Kurt Von Schleicher, que era muito bem informado e acompanhava a bagunça econômica (reparações de guerra, juntamente com políticas monetárias e fiscais ortodoxas) e estava a par das análises e soluções de competentes economistas ligados às federações patronais e aos sindicatos de trabalhadores (os principais: Lautenberg e Woytinski).

Então, o novo governo entraria com força, apoiado por sindicatos patronais e trabalhistas, com excelente programa, que reergueria a Alemanha, diferente do modelo keynesiano que se baseia em despesas de guerra, como fez Hitler mais tarde sob a direção de Schaacht, um dos banqueiros que complotou para sua nomeação.

Claro que isso não interessava ao império britânico, o qual organizou a famosa (depois) reunião secreta em Bad Godesberg, de Hitler, com os banqueiros teleguiados pela oligarquia financeira angloamericana. Após essa reunião Hindenburg foi chantageado com a possibilidade de escândalo envolvendo o filho dele, Oskar Von Hindenburg, então coronel e oficial do gabinete presidencial. A oligarquia angloamericana jogou a carta nazista, e o gabinete de Von Schleicher não teve tempo de fazer coisa alguma.

Escolheram em Hitler o futuro inimigo ideal: fanático do racismo e adorador do império britânico (nossos primos) e obsessivo pela ocupação dos territórios a Leste e por destruir a União Soviética: estava arrumada a 2ª Guerra Mundial. Oskar Von Hindenburg foi promovido a general por Hitler.

Atenágoras Oliveira Duarte

18:07 (Há 6 minutos)

Prezado Gustavo

Respeito e admiro Atílio Boron como um dos grandes intelectuais da América Latina. Isso não significa dizer, obviamente, que concordo com tudo o que ele diz.

Comparar o Brasil de 2014 com a Alemanha da década de 30 do século passado é completamente inapropriado. A advertência final dele “guardadas as devidas proporções”, se atendida, altera completamente as conclusões, exatamente porque não me parece uma boa analogia. Ele cria uma subjetividade (de medo) que afeta a leitura, e que o óbvio comentário “*Aécio não é Hitler, e o PSDB não é o partido nazista*” não elimina. Tudo bem: é uma analogia, mas que neste caso atrapalha. Por isso mesmo, permita-me detalhar o óbvio.

Da parte da Alemanha:

1) A Alemanha nos anos 30 enfrentou uma hiperinflação e uma alta taxa de desemprego, vinculadas às indenizações da primeira guerra mundial e à crise mundial iniciada em 1929;

2) A Alemanha de então tinha poderosos fatores para se temer a ascensão do extremismo político pela direita:

a) A recente derrota na primeira guerra mundial de uma nação particularmente orgulhosa de seu “Império”, circunstância que favorecia a ascensão da xenofobia, entre outros males;

b) A tentativa de revolução socialista na Alemanha em 1919, conjugada com o relativo fracasso de quase meio século de combate político e de repressão aos socialistas/comunistas na Alemanha por parte da elite germânica (que inclui tanto as famosas leis anti-socialistas, quanto as concessões trabalhistas do final do século XIX e início do século XX na tentativa de conter o avanço da influência socialista);

c) O fracasso continuado dos governos, desde os anos 20, em recuperar a economia alemã e conter a superinflação e o desemprego. O fato do Partido Social Democrata da Alemanha estar nestes governos o desmoralizou como alternativa. Entendo que, em períodos de crise intensa, o “centro” político costuma perder espaço para as soluções mais extremas (pela esquerda ou pela direita).

3) A existência da URSS. Há evidências, indicadas por historiadores, da ambição da parte de elites internacionais de jogar a Alemanha contra a URSS, em uma guerra de destruição mútua. A mobilização social necessária para uma guerra destas proporções exige governos muito fortes.

4) A natureza do projeto nazista já tinha sido tornada pública pelo livro de Hitler.

Fiquemos nisso, o suficiente para indicar um imenso potencial de avanço da extrema direita alemã, naquela época, e da violência contida neste ameaça, com amplo apoio da classe capitalista alemã e internacional.

O grande mito que eu particularmente vejo nesta história é a crença que o apoio do PC da Alemanha ao PSD seria suficiente para barrar Hitler (nem mesmo depois da eleição, pois a soma dos deputados do PC e do PSD, em 1932, foi inferior à bancada nazista). Esta interpretação demonstra, no meu entender, uma profunda incompreensão quanto às razões da ascensão do nazismo. A extrema direita cresceu pelo fracasso da direita tradicional e do PSDA em enfrentarem a grave crise que vivia a Alemanha. O apoio do PC da Alemanha ao PSD seria um apoio a uma política recessiva de elevado desemprego e hiperinflação. Só uma agenda econômica heterodoxa poderia mudar esta realidade. Sendo assim, acho mais provável que o apoio do PC a esta política resultasse no aumento da rejeição também ao PC, e não um reforço a posição do PSD. Seria um “abraço dos afogados”.

Não digo que a opção do PC da Alemanha tenha sido a melhor. Não foi. O correto seria buscar uma frente antinazista simultaneamente a defesa de um programa heterodoxo de enfrentamento da crise (e só o sucesso desta defesa é que poderia fazer frente a ascensão nazista). Só lembro que o todo pode ser menor que a soma das partes.

Quanto ao Brasil:

1) Embora em crise, o Brasil está muito longe da situação dramática da Alemanha dos anos 30. Além disso, a história do povo brasileiro inclui um componente de adaptação (o “bico” do trabalho precarizado) muito maior que a experiência alemã. Em um governo do PSDB, o aprofundamento da crise levaria (como levou no governo FHC) a uma desmoralização deste partido e de seus aliados (que inclui a versão brasileira de fascismo), e não ao seu fortalecimento;

2) Acredito (e isso é uma aposta que precisa de mais evidências científicas) que a maioria de nosso povo rejeite uma nova ditadura militar (embora existam muitas pessoas do povo que defendam isso). Por outro lado, a alta classe capitalista sabe muito bem que o PT não tem nada de revolucionário (vejam o apoio apaixonado de setores do agronegócio aos governos do PT), assim como não houve nada parecido com a Revolução Alemã de 1919, no Brasil. Os revolucionários aqui representam uma parcela extremamente pequena da população, enquanto que na Alemanha eles tinham muito mais força.

3) Não há um projeto internacional de fazer o Brasil uma potência militar para jogar contra quem quer que seja. Não há uma URSS na América Latina.

4) Comparar Aécio a Hitler... perdoe, mas já acho que seja pura apelação. E nem o PSDB é o partido nazista. O próprio Atílio Boron admite esta obviedade. Como o mundo não é preto e branco, nem digital (0 ou 1), isso não isenta o PSDB de ser uma desgraça para o povo. Apenas tenta restabelecer “as devidas proporções históricas”.

No que se refere à América Latina: o governo de FHC foi muito ruim para o Brasil, mas isso não impediu que a Venezuela avançasse com Chavez. Quando os parentes políticos do PSDB na Venezuela tentaram o golpe contra Chavez, em 2001, o submisso governo pró-imperialista tucano não deixou de contribuir para barrar o golpe contra Chavez (claro, foi o povo da Venezuela junto com as forças armadas que conseguiu detê-lo). E o governo FHC também fez negócios com Cuba.

O que eu quero dizer é que, se Aécio fosse repetir (não vai porque deve perder a eleição) a política externa de FHC, o governo federal iria se aproximar mais dos EUA, mas a própria lógica dos negócios manteria limites na postura pró-imperial. Até a ditadura militar brasileira, no governo Geisel, apresentou pontos de distanciamento dos EUA. Nossa classe capitalista é carcomida, escravocrata, culturalmente colonizada, subserviente aos EUA, mas ela também tem seus próprios interesses de negócios. E no momento, com a política do PT, muitas empresas brasileiras estão lucrando na América Latina.

Um eventual governo do PSDB seria de fato muito ruim. Como também será o novo governo do PT. Olhando de uma forma multidimensional, concordo que o PSDB tenderia a conseguir ser pior em muitas dimensões consideradas, mas não seria um governo nazista e não seria o fim do Brasil. Além disso, insisto: o próximo governo será tão pior quanto menor for a conscientização política, organização e mobilização popular. O propósito do voto nulo é tentar travar este embate já de agora, tentando evitar uma contribuição ao fortalecimento do projeto petista (uma renovação das ilusões), cuja natureza avaliamos que não mudará no próximo governo, e que ainda trará graves mazelas ao nosso povo.

Em síntese: a analogia adotada por Atílio Boron me parece inadequada. E, por consequência, suas conclusões.

Esta questão merece uma avaliação mais extensa e aprofundada, mas de momento, fico por aqui.

Atenágoras

5.O fascismo com esta sua nova roupa

27 de september de 2014

http://www.leituras.eu/o-fascismo-com-esta-sua-nova-roupa/?utm_content=buffer5e11c&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer#sthash.fQefOC4L.KrKbg5sz.dpbs



1. No começo de Julho, ia começar a escrever uma crónica sobre o insucesso individual quando me apareceu no ecrã aquela

parada *rambo-style* de AK-47 e bandeira negra proclamando a restauração do Califado pelo Estado Islâmico no Iraque e na Síria. Foi uma espécie de curto-circuito entre passado e presente, o ponto em que o fascismo volta com a sua mais nova roupa. Califado? Estado Islâmico? Aquilo era um exército demente no momento do seu sucesso. E desde então não ficou mais fraco, como esta semana o provou.

2. O nome tem variado, consoante o processo e as traduções: ISIS (Islamic State in Iraq and Syria), ISIL (Islamic State in Iraq and the Levant), IS (Islamic State). O elemento comum é Estado Islâmico, que agora parece ter-se fixado como nome completo. Depois do vídeo com a decapitação do repórter James Foley, que vi na versão sem os dez segundos da decapitação para ouvir o que e como era dito, pasmei com o mapa das zonas tomadas por eles. As margens do Eufrates, ao longo do Leste e do Norte da Síria, por onde viajei de transportes públicos, exactamente em Agosto, há apenas cinco anos. O Norte do Iraque, que corri com um tradutor sunita, e depois sozinha entre curdos, quando começou a guerra, em 2003. Hoje parece simplesmente outro milénio, como se os demónios da caixa então aberta se reproduzissem à velocidade com que teclamos. Aldeias, vilas, montanhas, cidades tomadas por carros potentes, com homens fardados de negro, que guiam como nos maus filmes de Hollywood, disparam como nos jogos de computador e filmam trailers com banda sonora, efeitos especiais e legendas sinistras: “Agora é a nossa vez.”

3. O interminável perfil das espingardas ao poente, o desfile triunfal dos mísseis, as bombas por controle remoto: todos os filmes postados pelo ISIS na Internet têm armas, tiroteios, explosões, execuções e combatentes louvando a camaradagem na jihad. Quem precisa de Leni Riefensthal ou do Rambo quando tem redes sociais? Hoje, o Twitter suspende as contas? Amanhã será um suporte chamado Diaspora. Nunca foi tão rápido ser fascista, se o dinheiro não é problema: para a propaganda, para o arsenal e para a recruta. Captura de zonas petrolíferas, extorsão, resgates, saques, tráfico de antiguidades, donativos, tudo somado e o líder do ISIS entra para a lista de bilionários da Forbes.

- See more at: http://www.leituras.eu/o-fascismo-com-esta-sua-nova-roupa/?utm_content=buffer5e11c&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer#sthash.fQefOC4L.KrKbg5sz.dpuf

13/dez/2014, 5h00min

6. Quem é fascista? De onde vem? Como vem?

Paulo Ghiraldelli - Filósofo

<http://www.sul21.com.br/jornal/quem-e-fascista-de-onde-vem-como-vem-por-paulo-ghiraldelli/>

Quem é fascista?

“A direita defende os ricos e a esquerda defende os pobres”. Não há nenhum julgamento de valor nessa frase. Ela é uma verdade histórica. Direita e esquerda eram posições espaciais na Assembleia francesa nos tempos revolucionários, e a denominação vem daí. O juízo de valor que se acoplou à frase é posterior. Uma vez que o mundo moderno se fez assim pela vitória da moral burguesa do trabalho sobre a moral do ócio dos antigos abastados, e à medida que Jesus já havia dito que era mais fácil o camelo passar pelo buraco da agulha que o rico entrar no Céu, a frase acima ganhou um juízo de valor.

Todavia, entre frases assim e frases políticas com consequências mais dramáticas há um fosso. Ou seja, entre teses simples e destinos existe a prática. Na vida política o que ocorreu foi que entre ricos e pobres surgiram outras verdades. A ideia de reconhecidos e satisfeitos e não reconhecidos e insatisfeitos nunca deixou de existir. Ela deveria ser espelhada na divisão entre ricos e pobres. Mas não foi exatamente o que ocorreu. Os processos revolucionários de 1776, 1789 e 1917, para citar três grandes marcas em três grandes nações, Estados Unidos, França e Rússia, mostraram que havia entre o estudo da economia e da política uma outra necessidade, o estudo da psicologia social e política.

Os fenômenos revolucionários comandados pela chamada “burguesia” e, depois, pelo chamado “proletariado” mostraram um estranho movimento que desde Caim e Abel estava anunciado: a inveja provinda da não satisfação, a não satisfação provinda do não reconhecimento. Não à toa Hegel dedicou um dos seus mais célebres escritos ao reconhecimento, no trecho tido como a “dialética do senhor e do servo”. A verdade é que nos processos revolucionários contou mais, muitas vezes, não o simples ódio, mas o desejo de tomar do outro o que Locke havia dito que não podia ser tomado: propriedade, entendida aí também como propriedade ao pensamento livre também, a consciência, e propriedade do corpo. Por isso os filósofos às vezes culpam Rousseau por tudo isso.

Rousseau foi quem disse que a propriedade é algo de quem cerca a terra e, então, cria males, cria a propriedade como um ato ilegítimo. Daí para diante, tudo que se faz é tentar ou tirar a propriedade que é vista como ilegítima na mão de quem ela está ou então cobrar impostos altos de quem a possui. Os movimentos de esquerda e de direita podem então deixar ricos e pobres de lado, e ficar apenas com insatisfeitos e não reconhecidos. Podem usar essa força motriz. Podem tomar o estado e direcionar expropriações e taxações. A vingança no horizonte é luz do melhor mel na boca dos perdedores que esperam o vingador para lhes dar o gozo que acham que merecem.

Daí a semelhança entre a figura de Stalin e de Hitler. Ambos vieram de fracassos diante de intelectuais sofisticados, de gente que podia ter as melhores mulheres e até mesmo exibir homossexualismo, de pessoas que sabiam apreciar a modernidade e a urbanidade e, enfim, de gente que havia optado pela revolução sem ter passado necessidade e sem ter de implorar reconhecimento. O ódio mortal à esquerda liberal, que podia ler e comer caviar. Isso os fazia possessos! Hitler e Stalin se olhavam nos olhos e sabiam bem que a Guerra se travaria entre eles ali mesmo, no campo da velha Europa, e que tudo dependeria de evitarem a entrada na Guerra dos liberais, ou seja, dos amigos dos ingleses, a América. Falharam nisso. E perderam. Um perdeu no

braço, ou outro demorou mais, mas ruiu sozinho perante burocracia, KGB e filas.

Eles se olhavam nos olhos e se compreendiam porque ambos fomentaram o que havia de pior neles mesmos e isso é o que havia de pior em seus povos: o culto do desprezo. Não à toa Hitler chamou seu movimento de “nacional socialismo”. O socialismo em sua pátria era um movimento de intelectuais e cosmopolitas, de fundo marxista – um marxista de quem havia lido antes de tudo os clássicos. Os homens da social democracia marxista europeia eram homens cultos. O movimento de Hitler, então, queria apenas a vingança embutida no peito do socialista de ocasião, ou seja, o desejo de arrancar a propriedade e talvez a vida do dito privilegiado. A ideia básica era pedir dinheiro para os grandes empresários de modo a protegê-los da “ameaça do comunismo”, tira-los do jugo dos banqueiros judeus que cobravam juros do parque industrial alemão, polos de igual diante dos empresários das “potências imperialistas” que bloqueavam a entrada da Alemanha no mercado e no neocolonialismo. Os que não cedessem seriam expropriados ou então administrados por “quadros do partido”, já chamado “nazista”. Foi assim que a coisa vingou.

Capital e estado, bem requalificados, foram casados e o sacerdote da união foi o próprio Papa da nova era, Hitler. Ele, aliás, deu a fórmula para Mussolini, Franco, Salazar e, depois, para tantos outros como os Pinochets da vida. Os padrinhos? Ah sim, um exército armado de vingadores de todo tipo. Os oficiais da velha guarda? Ora, esses prussianos tinham honra, brio e honestidade, e foram assassinados e trocados por gente da SS. Hitler rapidamente mudou toda configuração do estado. A censura e a perseguição fizeram o resto, nas fábricas e nas universidades. Os assassinatos de opositoristas, então chamados de “comunistas” ou simplesmente tidos como “impuros” por não virem do mito “da raça de super homens”, passaram a ser frequentes. Depois, o cheiro dos judeus no forno veio até a não incomodar as cidades, pois durante muito tempo a letargia da guerra fez todo nariz não sentir mais nada.

Não foi nenhum teórico do nazismo que pensou nisso tudo como possível. Foi um teórico do socialismo. Foi Marx quem viu que essa barbárie poderia ocorrer. Só que ele não pensou no nazismo, inexistente na época dele, uma época em que o inimigo parecia ser a doutrina liberal. Ele pensou no próprio socialismo. Ele falou em “comunismo de inveja”. Ou seja, ele alertou para forças horríveis entre os insatisfeitos, as forças que poderiam fazer do comunismo não algo esperançoso, mas apenas um movimento de revide, o surgir de um Rousseau-Frankstein, que muitos acham que é o único Rousseau possível. Nietzsche, Freud e os filósofos de Frankfurt apenas complementaram a tarefa de Marx, de ver a possibilidade do monstro. Quando o nazismo foi derrotado, então os estudos sobre quem eram os nazistas e qual personalidade dava margem para aceitar a ideias fascistas praguejaram as prateleiras das livrarias. De 1945 para cá não fazemos outra coisa senão isso: ver nas utopias do trabalho – liberalismo, socialismo e fascismo – onde está o germe de não reconhecimento que pode brotar fazendo-nos herdeiros de Deus-Caim-Abel.

Olhar o facebook dos que aderem ao fascismo, aos que brigam fanaticamente em favor de parlamentares de extrema direita, basta para entendermos muito dessa história toda. Observando os fanáticos, note-se o tipo de fanatismo: pensam que o melhor regime é aquele que põe os ricos no paredão ou que tripudia sobre intelectuais e professores ou que menospreza a arte

aparentemente incompreensível ou que idolatra a mulher-mãe em detrimento de outros tipos ou que fomenta a homofobia ou que é visivelmente racista e xenófobo. Encontram-se semelhanças entre gente que aparentemente estão em polos opostos. Fracasso sexual estampado no rosto (ou disfarce que só denuncia isso mesmo), emprego ruim ou não emprego, escola ruim ou não escola: eis aí a escória da mundo, os rejeitados, o medíocres. São os insatisfeitos. Às vezes ricos, mas na maioria, classe media imbecilizada. Capacidade cognitiva? Baixa. É o prato com todos os alimentos do nazismo ou do “comunismo de inveja”. Filmes como *Uma outra história americana*, *O leitor*, *A fita branca* e *Uma mulher contra Hitler* dão todos esses ingredientes para saber como que se pode gerar o nazismo. Dão os ingredientes que Deus usou para não reconhecer Abel, e sim Caim, e gerar a inveja, o ódio, a morte. Uma sociedade liberal democrática mensura sua sobrevivência na capacidade de gerar possibilidades de *reconhecimento* para todos. Deve diminuir a inveja social. John Rawls sabia disso. Nozick também, e achava que a solução de Rawls iria só piorar. Não sabemos o certo, estamos nessa encruzilhada, talvez pensando que essa dupla alternativa é pobre. Mas sabemos que a vitamina do nazismo está ali sim, no perfil de cada fracassado que podemos notar no facebook. Eles mesmos abrem o jogo.

O comunismo morreu, mas o nazismo não. Porque ele se alimenta de um traço do comunismo, o “comunismo de inveja”, denunciado por Marx. Todas as vezes que o ódio a um grupo ou a uma pessoa reconhecida, feliz e, principalmente, culta, é aberto, cuidado, Hitler e Stalin estão conversando no Inferno.

8.Direita versus Esquerda

Francisco Razzo.

O nazismo é igual ao fascismo, os homens morrem e matam pelo Estado e para o Estado forte. Isso tem traços de positivismo, mas também tem traços de totalitarismo de esquerda, a la Stalinismo. Não seria exatamente esquerda na concepção utópica de igualdade e liberdade, nem seria direita na concepção liberal conservadora.

O regime de Pinochet é um exemplo de que um governo de direita pode ser regulador da economia, altamente intervencionista e além de tudo restringindo a LIBERDADE dos cidadãos. Conclui-se que o modelo que afirma que Nazismo cabe somente o título de esquerda, cai por terra diante de exemplos de direita intervencionista. Extrema direita e Extrema esquerda se equacionam no final das contas, se igualam!

Uma observação didática muito pertinente do Caco Tirapani:

" Em resumo, os argumentos que defendem que o nazismo é de direita baseiam-se na preservação dos termos comuns ao debate político da época, é uma visão HISTORICISTA. Os argumentos que postulam o nazismo como de esquerda partem de definições conceituais das posições políticas de esquerda e de direita, é uma visão IDEALISTA. Tendo a concordar com esta última. "

Alguns comentários que eu transcrevo aqui, pois são visões diversas e que aprofundaram a discussão. Quem quiser ver toda a discussão entra no perfil do Francisco Razzo.

" Richard J. Evans é, sem sombra de dúvidas, o maior especialista do Nazismo na atualidade. Ele é autor da monumental obra em 3 colossais volumes: "A chegada do Terceiro Reich", "O Terceiro Reich no poder" e, por último, "O Terceiro Reich em guerra".

Ele usa a expressão "extrema-direita" para se referir ao movimento de Hitler. Como eu não tenho apego ideológico a certos termos, principalmente "extrema-direita", então eu também adoto-o, com ressalvas, pare fazer referência a certos regimes do início do século XX.

Bom, entre Evans e esse pessoal que vive de "desafios" para conseguir umas curtidas, seguidores, aplausos, fama e etc, eu realmente fico com o grande historiador britânico.

Alguns amigos já enviaram-me comentários de pessoas me difamando por causa dessa celeuma gerada por eu eu ter feito a referência ao Nazismo como de "extrema-direita". Fiquem à vontade. Eu não tenho problemas em dizer que lido com certos termos de maneira relativa e "flexível", sem paixões estúpidas.

Enquanto isso, já que não aceito desafios dessa natureza, estou seguindo com a leitura atenta do segundo volume da obra do Saul Friedländer, "A Alemanha Nazista e os Judeus". " [Francisco Razzo](#)

Concordo com a postura de professor do RAZZO!

A discussão sobre Nazismo ser de "extrema-direita" rendeu até este texto do Roger A. Scar. Vale a pena lê-lo!

<http://modoespartano.blogspot.com.br/.../sobre-nazismo-razzo-...>

O comentário do [Caco Tirapani](#) sobre a visão crítica da História, MUITO BOM:

" Quanto ao papel do historiador, e a importância dos documentos e das fontes, é fundamental saber que o documento histórico não é um registro de um narrador ONISCIENTE, mas um vestígio eivado de idéias políticas por dentro e por fora. Se isso não for tratado de forma CRÍTICA não é possível escrever a História. Continuar usando a qualificação de "direita" para o nazismo só porque Moscou estabeleceu essa narrativa (como propaganda política), significa reproduzir o discurso político do nosso objeto de estudo, sem colocá-lo à prova. Significa aceitar o discurso como verdadeiro, e não submetê-lo à crítica. Ao fazer isso contribuímos para fortalecer a narrativa dos vencedores e da história oficial (de esquerda, diga-se de passagem).

Se os nazistas tivessem ganhado a Guerra, hoje diríamos que o holocausto é teoria da conspiração, que Churchill era comunista, e que Stálin era sionista."
CACO TIRAPANI

"Caco Tirapani, só um ponto nos seus argumentos, o nazismo era contra a luta de classes." DANIEL DE OLIVEIRA

O comentário do Vinicius Silva sobre a concepção REVOLUCIONÁRIA que mobilizam tanto a esquerda quanto a direita.

" Direita e esquerda estão amarradas a uma visão revolucionária, seja como reação destrutiva, ou como reação a destruição.

O revolucionário se prende a um futuro utópico; o reacionário, a um passado perene utópico; ninguém consegue manter-se no presente, pois é pressionado a escolher.

Tanto direita quanto esquerda podem ceder a impulsos COLETIVISTAS IRRACIONAIS, quanto andorinhas migrando, por sobrevivência, e não por razão, ou por buscar uma verdade que transcende à sobrevivência pura e simples.

Os anarcos se prendem a um presente de pura sobrevivência, ficam no centro, e mantêm a ambos.

Toda história humana definida por coletivismos e determinações de quem manda, criava estados totalitários; a ditadura de César, era de esquerda?"

VINICIUS SILVA

"A diferença entre um direitista com alguém de extrema direita, leia-se nazista, é uma questão de caráter, é um abismo a diferença entre pontos de vista. Agora, a diferença entre um socialista e um comunista, do tipo URSS, é uma questão de grau, uma questão de ter a ideia levada mais a sério." Carlos Gasparette

" Como diz meu amigo Horacio Neiva, "pra esse povo, a coisa é assim: tudo o que eles NÃO gostam é de esquerda". "Esquerda" virou adjetivo e não um termo descritivo. A ditadura brasileira foi de esquerda ou direita? Vão me dizer que Fascismo de Mussolini era de esquerda também?

E aí pessoal da direita: os donos de escravos no século XIX que defendiam o livre mercado, eram de esquerda ou de direita?

No boa, pensar que há "direita" e "esquerda" ao invés de "direitas" e "esquerdas" ao longo da história é atribuir uma qualidade para os termos muito além do que a própria carga semântica deles: ou seja, serem relativos para descrever estados de coisas DENTRO de um contexto de ideias opostas.

Volto a insistir: uma das coisas mais elementares no exercício da história comparada é levar em consideração um dos problemas MAIS DIFÍCEIS sobre a descrição e compreensão desses regimes históricos: a impregnação da linguagem adotada na época pela terminologia de cada um dos movimentos, seja Nazismo, Comunismo etc etc. Só a terminologia da Alemanha nazista já é um parto e eu recomendo o livro do Victor Klemperer que trata disso. Estamos lidando com problemas semânticos e da gênese de sentido. Quando se adota direita e esquerda à luz da nossa própria experiência, então já não estamos mais falando em compreensão histórica, mas juízo ideológico. Nazismo, no contexto daquela experiência terminológica, era de extrema-direita e por uma infinidade de razões históricas. Pra eu colocá-las aqui, escreveria um livro de 1000 páginas."

FRANCISCO RAZZO

"Gostei muito do livro que acaba de sair, de Paolo Bellinazzi - L'utopia reazionaria (a utopia reaccionaria) - que analisa os argumentos que nazismo e comunismo apresentam como defesa de suas próprias teses e demonstra que o nazismo e o comunismo, contrariamente à opinião geral de que são ideologias opostas, têm matrizes comuns: os dois combatem o livre mundo burguês do mercado e dos Estados parlamentares, os dois casam com a "Gemeinschaft" contra a "Gesellschaft", a comunidade arcaica (aquela em que o indivíduo é só parte de um organismo) contra a sociedade moderna dos

indivíduos singulares (e, enquanto tais, em livre relação entre si), os dois opõem-se ao individualismo e são partidários do organicismo social." FLAVIO FARIAS

" Faz todo o sentido dizer que tais termos (direita e esquerda) são RELATIVOS. Não faz sentido nenhum dizer que são absolutos. E podemos falar em esquerdas e direitas, embora me pareça que o espectro político seja um círculo, de maneira que os extremos estão sempre muito próximos. Quanto mais para a extrema-direita se vai, mais próximo da extrema-esquerda se chega...e vice-versa. O "extremo" parece uma espécie de terceira via sectária.

A realidade é que a definição ESQUERDA-DIREITA flutua de acordo com fatores históricos. Não podemos negar que é essa a realidade, é o que acontece. Afinal, ninguém hoje vai falar em direita e esquerda desenterrando os girondinos e os montanheses. Tratar direita e esquerda absolutamente exige abraçar uma teoria que as defina, a qual, como já disse o Francisco Razzo, implica necessariamente em ideologizar a discussão. Não é inválido discutir dessa forma, mas é preciso deixar claro o sentido em que se emprega o antagonismo para preservar uma cientificidade mínima." FELIPE DIAS

" O Estado Moderno, de onde brotam tanto a esquerda como a direita, é essencialmente totalitário e violento. É por isso que quanto mais "puras" forem as suas formas de manifestação, mais parecidas entre elas." CELSO NOGUEIRA

"Toda essa confusão terminológica se dá pelo fato de que atribuí-se caráter normativo aos termos "direita" e "esquerda" e não meramente descritivos. Eu estou circunscrevendo os termos em sentido stricto e muitos aqui em sentido lato. Eu tenho paciência na discussões, não tenho apego ideológico a terminologias políticas. Por isso não tenho esse ímpeto de sair por aí ofendendo ou desafiando os outros, como se tivesse num campo de batalha ideológico, só por refletir certos temas.

Não lido com "critérios universais" para análise da história. Categorias como direita e esquerda são descritivas de um certo estado de coisas, só. Dar ênfase maior que isso a elas é cair no discurso ideológico. Quando eu digo que sou de direita -- embora não goste muito de usar os termos -- é para me opor a um determinado estado de coisas bem claro para os meus interlocutores. É uma classificação não normativa, mas descritivas de uma condição de oposição." FRANCISCO RAZZO

" 1) O argumento da declaração de intenções socialista – aqui é dito que como o marxista declara “quero igualdade, e os outros não querem”, logo o nazismo não pode ser declarado de esquerda (o erro grave aqui é tomar a propaganda como comprovação de comportamento)

2) O argumento da confusão de categorias – aqui é dito que como o nazista não é marxista, logo não é esquerdista (o erro é confundir o leitor achando que só marxismo é esquerdismo - é o mesmo que dizer que Vasco não é time de futebol, pois se fosse seria o Flamengo, mas na verdade ambos são times de futebol)

3) O argumento ad populum tradicional – aqui é dito que vários historiadores já fizeram a declaração de que “nazismo é de direita”, então devemos aceitar (o erro é confundir as declarações de uma época como validação de fatos – se fosse assim, hoje a maioria dos jornalistas diz que PSDB é extrema-direita e o PT é centro-direita, logo...)

4) O argumento do não-purismo – aqui é dito que o nazismo permitiu um mercado amplo (o erro é dizer que só é esquerdismo se o socialismo for levado ao extremo, como em Cuba e Coréia do Norte)

5) O argumento das declarações vagas – aqui os termos direita e esquerda são esvaziados de sentido, para dizer que “nazismo é direita” (o erro está na contradição, pois se direita e esquerda não tem mais significado algum, como alguém pode classificar nazismo de direita? na verdade, o esvaziamento completo dos termos direita e esquerda fariam o nazismo ser 'tão direita quanto esquerda', mas também poderia ser 'nazismo é uma macarronada')" LUCIANO HENRIQUE AYAN

"Hitler achava que o maior erro econômico de Lênin tinha sido determinar que os membros do partido controlassem a indústria, além de matar e expulsar os diretores capitalistas.

(...) [Hitler] Considerava-se um socialista e a essência de seu socialismo estava na idéia de que todo indivíduo ou grupo deveria trabalhar, sem hesitação, para a política nacional. Portanto, não importava quem fosse o verdadeiro proprietário de uma fábrica, desde que aqueles que a gerenciavam obedecessem. O socialismo alemão, disse ele a Hermann Rauchsning, não estava baseado em nacionalização: “Nosso socialismo atinge camadas muito mais profundas. Não muda a ordem externa das coisas, ordena apenas a relação do homem com o Estado... De que serviriam renda e propriedade? Por que precisaríamos socializar os bancos e as fábricas? Nós estamos socializando o povo” Ao enunciar o seu Plano de Quatro Anos (que, como o de Stálin, era um mero exercício de propaganda), disse que o trabalho do Ministério da Economia era apenas o de “apresentar as tarefas da economia nacional”; depois, “a economia privada as realizaria”. Se a economia privada se furtasse de suas obrigações, então o Estado nacional socialista saberia como lidar com o problema" (Paul Johnson, Tempos Modernos, p.246) FLAVIO FARIAS

"Eu acho engraçado alguém especular que o nazismo não fosse "de direita" quando era a opção mais "conservadora" diante do fracasso público dos social-democratas da república de weimar e dos socialistas. Nazismo acaba sendo o patinho feio da história, e quem se considera de direita quer jogá-lo para a esquerda, como se ele não tivesse recebido apoio de diversos industriais influentes (vulgo "capitalistas") na época. Talvez as pessoas tenham em mente o nazismo da época da segunda guerra, com todas as arbitrariedades e evidentes crimes contra a humanidade, mas se esquecem de como o partido chegou ao poder e contra quem eles se posicionavam." IGOR SALTON

* É digno de nota o debate entre [Paulo Junio de Oliveira](#) e o Luciano Aydan. Uma verdadeira aula de debate filosófico, onde surgem sofismas, falácias, etc. Em alguns momentos o Luciano apelava para o chamado argumento de bolso, um argumento que ele não conseguia provar, apenas criticava os livros de Voegelin e Hanna Arendt que afirmam que nazismo seria de extrema-direita, dizendo que tais autores faziam propaganda e o Paulo esgrimava apontando as falácias do argumento...Quando confrontado pelo Paulo, o Luciano dizia o conceito dele de nazismo e tudo o que saísse do conceito dele, dito de forma arbitrária, ele dizia que a pessoa estava sucumbindo a uma propaganda esquerdista. O erro do conceito do Luciano é que ele conceitua DIREITA sob o aspecto da NÃO intervenção do Estado e quando uma outra pessoa falou do

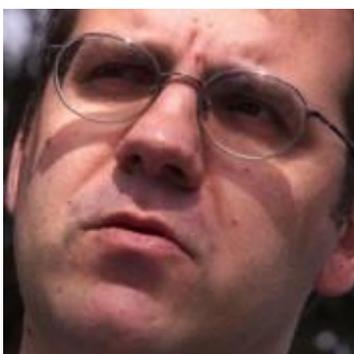
exemplo prático do Pinochet, ele disse que este exemplo era uma mancha na direita.

Por isso que eu sustento a hipótese que nazismo NÃO é nem extrema-esquerda, nem extrema direita. É uma terceira via que entra este mix de regime como é o caso também da ditadura do Pinochet que nunca pode ser conceituada por uma direita liberal conservadora.

Bem, a discussão está aberta, o perfil é público: <https://www.facebook.com/franciscorazzo?fref=ts>

9. Manual do bom fascista (ou não)

13 de janeiro de 2015 por [as minhas leituras](#) [deixe um comentário](#)



1. O fascista nunca ofende. É sempre ofendido.
2. O fascista coloca a honra acima de tudo. A dele.
3. Exceção feita, por vezes, «ao meu Benfica».
4. O fascista tem sempre razão.
5. O fascista tolera pretos, desde que saibam o seu lugar.
6. E joguem bem.
7. O fascista respeita as mulheres e só lhes bate quando estão a pedi-las.
8. O fascista não gosta de ser chamado fascista. Acha que o retrato não lhe faz justiça.
9. E a justiça é muito importante para o fascista. Ele não suporta injustiças.
10. O fascista é sempre justo, mesmo quando reconhece que «exagerou um bocadinho».
11. O fascista não pensa. Ele é mais que a modos de que um homem de assão.
12. O fascista é contra o acordo ortográfico. Pelo direito a continuar a escrever no verdadeiro português de Tentúgal.
13. O fascista não tem saudades de Salazar.

14. Acha apenas é que Portugal precisava de um outro Salazar.

15. Alguém que pusesse isto nos eixos. Ou no eixo.

16. O fascista tem saudades de quando Portugal era Grande.

17. Até porque «eles gostavam de nós».

18. E sabe que a descolonização foi muito mal feita.

19. Agora vão lá para a terra deles.

20. O fascista acha que os políticos são todos corruptos.

21. E que isto só vai lá com uma grande mudança.

22. E por ele ia tudo preso.

- See more at: <http://www.leituras.eu/manual-do-bom-fascista-ou-nao/#sthash.xC52O1Ge.dpuf>

10.CIENTISTAS POLÍTICOS AMERICANOS: "FASCISMO A SERVIÇO DAS CORPORações".

Tradução do russo: Giovanni G. Vieira - "MAXPARK"--- 12/7/2014

Comentário do tradutor: E que se traduz também na sua participação, na maioria das vezes camuflada, em partidos políticos, governos, meios de comunicação ditos "liberais, bem como em outras instituições, inclusive militar, (braço armado) para a consecução de seus objetivos nefandos contra a democracia, o país, os direitos humanos, a classe trabalhadora e o povo como um todo.

Não podemos esquecer o que representa esta ideologia perversa, infame e macabra, responsável direta pelo extermínio de milhões e milhões de seres humanos antes, durante e depois do fim da Segunda Guerra Mundial.

A humanidade é testemunha dos crimes hediondos, das atrocidades da "peste marrom" (nazi-fascismo).

Só os mentalmente insanos e destituídos de caráter e moral conseguem defender e exaltar os "valores e princípios" do fascismo.

=====
=====

O fato da ajuda norte-americana aos oligarcas que tomaram de assalto o poder em Kíev e Dnipropetróvsk, e que realizaram operação punitiva em Novorossía, ---não é apenas pragmatismo cínico na defesa de seus objetivos. É também tradição: Os Estados Unidos nunca foram antagonistas do fascismo. Para

efeito de ilustração, vale a pena uma breve história de uma longa e frutífera cooperação entre os Estados Unidos e os nazistas.

Abrigo americano para criminosos de guerra nazistas na América:

Em 2010, um jornalista do New York Times publicou uma série de artigos com base no relatório do Departamento de Justiça dos EUA, contendo provas sobre o trabalho do governo americano com criminosos de guerra nazistas.

A CIA, organização "inocente" de espionagem dos EUA, colaborou com Otto von Bolshvingom, indivíduo que desenvolveu um plano de limpeza étnica contra os judeus que viviam na Alemanha nazista. Em 1954, o governo americano concedeu asilo a Bolshvingom, depois do que ele passou a trabalhar para a inteligência americana.

Outro que trabalhou para a CIA foi Arthur Rudolph. Ele era um grande especialista em foguetes e foi indicado ao prêmio NASA. Em 1945, os Estados Unidos receberam o construtor de foguetes Wernher von Braun, que passou a trabalhar no centro cósmico em Alabama, e, anos mais tarde, tornou-se seu diretor. No passado, von Braun foi oficial da SS quando esteve envolvido na morte de prisioneiros submetidos às condições de trabalho desumanas em oficinas subterrâneas localizadas em campos de concentração. O valor para o governo americano de nada menos do que dez mil criminosos de guerra, entre os quais havia cúmplices ucranianos liderados por Stepan Bandera, foi grande.

O governo dos EUA estava pronto para aceitar e trabalhar, mesmo com o diabo, para ganhar a "guerra fria", sem considerar o lado moral da questão, algo que não interessava os governantes dos Estados Unidos.

Isto está evidenciado na colaboração com personagens como Mikóla Lébied -- fundador do serviço de inteligência OUN, ligado ao "Setor Direito". "Svobóda" e "Stepan Bandera", organizações políticas nazi-fascistas reverenciadas na Ucrânia de hoje. Estas organizações de criminosos de guerra são responsáveis diretas pelo extermínio de milhares e milhares de ucranianos, poloneses, russos e judeus ---segundo dados do Ministério da Justiça dos Estados Unidos.

O fascismo está firmemente enraizado na elite norte-americana e nas atitudes e perspectivas dos representantes específicos do "establishment" político dos EUA, representantes de grupos financeiros e industriais.

Sem dúvida isso se reflete nos objetivos e métodos de ação da política de Washington, tanto no plano interno como externo.

A confirmação disto está no livro " DEMOCRACIA PARA POUCOS" do cientista político norte-americano Michael Parenti, onde o autor revela o financiamento concedido pelo FBI à "Organização Armada Secreta". A organização especializou-se em assaltos, roubos, sequestros e assassinatos de pessoas. Segundo dados obtidos por Michael Parenti, o FBI criou na Carolina do Norte 41 filiais da Ku-Klux-Klan. Do mesmo modo, de 1969 a 1972 a direção do serviço de inteligência das forças armadas americanas

comandou as atividades da organização nazista "Legião da Justiça. O cientista político americano mostra como os serviços de espionagem dos EUA usavam neonazistas na organização do terror contra ativistas dos sindicatos norte-americanos, contra movimentos e entidades pacifistas e movimentos ecológicos. Todas essas ações podem ser chamadas de ações no interesse nacional, mas na verdade não passavam e não passam de cooperação dos Estados Unidos com elementos nazi-fascistas e criminosos de guerra ---não são casos excepcionais, mas um trabalho sistemático e consistente.

O escritor americano John Goldberg em seu livro "Fascismo Liberal" -- história das forças de Mussolini a Obama --- mostra que o fascismo não é apenas a versão americana do liberalismo, mas juntou-se a ele para formar uma rede ideológica. Como os nazistas no passado, os liberais modernos contribuem para o declínio dos valores cristãos tradicionais, diferente tipo de pregação de cultos pagãos para justificar a queima de livros, segregação racial, perseguição às forças e partidos de esquerda e progressistas.

O cientista político norte-americano B. Gross em 1980 introduziu o léxico político, o termo "fascismo amável", a nova face do poder nos Estados Unidos - --South End Press, 1980, marcando o surgimento de uma nova forma de política totalitária.

Em contraste com o nazismo alemão e o fascismo italiano --- um mecanismo mais sutil, que usa a tecnologia de supressão indireta, para justificar a necessidade de proteger os direitos humanos, destruindo ao mesmo tempo os valores tradicionais da sociedade.

=====
=

Notícias, Informações e Debates sobre o Desenvolvimento do Brasil:
www.desenvolvimentistas.com.br

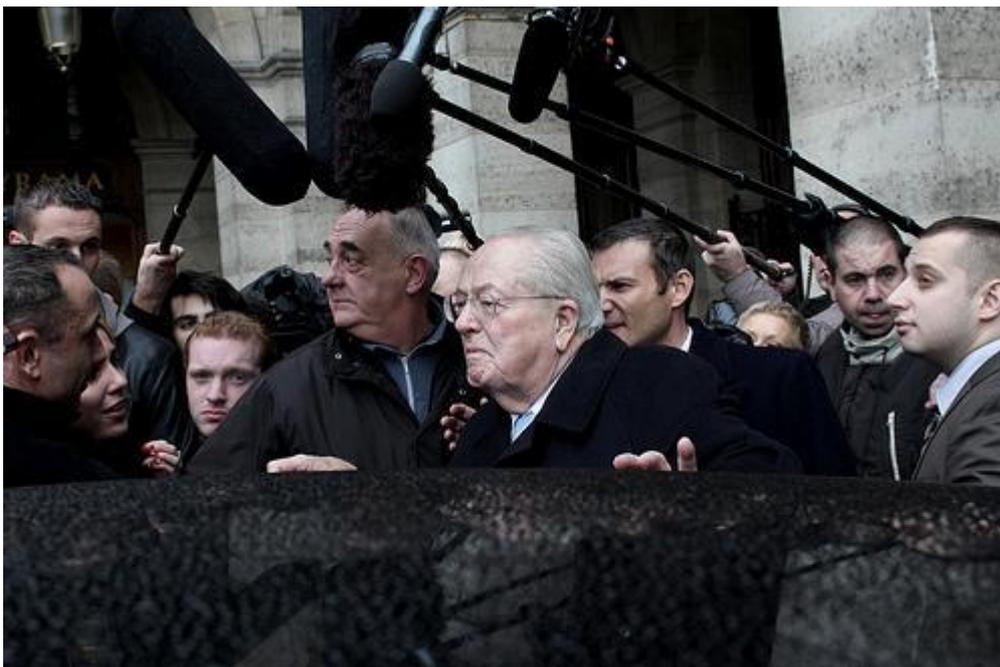
Xxx

11.Le Pen vs. Le Pen no ringue da extrema direita francesa

Marine Le Pen tenta colocar um disfarce democrático na ultradireita francesa. Mas seu pai tratou de tirar esta máscara ao proferir injúrias antissemitas

Eduardo Febbro, para o Pagina12 – Publicado
www.cartamaior.com.br - 11/06/2014 - Copyleft

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Le-Pen-vs-Le-Pen-no-ringue-da-extrema-direita-francesa/6/31131>



O DNA ideológico e familiar não bastou para manter a unidade ou a continuidade dissimulada entre a história e o presente no seio do partido de extrema direita Frente Nacional. Jean-Marie Le Pen, o fundador do movimento ultradireitista francês, e sua filha, Marine Le Pen, a presidente atual do partido, estão brigados depois que o pai jogou pelo ralo todos os esforços que a filha fez para normalizar a extrema direita para fazê-la se passar por um partido a mais dentro da oferta democrática. A ruptura entre os dois se consumou com a decisão tomada pela Frente Nacional de fechar o blog que Jean-Marie Le Pen tinha no portal do FN, através do qual desatou a polêmica. Em sua crônica semanal de opinião difundida no portal, o presidente vitalício do Frente Nacional e recém reeleito eurodeputado atacou os artistas que criticam o FN e, especialmente, o cantor francês de origem judia, Patrick Bruel. O artista se negou a atuar nas localidades onde a ultradireita venceu as eleições municipais de março (mais de mil localidades), o que lhe valeu uma resposta muito do estilo de Jean-Marie. Jean disse que “da próxima vez o meteremos no forno.”

Esta piada imunda abriu uma caixa de Pandora e complicou a desdiabolização que a filha havia tentado com muito êxito. As reações não só vieram de fora como, sobretudo, de dentro do próprio partido e de sua presidenta. Marine Le Pen enfrentou o pai publicamente quando julgou suas declarações como “um erro político”. O pai, condenado duas vezes por negacionismo, voltou para a batalha. Jean-Marie Le Pen acha que a direção do partido que lhe criticou “deu um

tiro no pé. Isto é estúpido, impactante e nojento. Estão me tratando de maneira indigna”, declarou. Longe de se manter apenas nesse patamar, a polêmica subiu de tom dentro do movimento de extrema-direita. O antagonismo pai e filha é um veneno perigoso para Marine, não só porque põe a mostra as origens irrecusáveis da extrema direita francesa, como também porque se coloca no caminho justo no momento em que a líder do Frente está negociando para criar seu próprio grupo político dentro do Parlamento Europeu. No entanto, os privilégios necessários para a formação de um grupo autônomo no Parlamento de Estrasburgo não são conseguidos facilmente. Marine Le Pen se choca precisamente com a oposição de outros partidos de ultradireita ou populistas da Europa, como o britânico UKIP, de Nigel Farage, que reprovam seu antissemitismo

As eleições europeias do mês de maio levaram o Frente Nacional a seu topo. Com 26 por cento dos votos, o FN se tornou o partido em primeiro lugar na França, a frente do conservador UMP e do governante Partido Socialista. Guardião da linhagem histórica da ultradireita, Jean-Marie Le Pen irrompeu para complicar seu novo desenho. No entanto, as reações de sua própria filha e de outros pesos pesados do movimento deixam entrever que a guerra não é somente entre pai e filha, mas muito mais densa.

Marine Le Pen parece ver no gesto de seu pai mãos que agem às escondidas, como se alguém estivesse dinamitando seu trabalho de limpeza. “Àqueles que colocam em dúvida minha linha política ou minha estratégia, não lhes resta nada senão encontrar um candidato para o próximo congresso” (que ocorrerá em novembro), declarou Marine Le Pen, ao que o pai respondeu: “não criem problemas, não serei candidato”. Espetáculo pouco usual na extrema direita. Um dos deputados mais conhecidos do FN, o célebre advogado Gilbert Collard, recomendou a Jean-Marie que seguisse os passos do rei espanhol Juan Carlos e se aposentasse.

Desde que tomou as rédeas do partido em janeiro de 2011, Marine Le Pen se empenhou em limpar a bagunça de seu pai. A herdeira qualificou os campos de concentração como “o sumo da barbárie” e até ameaçou de ir à justiça contra quem declarasse que o Frente Nacional era de “extrema direita”. Em pleno auge da restauração, o FN passou de partido maldito para ser um movimento a mais com seus

modos reatualizados pela filha de Le Pen: partido popular, republicano, nacionalista, atual, sem laço algum com os fachos nostálgicos da colonização ou com a simbologia nazista. O pai saiu dizendo que não, que eles seguem ainda este caminho e são o coração da Frente Nacional, que esta singularidade extremista, antissemita e xenófoba está na raiz genética da extrema direita francesa.

Em 1987, Jean-Marie Le Pen criou uma polêmica internacional quando disse que as câmaras de gás eram “um detalhe da história”. Suas incursões verbais no antissemitismo mais hediondo são frequentes. Mas desta vez, quem recebeu o projétil foi sua filha. Para Marine Le Pen, as declarações do pai são uma humilhação; para os democratas, uma salvação. Vários editorialistas agradeceram o papai. Luc Le Vaillant escreveu no matutino Libération: “a única possibilidade que há de sobrevivência da democracia francesa é que Jean-Marie Le Pen seja eterno, que siga proferindo suas insanidades antissemitas”. Marine Le Pen colocou uma máscara de decência na extrema direita. Jean-Marie Le Pen a tirou.

Tradução de Roberto Brilhante

12.Partido de extrema-direita lidera pesquisa no Reino Unido

O anti-Europa, homófobo e racista UKIP tem hoje uma intenção de voto de 31%, 3 pontos acima dos trabalhistas e 12 acima dos conservadores.

Marcelo Justo – Publicado www.cartamaior.com.br

29/04/2014 - Copyleft

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Partido-de-extrema-direita-lidera-pesquisa-no-Reino-Unido/6/30817>



Londres - No Reino Unido, a banana que jogaram no lateral do Barcelona, Daniel Alves, na partida entre o Villarreal e o Barcelona no domingo, poderia ter sido lançada por um dos candidatos do partido que lidera as pesquisas para as eleições europeias de 22 de maio. O anti-Europa, homófobo e racista UKIP (UK Independence Party) tem hoje uma intenção de voto de 31%, três pontos acima dos trabalhistas e doze pontos acima dos conservadores.

William Henwood, candidato do partido a conselheiro do norte de Londres, produziu a última joia do UKIP ao dizer que se o humorista negro britânico Lenny Henry “quer encher este país de negros, seria melhor que fosse viver em um país de negros”, fazendo referência ao fato de que o ator se queixou da escassa representação que as minorias têm na indústria televisiva britânica.

O UKIP parece se alimentar desse tipo de manifestação tanto em nível individual como na política partidária oficial. Na semana passada, o partido lançou uma campanha, no contexto da disputa eleitoral europeia, com uma mensagem apocalíptica: “26 milhões de europeus buscam trabalho. Que postos você acha que estão buscando?”. Para não ficar dúvida sobre a resposta um dedo gigantesco apontava para o destinatário da mensagem: o eleitorado britânico. Alguns dias antes, ganharam repercussão as tuitadas de um de seus membros, Andre Lampitt, que não fez rodeios quanto ao suposto inimigo responsável pelos males que atingem os britânicos. “Os muçulmanos são animais, sua fé é asquerosa e o profeta é um pedófilo”, disse Lampitt.

Essas ofensas provocaram condenações dos políticos dos principais partidos e uma onda de hashtags no Twitter, mas não modificaram em nada a intenção de voto dos britânicos. Uma pesquisa divulgada domingo pelo Sunday Times deu 31% para o UKIP, seguido pela oposição trabalhista com 28% e, em terceiro lugar, o principal partido da coalizão governamental, os conservadores, com 19%, enquanto seus aliados no governo, os social democratas, ficaram em um melancólico quarto lugar com 9%.

Em uma entrevista ao The Guardian, o líder do UKIP, Nigel Farage, disse que, em quatro semanas, seu partido “produziria a revolução máxima da história política britânica” e justificou a linha partidária em temas de imigração. No ano passado, o UKIP publicou um panfleto advertindo que no dia 1º de janeiro, quando Bulgária e Romênia se converteram em membros plenos da União Europeia, “se abririam as portas para 29 milhões de búlgaros e romenos”. Dado que a população total de ambos os países é, na verdade, de 27 milhões, e que ainda há pessoas hoje caminhando pelas ruas de Sofia e Bucareste, o Guardian perguntou se ele se arrependia por essa previsão. “Nem um pouco. Por duas razões. Primeiro porque não sabemos ainda as cifras reais. Segundo porque houve 28 mil prisões de romenos nos últimos cinco anos. Não queremos que essa gente venha viver no Reino Unido”, disse Farage.

A mensagem ignora todo apelo à lógica e aos fatos, supostas características dos britânicos, mas tem um êxito fenomenal. O UKIP obteve 2,3% nas eleições nacionais de 2005, 16,5% nas europeias de 2009 e 22% nas eleições municipais do ano passado. Se for confirmada a tendência atual, seria a primeira vez em mais de um século que o vencedor de uma eleição britânica não seria conservador nem trabalhista.

Um professor de política da Universidade de Nottingham, no norte da Inglaterra, Matthew Godwin, sugere que a diferença pode ser ainda maior e terá profundas consequências na política britânica. “Nas pesquisas estamos vendo o mesmo fenômeno que vimos nas eleições de 2009, quando o UKIP teve um grande crescimento nas últimas semanas. Uma lição destes últimos anos é que condenar e ridicularizar o UKIP não serviu de nada. Se terminarem em segundo

nestas eleições, o primeiro ministro David Cameron estará com um sério problema. Se terminarem em primeiro será um golpe para toda a classe política, incluindo os trabalhistas”, resumiu Goodwin.

Tradução: Marco Aurélio Weissheimer

1

13. A extrema direita e a eurofobia ameaçam o projeto europeu

Desde 2013, a hostilidade contra a ortodoxia de Bruxelas e as políticas aplicadas em seu nome deu lugar a um transtorno profundo das geometrias eleitorais.

Eduardo Febbro – www.cartamaior.com.br - 9/05/2014 - Copyleft

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-extrema-direita-e-a-eurofobia-ameacam-o-projeto-europeu/6/30964>



Paris - Fronteiras, imigração, eurofobia, partidos socialdemocratas em plena mudança liberal, crescimento da extrema-direita, ressurreição da extrema-esquerda, medos e rejeição às orientações da Comissão

Europeia: as eleições europeias que serão realizadas de 22 a 25 de maio estão cercadas por uma aura de muitas incertezas. Na França, uma pesquisa publicada na primeira semana de maio oferece um testemunho cifrado da desconfiança que se instaurou entre os cidadãos e o projeto da comunidade europeia. Apenas 51% dos franceses são favoráveis a que a França pertença a União Europeia. Há dez anos, esse percentual era de 67%. Em termos de correntes políticas, os defensores do euro estão no Partido Socialista, no centrista Modem e na UMP, de direita. Em troca, os adversários do euro estão, em sua maioria, localizados na extrema-esquerda e na extrema-direita da Frente Nacional.

Cerca de 80% dos eleitores da extrema-direita consideram algo ruim a presença da França na União Europeia. Desde meados de 2013, a hostilidade contra a ortodoxia liberal de Bruxelas e as políticas aplicadas em seu nome deu lugar a um transtorno profundo das geometrias eleitorais. A Europa vai às urnas com dois adversários do projeto comunitário: um, identificado há décadas, as extremas direitas; outro, mais recente: os contra as políticas de austeridade. Entre eles, apareceu um novo ator, a extrema esquerda. As pesquisas apontam que as extremas esquerdas, impulsionadas pelo dirigente grego Alexis Tsipras, poderiam superar os ecologistas no Parlamento Europeu.

Mas é a marcha inexorável dos “anti-Europa” agrupados sob os símbolos e o discurso da extrema-direita o que, hoje, constitui um dos dados mais preocupantes. Na Alemanha, o partido anti-euro AFD, Alternativa para a Alemanha, vem apresentando um avanço notável há vários meses, do mesmo modo que a extrema-direita austríaca do FPÖ, Partido pela Liberdade, os eurofóbicos do britânico Nigel Farage, os ultra húngaros do Jobbik ou as extremas direitas escandinavas.

Assim como ocorre na França com a extrema direita da Frente Nacional, o partido de Farage, o UKIP, lidera as pesquisas de intenções de voto para as eleições europeias. Em 2014 foram se somando novos ingredientes ao coquetel de eleitores que até então caracterizavam a eleição europeia: ao tradicional voto anti-imigração ou anti-Bruxelas, se somou uma nova categoria de eleitores que fez crescer a onda dos euro-céticos: os anti-Alemanha e anti-Troika (Banco Central Europeu, Fundo Monetário Internacional e Comissão de Bruxelas).

A cadência repetida de planos de austeridade ditados pelos imperativos orçamentários da Comissão Europeia aumentou a oposição ao projeto de construção europeia tal como está colocado hoje, ou seja, em termos liberais e anti-sociais. A pesquisa realizada na França é decisiva para entender os sentimentos temerosos que desperta agora o que, há apenas uma década, era um sonho: 70% dos entrevistados dizem ter medo das consequências econômicas e sociais resultantes do projeto europeu; 63% temem que se sacrifique a proteção social em nome da Europa; 60% têm medo que Europa signifique mais imigração e 52% que a identidade nacional se dilua.

Um dado eleitoral funciona também como ponte entre o alto percentual de eurocéticos e a desconfiança que inspira a Comissão Europeia: durante as eleições municipais realizadas em Portugal em setembro de 2013, o PSD, o partido do governo de centro-direita que executou um dos planos de austeridade mais fortes que o Velho Continente já conheceu, foi castigado duramente nas urnas em benefício da oposição socialista. Na França, após dois anos no poder e de uma série de ajustes de corte liberal, o PS sofreu também uma das piores derrotas de sua história nas eleições municipais de abril. Em resumo, cada partido cujo programa é associado às políticas neoliberais ou aos programas de austeridade teleguiados desde Berlim ou Bruxelas acaba pagando o tributo nas urnas.

Há uma espécie de dupla rebelião: uma, a de dois já conhecidos movimentos de extrema-direita e suas plataformas neo-nacionalistas que promovem a saída do euro e a restauração das fronteiras; a outra a os indignados contra a austeridade.

A Europa é, em seu conjunto, uma espécie de caixa onde se expiam todos os males e as responsabilidades locais. Todo muno bate na velha Europa: os ultras da direita, a esquerda da esquerda, a direita e, em menor medida, a socialdemocracia. A Europa é culpada de quase tudo. Alain Lamassoure, eurodeputado francês do Partido Popular Europeu (direita), esmiúça com acerto essa contradição: “desde a crise da dívida, os países do Sul estão persuadidos de que Berlim é culpada pelo que ocorre, enquanto que os países do Norte avaliam que Bruxelas é culpada deles terem que dar dinheiro aos países do Sul”.

O projeto europeu parece assim estagnado, sem outra cabeça além da das políticas liberais. Christophe Barbier, diretor de redação do semanário de direita liberal L'Express registra: "A União está com a cabeça podre. E se não tem nem estratégia monetária, nem ambição industrial, nem programa social, nem harmonização orçamentária, nem eficácia diplomática, nem existência militar, nem sonho cultural, nem projeto educativo, isso se deve a que sua governabilidade é ruim, a que os tratados (europeus) inventaram uma aberração: o poder impotente".

Quase todo o discurso que circula é escatológico. É preciso reconhecer que não falta razão para isso. O grande projeto cultural, o grande sonho, ficou sepultado sob a mecânica da união monetária (o euro), os ditames do Banco Central Europeu e a medicina maior que consiste no controle dos déficits públicos (máximo 3% do PIB) em detrimento de um projeto social. Ninguém propõe outra alternativa, a não ser a de um medo duplo: o medo daqueles que promovem a Europa como uma ameaça, e o medo daqueles que argumentam que, sem Europa, não há outra coisa além do abismo. Em uma coluna publicada pelo Le Monde, o presidente francês, François Hollande, escreveu: "sair da Europa é sair da História". Para o chefe de Estado, abandonar o euro equivale a "cair na armadilha da decadência nacional". Outra vez o medo. Anni Podimata, vice-presidente do Parlamento Europeu (partido grego Pasok) reconhece que "o projeto europeu se encontra ante um grande perigo. O sentimento anti-europeu se agrava cada vez mais".

Na realidade, a verdade é mais complexa e ambígua. Mais que sentimento, há queixas reais. Em grande medida, os cidadãos reprovam o fato de a autoridade europeia se preocupar mais com os bancos do que com eles, assim como de se deixar envolver por uma interminável tecnocracia ou estar submetida aos grupos de pressão. Como demonstram as sucessivas pesquisas feitas regularmente em escala continental, o ideal europeu não morreu, mas não há confiança naqueles que detêm hoje as rédeas do destino da Europa. Existe, de fato, a suspeita de que uma espécie de tecno-oligarquia europeia opera contra as democracias que compõem a União e, por conseguinte, contra os povos. No entanto, o exercício eleitoral é altamente democrático e paradoxal. Cerca de 380 milhões de pessoas

elegem um Parlamento cujos poderes foram reforçados com o passar os anos. Eleger, quer dizer, também elegem uma enorme contradição: uma pesquisa de opinião encomendada pelo Parlamento Europeu à organização independente Vote Watch Europe mostra que são os partidos eurocéticos ou eurofóbicos que se manifestam radicalmente contra fazer parte da UE que serão os grandes vencedores da eleição europeia.

Os eleitores identificam o oficialismo comunitário como o responsável pela estagnação, ou seja, a direita do Partido Popular europeu, os socialdemocratas e os liberais. Se estas previsões se cumprirem, o perigo que se corre é importante. Em caso de as extremas direitas e dos eurofóbicos confirmarem nas urnas os percentuais das pesquisas haverá enormes dificuldades para se avançar nas políticas comuns. A extrema-direita europeia pode duplicar seu número de deputados. Com 150 eurodeputados, estaria em condições de derrubar qualquer projeto de integração.

Imigração, nacionalismo, críticas massivas ao modelo a União e de sua gestão presidem uma eleição que poderia incrementar o poder daqueles que sonham em restaurar muitas das heranças sombrias do passado.

Tradução: Marco Aurélio Weissheimer

14.O big bang da extrema-direita europeia

Os resultados das outras extremas direitas europeias também foram importantes na eleição para o europarlamento, mas nenhum iguala o caso francês.

Eduardo Febbro – Publicado www.cartamaior.com.br -26/05/2014 - Copyleft

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/O-big-bang-da-extrema-direita-europeia/6/31017>



Paris - A extrema-direita acaricia o poder com gula e orgulhosa. Os eleitores deram uma sonora bofetada na democracia francesa e no projeto da construção europeia: a eleição para escolher os 751 deputados do Parlamento europeu terminou na França com um resultado histórico para a extrema-direita. A Frente Nacional, movimento fundado por Jean Marie Le Pen e dirigido hoje por sua filha, Marine Le Pen, se converteu no primeiro partido da França. Com 25% dos votos, a Frente Nacional superou a direita da UMP, que ficou estagnada em 20% dos votos. Os socialistas, por sua vez, com constrangedores 13,98%, seguiram seu caminho em direção ao abismo. Os percentuais da esquerda francesa são uma calamidade. Toda a esquerda francesa reunida totaliza apenas 33%.

Os resultados das outras extremas direitas europeias também são importantes, mas nenhum iguala o caso francês. A França que é, junto com a Alemanha, o pilar do projeto europeu, fortaleceu uma maioria nacional anti-europeia, profundamente arraigada em uma espécie de nacionalismo utópico oposto a quase tudo o que move a filosofia política da União Europeia há 30 anos. “Votou-se pelo retorno à soberania nacional e para escapar da austeridade”, disse Marine Le Pen.

A Dinamarca avançou na mesma toada que a França. O ultranacionalista e xenófobo Partido Popular dinamarquês obteve

23,1% dos votos e se converteu também no primeiro partido político do país. Os movimentos anti-Europa são hoje um espinho cravado no pé das grandes democracias do velho continente. Na Holanda e na Bélgica, os ultras da direita ficaram aquém das expectativas suscitadas pelas pesquisas, mas não foi assim na Grã-Bretanha, onde o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP) superou todos os prognósticos. Na Alemanha, a chanceler Angela Merkel viu surgir outra fonte desestabilizadora. Sua coalizão, CDU-CSU, voltou a ganhar, com 36%, mas no horizonte político apareceram vários adversários: um, restaurado, os socialdemocratas do SPD, o outro, recém criado em março de 2013, o partido anti-euro Alternativa para a Alemanha.

O SPD conquistou 27% dos votos e protagonizou assim uma recuperação espetacular frente os 20,9% que obtiveram em 2009. Mas o dado mais notório é o vertiginoso crescimento do movimento anti-euro Alternativa para a Alemanha, o qual, em sua primeira participação em uma eleição, obteve 6,5%. Outro convidado ao banquete democrático é o partido neonazista alemão, o NPD, que com 1% dos votos, também ingressará no parlamento europeu. Ao contrário da França, a esquerda alemã do Die Linke, roçou os 8% de votos contra 6,1% em 2009. Só Itália e Portugal salvaram a honra das desgastadas socialdemocracias do Velho Continente.

A extrema esquerda e a extrema direita modificaram o tabuleiro europeu. Na Áustria, o partido de centro-direita, ÖVP lidera com 27,3%, na frente dos socialdemocratas do SPÖ, com 24%, mas a extrema-direita do FPÖ, com 20,5% dos votos, registra um grande crescimento, comparado aos 12,7% de 2009. Na Grécia, a esquerda radical do Syriza está em primeiro, na frente da direita da Nova Democracia e dos neonazistas da Aurora Dourada. Mesmo com seus líderes presos, os herdeiros gregos de Hitler obtiveram entre 8 e 10% dos votos. Uma façanha!

A grande lição destas lições parlamentares europeias salta aos olhos: a socialdemocracia fracassou mais uma vez em suas tentativas de controlar o Parlamento de Estrasburgo, a direita é majoritária, ao mesmo tempo em que partidos de extrema-direita e extrema-esquerda

irrompem com peso no cenário parlamentar. O exemplo mais excepcional é o da França. A ultradireitista Frente Nacional havia obtido 6,4% dos votos em 2009 contra 25% agora. De marginal, passou a ser o primeiro partido do país. O Parlamento europeu segue sob o controle da direita, Partido Popular Europeu (PPE), e dos socialdemocratas (S), mas cresceram os focos rebeldes de eurofóbicos, eurocéticos e fascistas, divididos entre as esquerdas radicais e uma pujante extrema-direita.

A chamada “exceção francesa” é a mais dramática pelo peso real e simbólico que tem a França na história moderna europeia. Em vários países, as extremas direitas superaram a barreira dos 15%: Dinamarca, 23%, Reino Unido, 22%, Áustria, 20%, Hungria, 15%. Mas é na França que os ultras chegaram mais longe e onde a esquerda perdeu muitos níveis de legitimidade. Os ecologistas e a esquerda francesa sofreram um maremoto. Os ecologistas franceses, que haviam obtido 16,3% em 2009, conquistaram apenas 7% agora. A Frente de Esquerda, de Jean Luc Mélenchon, não conseguiu tirar proveito do descontentamento provocado pela política liberal dos socialistas, ficando no mesmo nível de 2009, 7%.

O PS francês voltou à pré-história da grande capitulação eleitoral de 1994. A direita, ainda que tenha ficado em segundo lugar, não está em uma situação melhor. “Tudo indica que há uma fratura entre a Europa e o povo francês”, reconheceu o ex-primeiro ministro liberal François Fillon. O exemplo francês é um naufrágio descomunal. Os dois partidos que governaram o país, a UMP e agora os socialistas, romperam todos os códigos compreensíveis e terminaram por criar um monstro: a direita com suas permanentes incursões nos terrenos da extrema-direita e os socialistas com seu giro liberal, tão estranho às promessas e às razões pelas quais as pessoas votaram em François Hollande em 2012.

Em termos gerais, a composição do parlamento europeu se modificou sem provocar uma grande virada, porém. O Partido Popular Europeu deve conseguir 211 cadeiras (64 a menos que hoje) e o Partido Socialista Europeu 193 (duas a menos). Já a esquerda radical passará

de 35 a 47 deputados e os Verdes devem permanecer estáveis com 58 deputados. Entre essas correntes se instalará agora a extrema-direita.

Tudo parece um pesadelo. Como escreveu o Le Monde: “ao cabo de cinco anos de crescimento zero e de aumento do desemprego, a vitória de Marine Le Pen é a derrota de uma Europa em crise que não soube se defender”. O fato a favor da extrema-direita francesa tem uma identidade cifrada: votaram na Frente Nacional 48% de trabalhadores, 37% dos empregados, 38% dos desempregados, 30% dos menores de 35 anos. Comparativamente, os percentuais da esquerda são a apoteose da perda desse eleitorado: pela esquerda socialista votaram 8% dos trabalhadores, 16% dos empregados e 15% dos menores de 30 anos. A história deu uma volta de forma inaudita. Os bastiões sociais da esquerda se deslocaram para a extrema-direita. Em resumo, a Frente Nacional pode içar hoje legitimamente a bandeira e reivindicar que é o partido dos jovens e das classes populares.

A Frente Nacional obteve nas urnas uma vitória histórica e surpreendente para seus adversários de esquerda e de direita: é a primeira vitória nacional em seus 52 anos de existência. Seu crescimento é uma curva de cifras positivas: nas presidenciais de 2012, Marine Le Pen obteve 17,9% dos votos, ou seja, mais de sete pontos acima do que seu pai havia conquistado em 2007. Nas municipais de 2014, a FN ganhou mais de mil comunidades. É um partido em pleno voo. Por outro lado, há uma esquerda aborrecida e dedicada a gestão, vestida de freira liberal, obediente, institucionalizada e sem coração. Também há uma direita em decomposição, uma direita os clãs se desgarram, onde suas lideranças visíveis aparecem acusadas pela justiça ou detidas pela polícia, onde as ideias são uma recordação cada vez mais ausente.

A esquerda francesa, em sua totalidade, está de luto. A direita é uma metáfora violenta. No meio, a paciente e acertada estratégia adotada por Marine Le Pen destinada a desdiabolizar a imagem da Frente Nacional funciona como um encanto irresistível. O cenário global é o

de uma Europa liberal, asséptica e indolente, onde as classes populares e os jovens se sentem interpretados pela extrema-direita. A partitura da extrema-direita encontrou uma sala cheia e disposta a dar-lhe um lugar no grande vazio deixado pelos partidos de governo.

Tradução: Marco Aurélio Weissheimer

15. Por que a extrema-direita cresce na Europa?

O discurso da extrema-direita tem um alcance que vai além das vítimas diretas da crise. Toca esse desenraizamento identitário que muitos europeus sentem.

Ignacio Ramonet - Esquerda.Net -

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Por-que-a-extrema-direita-cresce-na-Europa-/6/30898>



O novo discurso da extrema-direita tem um alcance que vai para além das vítimas diretas da crise. Toca de alguma maneira esse “desenraizamento identitário” que muitos europeus sentem confusamente. Responde ao sentimento de “desestabilização existencial” de inúmeros cidadãos atacados pelo duplo golpe da globalização e de uma UE que não cessa de se ampliar.

Uma coisa é certa: as eleições europeias de finais de maio traduzir-se-

ão num aumento notável do voto de extrema-direita. E pela incorporação ao Parlamento Europeu de um número considerável de novos deputados ultradireitistas.

Atualmente, estes concentram-se em dois grupos: o Movimento pela Europa das Liberdades e da Democracia (MELD) e a Aliança Europeia dos Movimentos Nacionais (AEMN). Entre ambos somam 47 eurodeputados, que representam 6% dos 766 lugares no Parlamento Europeu [1]. Quantos serão após o 25 de maio? O dobro? Suficientes para bloquear as decisões do Parlamento Europeu e, portanto, o funcionamento da União Europeia (UE)? [2].

A verdade é que, desde há vários anos e em particular desde que se agudizaram a crise da democracia participativa, o desastre social e a desconfiança para com a UE, quase todas as eleições nos Estados da UE se traduzem numa irresistível subida da extrema-direita. As recentes sondagens de opinião confirmam que, nas eleições europeias que se aproximam, poderia aumentar consideravelmente o número dos representantes dos partidos ultras: Partido pela Independência do Reino Unido, UKIP (Reino Unido) [3]; Partido da Liberdade, FPÖ (Áustria); Jobbik (Hungria); Aurora Dourada (Grécia); Liga Norte (Itália); Verdadeiros Finlandeses (Finlândia); Vlaams Belang (Bélgica); Partido da Liberdade, PVV (Holanda); Partido do Povo Dinamarquês, DF (Dinamarca); Democratas de Suécia, DS (Suécia); Partido Nacional Eslovaco, SNS (Eslováquia); Partido do Ordem e a Justiça, TT (Lituânia); Ataka (Bulgária); Partido da Grande Roménia, PRM (Roménia); e Partido Nacional-Democrata, NPD (Alemanha).

Na Espanha, onde a extrema-direita esteve no poder mais tempo que em nenhum outro país europeu (de 1939 a 1975), esta corrente tem hoje pouca representatividade. Nas eleições de 2009 para o Parlamento Europeu só obteve 69.164 votos (0,43% dos sufrágios válidos). Ainda que, normalmente, ao redor de 2% dos espanhóis se declare de extrema-direita, o que equivale a uns 650.000 cidadãos. Em janeiro passado, dissidentes do Partido Popular (PP, conservador) fundaram o Vox, um partido situado à “direita da direita” que, com jargão franquista, recusa o “Estado partidocrático”, defende o patriotismo e exige “o fim do Estado das autonomias” e a proibição do aborto.

Herdeiras da extrema-direita tradicional, quatro outras formações ultras, Democracia Nacional, A Falange, Aliança Nacional e Nodo Patriota Espanhol, reunidas na plataforma “A Espanha em Marcha”, assinaram um acordo, em dezembro de 2013, para apresentar-se às eleições europeias. Pretendem conquistar um eurodeputado.

Mas o movimento de extrema-direita mais importante de Espanha é a Plataforma per Catalunya (PxC), que conta com 67 vereadores. O seu líder, Josep Anglada, define a PxC como “um partido identitário, transversal e de forte conteúdo social” mas com uma dura posição anti-imigrantes: “Em Espanha”, afirma Anglada, “aumenta dia a dia a insegurança cidadã, e grande parte desse aumento da insegurança e do crime é culpa dos imigrantes. Defendemos que cada povo tem o direito a viver segundo os seus costumes e identidade nos seus próprios países. Precisamente por isso, opomo-nos à chegada da imigração islâmica ou de qualquer outro lugar extraeuropeu”.

Quanto a França, nas eleições municipais de março passado, a Frente Nacional (FN), presidida por Marine Lhe Pen, ganhou as câmaras de uma dúzia de grandes cidades (entre elas Béziers, Hénin-Beaumont e Fréjus). E, em escala nacional, conseguiu mais de 1.600 cadeiras de vereadores. Um facto sem precedentes.

Ainda que o mais insólito esteja talvez por vir. As sondagens indicam que, nas eleições de 25 de maio, o FN obteria entre 20% e 25% dos votos [4]. O que, a se confirmar, convertê-lo-ia no primeiro partido de França, à frente da conservadora União por um Movimento Popular (UMP), e muito à frente do Partido Socialista do presidente François Hollande. Uma autêntica bomba.

A rejeição da UE e a saída do euro são dois dos grandes temas comuns das extremas-direitas europeias. E, neste momento, encontram um eco muito favorável no ânimo de tantos europeus violentamente atingidos pela crise. Uma crise que Bruxelas agravou com o Pacto de Estabilidade [5] e as suas cruéis políticas de austeridade e de cortes, causa de enormes desastres sociais. Há 26 milhões de desempregados, e a percentagem de jovens de menos de 25 anos no desemprego atinge cifras espantosas (61,5% em Grécia, 56% em Espanha, 52% em Portugal). Exasperados, muitos cidadãos repudiam a UE (6). Cresce o euroceticismo, a eurofobia. E isso conduz

em muitos casos à convergência com os partidos ultras.

Mas há que dizer também que a extrema-direita europeia mudou. Durante muito tempo prevaleceram as ideologias nazi-fascistas dos anos 1930, com a sua parafernália nostálgica e sinistra (uniformes paramilitares, saudação romana, ódio antissemita, violência racista...). Esses aspetos – que ainda persistem, por exemplo, no Jobbik húngaro e no Aurora Dourada grego – foram desaparecendo progressivamente. Em seu lugar foram surgindo movimentos menos “infrecuentáveis” porque aprenderam a dissimular essas facetas detestáveis, responsáveis dos seus constantes fracassos eleitorais. Atrás ficou o antissemitismo que caracterizava extrema-direita. Em seu lugar, os novos ultras puseram a ênfase na cultura, na identidade e nos valores, frente ao aumento da imigração e a “ameaça” percebida do Islã.

Com a intenção de “desdiabolizar” a sua imagem, agora abandonam também a ideologia do ódio e adotam um discurso radical de rejeição do sistema, de crítica (mais ou menos) argumentada da imigração (em particular muçulmana e romeno-cigana) e de defesa dos “brancos pobres”. O seu objetivo declarado é atingir o poder. Usam intensivamente a internet e as redes sociais para convocar manifestações e recrutar novos membros. E os seus argumentos, como dissemos, cada vez encontram maior eco nos milhões de europeus destroçados pelo desemprego em massa e as políticas de austeridade.

Na França, por exemplo, Marine Le Pen ataca com maior radicalidade que qualquer dirigente político da esquerda o “capitalismo selvagem”, a “Europa ultraliberal”, os “destroços da globalização” e o “imperialismo econômico dos Estados Unidos” [7]. Os seus discursos seduzem amplos fragmentos das classes sociais trabalhadoras atingidas pela desindustrialização e as deslocalizações, que aplaudem a líder do FN quando declara, citando um ex-secretário-geral do Partido Comunista Francês, que “é preciso deter a imigração; se não, condenar-se-ão mais trabalhadores ao desemprego”. Ou quando defende o “proteccionismo seletivo” e exige que se ponha travão ao livre comércio porque este “obriga os trabalhadores franceses a competirem com todos os trabalhadores do planeta”. Ou quando reclama a “pertença nacional” em matéria de acesso aos serviços da segurança social que, segundo ela, “devem estar reservados às

famílias nas quais pelo menos um dos pais seja francês ou europeu”. Todos estes argumentos encontram apoio e simpatia nas áreas sociais mais castigadas pelo desastre industrial, onde durante décadas o voto à esquerdas era a norma [8].

Mas o novo discurso da extrema-direita tem um alcance que vai para além das vítimas diretas da crise. Toca de alguma maneira esse “desenraizamento identitário” que muitos europeus sentem confusamente. Responde ao sentimento de “desestabilização existencial” de inúmeros cidadãos atacados pelo duplo golpe da globalização e de uma UE que não cessa de se ampliar.

Tantas certezas (em matéria de família, de sociedade, de nação, de religião, de trabalho) vacilaram estes últimos tempos, que muita gente perde pé. Em particular as classes médias, garantes até agora do equilíbrio político das sociedades europeias, que veem a sua situação a desmoronar-se sem remédio. Correm o perigo de mudarem de classe. De cair no escorrega que as conduz a regressar às classes pobres, de onde pensavam (pelo credo no Progresso) ter saído para sempre. Vivem em estado de pânico.

Nem a direita liberal nem as esquerdas souberam responder a todas estas novas angústias. E o vazio foi preenchido pela extrema-direita. Como afirma Dominique Reynié, especialista dos novos populismos na Europa: “A extrema-direita foi a única que tomou em conta o desenraizamento das populações afetadas pela erosão de seu património material – desemprego, poder aquisitivo – e do seu património imaterial, isto é, o seu estilo de vida ameaçado pela globalização, a imigração e a União Europeia” [9].

Enquanto as esquerdas europeias consagravam, nas últimas duas décadas, toda a sua atenção e a sua energia a – legítimas – questões societárias (divórcio, casamento homossexual, aborto, direitos dos imigrantes, ecologia), ao mesmo tempo camadas da população trabalhadora e camponesa eram abandonadas a sua – má – sorte. Sem sequer umas palavras de compaixão. Sacrificadas em nome dos “imperativos” da construção europeia e da globalização. A essas camadas órfãs, a extrema-direita soube falar, identificar os seus infortúnios e prometer soluções. Não sem demagogia. Mas com eficácia.

Consequência: a União Europeia dispõe-se a lidar com a extrema-direita mais poderosa que o Velho Continente jamais conheceu desde a década de 1930. Sabemos como acabou daquela vez. Que esperam os democratas para acordar?

[1] Nas eleições europeias de 2009, os partidos de extrema-direita obtiveram 6,6% dos votos.

[2] As sondagens mais sérias indicam que, após o 25 de maio, o número de eurodeputados de extrema-direita passaria de 47 a 71. Leia-se “Élections européennes 2014: vers une extrême droite européenne”, Fundação Robert Schuman.

[3] Uma sondagem realizada pelo YouGov em 6 de abril de 2014 no Reino Unido atribui ao Partido pela Independência do Reino Unido (UKIP) 40% das intenções de voto e pelo menos 20 deputados europeus.

[4] Segundo um barómetro de imagem do FN, realizado em fevereiro de 2014 pelo Instituto TNS Sofres, o número de franceses que aderem às suas ideias é de 34%.

[5] O Pacto de Estabilidade e de Crescimento proíbe os governos europeus da zona euro de ter um défice orçamental superior a 3% do PIB.

[6] O último estudo Eurobarómetro, publicado em dezembro de 2013, revela que só 31% dos europeus tem uma imagem positiva da UE (em comparação com 48% em março de 2008).

[7] Leia-se “Nouveaux visages des extrêmes droites”, Manière de voir, n.º134, Paris, abril-maio de 2014.

[8] Segundo uma sondagem publicada pelo diário Le Monde, a imagem da presidente do FN recebe cada vez mais opiniões favoráveis: 56% dos interrogados acha que “entende os problemas quotidianos dos franceses” e 40%, que “tem novas ideias para resolver os problemas de França”.

[9] Dominique Reynié, *Populismes: la pente fatale*, Plon, Paris, 2011.



16. O avanço da extrema-direita na Europa: um alerta para o Mundo

<http://www.riachaonet.com.br/o-avanco-da-extrema-direita-na-europa-um-alerta-para-o-mundo.html/>

É preocupante o avanço de grupos de extrema-direita na Europa. O continente da liberdade se vê lotado de oportunistas políticos, com pitadas de loucuras, falta de amor e muito ódio. Essas pessoas querem ressuscitar massivamente o nazismo, o arianismo e outros “ismos” negativos que ficaram incubados após os massacres e horrores da Segunda Guerra Mundial. Uma das mais recentes facetas dos “nacionalistas”, como preferem ser chamados os de extrema-direita, é sua ascensão à política partidária e sua chegada ao poder, passando de coadjuvantes a disputadores principais das discussões de futuro em muitos países europeus. Como a Europa ainda influencia muitos debates e tendências no Mundo: o sinal de alerta fica mais que ligado!

Os exemplos mais recentes estão na Grécia (onde eles chegaram com forte número ao Parlamento) e na França (onde sua candidata saiu em terceiro lugar ao cargo de mandatário do país, obtendo quase 20% dos votos). Em outros países como Holanda, Espanha, Suécia e Itália: há tempos há partidos políticos nitidamente ligados a essas causas.

Claro que entre os diversos grupos extremistas têm os radicais e os muito radicais. Os primeiros, mais alinhados ao exemplo francês, usam o nacionalismo e defesa do país a todo custo como bandeira de luta. Esses são mais covardes em mostrar a cara. Os segundos pregam abertamente o nazismo, dentre outras idiotices políticas e com outros nomes. No fundo são as mesmas tolices e periculosidades que Adolf Hitler imortalizou na história. Eles odeiam migrantes, judeus, ciganos, mestiços e todos que não pensem, não

ajam e não tenham nascido no seu país e com suas características físicas. Esses fazem questão de mostrar a cara e atualmente seu exemplo mais notório é na Grécia. Mas em todos os países europeus há milhares de grupos dessa estirpe. Há casos notórios na Hungria e nos países nórdicos.

É pra rir, mas, mais que isso: é para nos preocuparmos.

Midiaticamente acompanho os passos dessas pessoas desde que cheguei a Europa. Como imigrante que sou (uma parte do tempo em São Paulo e agora aqui no Velho Continente) digo, e repito, é gritante como tais grupos crescem, e em todos os países, principalmente se você não for branco, não possuir corpo com aparência anabolizada, olhos claros e cabelos claros é um super-perigo em muitos lugares da Europa de ser agredido ou hostilizado.

Nos últimos dias pude acompanhar “in loco” o que eles são capazes de fazer e o que querem: ressuscitar o arianismo, o perigo de ideias que todos pensavam estar enterradas, e agora mostram sua cara. As fotos e vídeos postados aqui são na Hungria. Pude ver nos rostos, expressões físicas e depois em seus sites e manifestos: o quanto são perigosos e o quanto podem prejudicar o Mundo.

O mais grave é que esses movimentos são alimentados e têm fortemente entre suas fileiras jovens (quase todos de boa formação acadêmica e muito bem conectados com as redes sociais e instrumentos comunicacionais da atualidade). Ou seja: há uma renovação e radicalização entre o movimento e uma insatisfação entre uma geração tradicionalmente questionadora. Os questionamentos da maioria desses grupos (qualquer pesquisa rápida na Internet nos traz milhares de sites dessas pessoas) nos trarão informações de que as ideias é radicalizar, inclusive sobre os pensamentos nazistas que tanto afligiram a humanidade.

Os membros dos grupos de extrema direita gozam da liberdade europeia de poderem se manifestar e deslocar facilmente. São pouco incomodados e ganham mais e mais adeptos, principalmente em tempos de crise econômica e política, onde os tradicionais grupos de direita, esquerda e social-democracia pouco conseguem dar respostas concretas sobre dias melhores para o continente.

O pior é que no Brasil começam a pipocar também esses grupos. Os alvos principais são os nordestinos, judeus, afrodescendentes e homossexuais. No Brasil o agravante é que a maioria desses idiotas têm uma ligação familiar direta com os mesmos grupos que eles fingem tanto odiar. Talvez em nosso país seja apenas a carência afetiva de “filhinhos de papai”, mas na Europa o perigo é mais

pujante, principalmente porque a ressuscitação de ideias nazistas em tempos de informação capilar é uma combinação perfeita para a propagação de idiotices em larga escala.

EXEMPLOS DO QUE ESSE POVO PENSA:

FOTOS DE MANIFESTAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA HÚNGARA:

<http://www.facebook.com/media/set/?set=a.10150939868414730.436200.786734729&type=3>

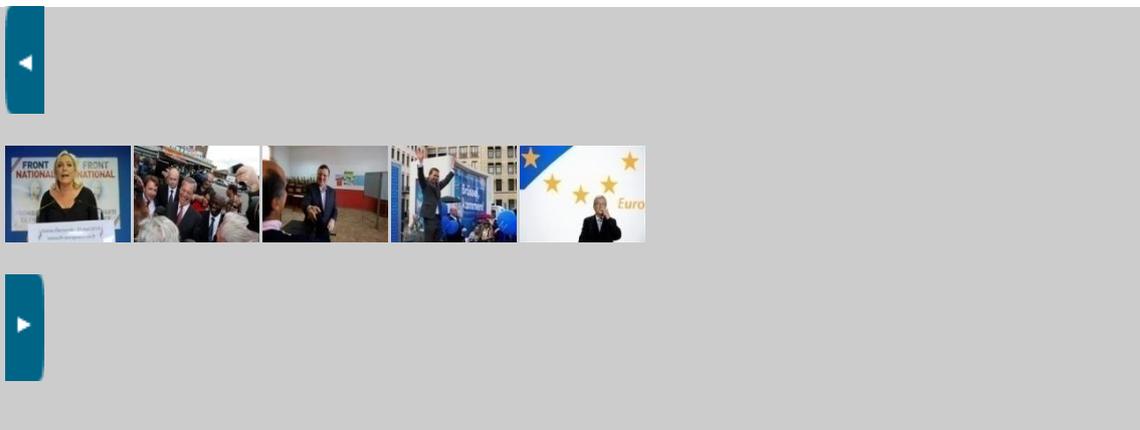
VÍDEO 1: <http://youtu.be/eytTcqppYQ0>

VÍDEO 2: http://youtu.be/sv_jjvh9S_c

17.UE inquieta com avanço da extrema-direita

por Patrícia Viegas, com agências 26 maio 2014

http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3934004&seccao=Europa&page=-1



Marine Le Pen, líder da Frente Nacional, celebra vitória nas europeias em França Fotografia © Reuters

O Partido Popular Europeu (PPE) venceu as eleições europeias, mas com uma vantagem de eurodeputados inferior à que tinha até agora em relação ao segundo maior grupo político dos Socialistas e Democratas. Número de eurodeputados oriundos de partidos eurocéticos, populistas e extremistas aumenta e poderá chegar a 140 num total de 751 no Parlamento Europeu. Vitória da extrema-direita em países como França e Dinamarca está a inquietar líderes da União Europeia.

Sobre a vitória da Frente Nacional de Marine Le Pen, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, William Hague, declarou na BBC: "Neste caso em particular, sim, penso que deveríamos estar inquietos face a estes desenvolvimentos no resto da Europa. É por isso que considero ser importante que a próxima Comissão Europeia, o Conselho Europeu e o próximo Parlamento Europeu compreendam a mensagem segundo a qual existe um descontentamento crescente e tensões de diferentes tipos na Europa".

Hague, membro do Partido Conservador, que segundo resultados preliminares divulgados ao fim da noite pela Comissão Eleitoral britânica terá sido ultrapassado pelo Ukip do eurocético Nigel Farage, acrescentou que "é preciso uma União Europeia mais flexível, mais competitiva, menos centralizada".

O presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, lançou um apelo a todas as forças favoráveis ao processo de construção europeia no sentido de se mobilizarem depois da subida nestas eleições dos partidos anti-União Europeia. "Mantermo-nos unidos como europeus é indispensável para que a Europa dê forma a uma ordem global em que possamos defender os nossos valores e interesses", disse Durão Barroso, referindo as forças políticas "representadas na Comissão [conservadores, socialistas e liberais]".

Na Dinamarca, o Partido Popular Dinamarquês, formação anti-imigração, ficou também em primeiro lugar nas eleições europeias com 26,7% dos votos.

Assim que se percebeu que a vitória estava do lado do PPE, o seu candidato à sucessão de Barroso na presidência da Comissão, Jean-Claude Juncker, reivindicou para o seu grupo político a liderança dessa instituição europeia. No entanto, deverão ser necessárias ainda negociações, pois para ser eleito o presidente da Comissão precisa de uma maioria absoluta de 376 eleitos e neste

momento, segundo as projeções, o PPE tem apenas 212 eurodeputados.

Segundo uma previsão do próprio Parlamento Europeu, os Socialistas e Democratas, segundo maior grupo político na eurocâmara, têm 185 eurodeputados, os liberais 70, os Verdes 55, havendo perdas em todos estes quatro grupos políticos. A esquerda mais radical, por seu lado, aumenta o número de eurodeputados de 35 para 45.

Quanto aos eurodeputados anti-UE não são um grupo homogêneo. O grupo de eurocéticos que integra, por exemplo, o Ukip do britânico Nigel Farage, consegue 36 eleitos, os não-inscritos, nos quais se incluem por exemplo a Frente Nacional de Marine Le Pen surgem agora com 38 eurodeputados. Um outro grupo, a que se chamou "Outros", pelo facto de ser composto por eleitos de partidos que ainda não estavam representados no hemicírculo, como os dos italianos Movimento 5 Estrelas ou dos eurocéticos alemães da AfD, tem 67. O grupo dos conservadores britânicos e polacos tem 44.

A taxa de participação nestas europeias foi de 43%, a mesma do que a registada no escrutínio de 2009 (quando a Croácia ainda não tinha aderido à UE, alargando-a para 28 Estados membros).

[Artigo Parcial](#)

Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Blogs](#) / [Outras Palavras](#) / Europa: o espectro da extrema-direita

18. Europa: o espectro da extrema-direita

Em três países, partidos ultraconservadores e xenófobos podem vencer eleições para Parlamento Europeu. Ascensão revela, em contrapartida, oportunidade para esquerda

por [Antonio Martins](#) — publicado 06/01/2014 18:28, última modificação 06/01/2014 18:29 - [Europa: o espectro da extrema-direita](#) — [CartaCapital](#)

[www.cartacapital.com.br/.../europa-o-espectro-da-extrema-direita-1414....](http://www.cartacapital.com.br/.../europa-o-espectro-da-extrema-direita-1414...)

[inShare](#)1



Integrantes da Liga de Defesa da Inglaterra, grupo islamofóbico

[Este é o blog do site *Outras Palavras em CartaCapital*. [Aqui](#) você vê o site completo]

Como o bom jornalismo, mesmo quando produzido com viés conservador, ajuda a enxergar os fatos e a interferir sobre seu desfecho. A revista inglesa *Economist* acaba de publicar um [editorial](#) e uma [análise](#) sobre uma das tendências políticas mais preocupantes da atualidade: o rápido crescimento, na maioria dos países da Europa, de partidos políticos de extrema-direita. Os textos revelam: tais agremiações podem conquistar até 10% das 751 cadeiras do próximo Parlamento Europeu, a ser eleito em maio. Mais: em nações com influência destacada sobre o continente e além dele — como Inglaterra, França e Holanda — a ultradireita pode ser majoritária, nesse pleito. Não se trata apenas de um fenômeno eleitoral. O estado de bem-estar social, que constituiu uma espécie de identidade comum europeia no pós-II Guerra, entrou em declínio agudo, com a crise econômica pós-2008. A esquerda não foi capaz, ainda, de apresentar uma alternativa. Diante do vazio, uma parcela considerável das populações busca refúgio em três atitudes: uma crítica difusa e desesperançada às instituições políticas, vistas como elitistas e corruptas; a nostalgia em relação a um passado comunitário ou nacional supostamente

glorioso; e, em especial, o ressentimento — ou o ódio — em relação ao *outro*, em especial o não-europeu.

A extrema-direita que cresce, mostram os textos de *Economist*, não é homogênea. Em alguns casos, ela assume claramente seu caráter truculento e brutal. O partido grego [Aurora Dourada](#) (7% dos votos, em 2012), por exemplo, assemelha-se aos nazistas tanto em seu símbolo (muito semelhantes à suástica) quanto em suas práticas. Constitui milícias armadas, agride imigrantes e envolveu-se em assassinatos. Já Marine Le Pen, a líder da [Frente Nacional](#) francesa (17,9%, em 2012) e Nigel Farage, à frente do [Partido Independentista do Reino Unido](#) procuram construir para suas agremiações uma imagem respeitável. Rejeitam associação a regimes autoritários, participam sem exaltação de debates na TV.

Há divergências inclusive em relação a questões que simbolizaram a atitude da extrema-direita no passado: a postura diante dos judeus, por exemplo. A Frente Nacional não dissociou-se de seu passado antissemita (Jean-Marie Le Pen, pai de Marine e fundador do partido, afirmava que o Holocausto promovido pelos nazistas foi “um detalhe” na História). Já o Partido da Liberdade ([PVV](#)) holandês é ardorosamente pró-Israel (além de defender o casamento gay).

Mas todos estes partidos têm, em comum, um tipo de crítica às instituições e ao *status-quo* que merece ser examinado atentamente, inclusive porque pode fazer sucesso não apenas na Europa. Eles denunciam o empobrecimento de parcelas crescentes da população. Não desejam, é claro, associar este fenômeno a suas causas reais — em especial, o avanço da desigualdade e o surgimento de uma oligarquia financeira. Mas são hábeis em apontar, como culpados, os “políticos” (em especial a Comissão Europeia) e, em especial, o *estrangeiro*. Apresentam os imigrantes como bárbaros que vão à Europa para disputar os serviços sociais com os cidadãos “nacionais”. Odeiam, em especial o Islã e os

muçulmanos. Estes representam, em seu discurso, o mesmo papel de “ameaça externa” que Hitler associava aos judeus.

Esta capacidade de capitalizar o sentimento social e dirigi-lo para causas retrógradas torna a extrema-direita perigosa não apenas pelo risco de sua eventual chegada ao poder. Ela contamina, crescentemente, as agendas nacionais. Os partidos da direita tradicional (e mesmo da antiga social-democracia) têm aprovado, cada vez mais, leis e medidas que restringem a imigração e limitam os direitos e liberdades dos estrangeiros.

Embora sombrio, o cenário revela, visto por outro ângulo, uma janela de oportunidade. Se parcelas crescentes dos europeus assumem posições anti-*establishment*, não seria possível oferecer-lhes outras saídas? Como fazê-lo? Dependerá, provavelmente, de dois fatores. Um deles está nas ruas: os movimentos autônomos de protesto, que eclodiram em diversos países do Velho Continente em 2011, conseguirão se rearticular — e mais que isso, formular reivindicações e programas claros? O outro encontra-se no cenário institucional: os partidos de esquerda serão capazes de dar outro sentido ao desconforto das populações?

Vale registrar um fato animador. Na semana passada, Alexis Tsipras, líder do partido grego Syriza, foi escolhido num congresso de partidos de esquerda europeus como candidato do grupo à presidência da Comissão Europeia. Esta condição torna-o uma espécie de porta-voz comum dos partidos, nas eleições europeias de maio. O Syriza (27% nas eleições gregas de 2012) é conhecido precisamente por sua capacidade de dialogar com amplos setores do eleitorado e de articular ação institucional com mobilização dos movimentos sociais.

19.Análise: o avanço da extrema-direita na Europa

15 de maio, 2002 - Publicado às 11h14 GMT –

www.cartamaior.com.br

Le Pen disputou o segundo turno na França

Barnaby Mason

As eleições parlamentares desta quarta-feira na Holanda, pouco mais de uma semana depois do assassinato do político populista de direita Pim Fortuyn, traz de volta a questão do crescimento da extrema-direita na Europa.

Tem havido muita preocupação desde a surpresa política causada pelo segundo lugar de Jean-Marie Le Pen nas eleições presidenciais francesas.

Na Holanda, as pesquisas sugerem que o partido de Fortuyn, o List, agora uma legenda sem líder e composta por novatos, deve ficar em segundo lugar, ajudado pela simpatia gerada pela morte do direitista.

No caso de Fortuyn, assim como no de Pen, há razões específicas para o sucesso nas urnas.

Antiimigração

A mensagem antiimigração do político holandês era mais sutil, condizente com o liberalismo social e até mesmo a tolerância do país.

Mas Fortuyn argumentava que, para preservar esses valores, era necessário ser intolerante com novas imigrações e com o islamismo, que ele descrevia como uma religião retrógrada.

Fortuyn defendia o fim de novas imigrações

Ele não defendeu que a minoria de imigrantes fosse expulsa do país, pelo contrário. Fortuyn dizia que eles deveriam ser integrados à Holanda, adotando a cultura holandesa.

O político rejeitava comparações com Le Pen ou o austríaco Jörg Haide, cujo Partido da Liberdade, de extrema-direita, provocou uma disputa com a União Europeia quando entrou no governo, dois anos atrás.

Ambos são em tese bastante diferentes - personagens grossos cujas declarações mais famosas lembram o fascismo dos nazistas.

Outras lideranças

Há outros líderes de extrema-direita na Europa que se apresentam como políticos modernos e sofisticados.

Entre eles, estão o líder do Partido do Povo, da Dinamarca, Pia Kjaersgaard, e o italiano Gianfranco Fini, membro da coalizão do primeiro-ministro Silvio Berlusconi.

A Aliança Nacional, de Fini, é respeitada no país, mas tem raízes entre fascistas dos tempos de Mussolini.

Outro aliado de Berlusconi, Umberto Bossi, da Liga do Norte, é um nacionalista ainda mais assumido.

Gianfranco Fini: parte de uma coalizão de direita

Já o líder do partido Vlaams Blok, na Bélgica, que conseguiu um terço dos votos em Antuérpia dois anos atrás, referiu-se a Le Pen como companheiros de luta.

Não é surpresa que extremistas da direita se apresentem de diferentes formas e tamanhos - os principais políticos certamente se mostram dessas maneiras.

Mas existe uma questão que os une por toda a Europa: a imigração. A oposição veemente a qualquer aumento do número de imigrantes tem levado a um crescimento do apoio à extrema-direita nesses países mencionados e em outros.

O Partido Popular, também de extrema-direita, está no governo em Portugal. Alguns meses atrás, um novo partido defensor da lei e da ordem recebeu 20% dos votos na cidade alemã de Hamburgo.

Até mesmo o Partido Nacional Britânico, pequeno em termos nacionais, elegeu três representantes nas eleições locais da cidade de Burnley, no norte da Inglaterra.

Os líderes europeus certamente estão vendo o desafio da extrema-direita com seriedade.

O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, disse que democratas de todas linhas têm de ficar juntos em solidariedade contra políticas extremistas.

Criminalidade

Blair fez a declaração depois de se reunir com o chanceler (premiê) alemão, Gerhard Schröder em Berlim (Alemanha) - dois líderes de centro-esquerda que estão ficando cada vez mais isolados na Europa.

Schröder disse que o aumento do nacionalismo ameaça a integração dos países europeus e o crescimento da União Européia.

Em uma entrevista a um jornal, ele identificou entre o público de alguns países um sentimento de que a questão da segurança interna - ou criminalidade, cuja culpa é geralmente lançada sobre os imigrantes - não tem sido tratada como deveria.

Não está claro se os líderes políticos definiram uma estratégia a ser adotada para lidar com as preocupações das pessoas e, com isso, combater a extrema-direita.

Governos podem se lançar mais à direita, o que alguns já fizeram - alguns no discurso, outros na prática. A Dinamarca, por exemplo, negou aos novos imigrantes o direito a todos os benefícios sociais.

A retórica da centro-esquerda tem se tornado mais dura, e a Grã-Bretanha é um exemplo.

Mas os partidos de extrema-direita sempre serão capazes de atingir governos em questões como lei e ordem e imigração, a não ser talvez que eles sejam parte desses governos.

Alguns defendem expor a sua falta de políticas e soluções para outros problemas.

Na Grã-Bretanha, o ministro para a Europa, Peter Hain, causou polémica quando disse que os imigrantes muçulmanos podem se isolar demais.

Hain afirmou que eles eram bem-vindos, mas precisavam se integrar à cultura britânica.

Mão-de-obra

Comentários como esses, segundo alguns muçulmanos e outros críticos, são simplistas e dão legitimidade a extremistas de direita.

A opinião de progressistas na Grã-Bretanha e em outros países é de que políticos de destaque deveriam ter a coragem de defender suas convicções e falar abertamente em favor da tolerância.

Há outros argumentos contra um reforço das já duras restrições à imigração na Europa ocidental.

Um deles é que é praticamente impossível conter a onda de imigração e outro que tornar mais estrangeiros ilegais apenas aumentará o ressentimento popular contra eles.

Vários analistas também argumentam que o rápido envelhecimento da população da Europa e a queda nas taxas de fecundidade indicam uma futura escassez de mão-de-obra que precisaria ser contida, em parte, pela imigração.

Não há respostas fáceis. A dificuldade que a União Européia está tendo em estabelecer políticas comuns de imigração e asilo mostra isso.

E os problemas que têm alimentado o avanço da direita devem, provavelmente, se agravar.

20. A Ucrânia e a ascensão do euro-fascismo

por Sergei Glazyev [*]

Os atuais acontecimentos na Ucrânia são guiados pelos espíritos malignos do fascismo e do nazismo, embora aparentemente tenham-se dissipado há muito depois da II Guerra Mundial. Setenta anos após a guerra, o génio mais uma vez escapou da garrafa, colocando uma ameaça não simplesmente na forma dos símbolos e retórica dos apaniguados de Hitler mas também através de uma obsessiva política Drang nach Osten (Impulso para o Leste).

A garrafa foi desenvolvida, desta vez pelos americanos. Tal como há 76 anos atrás em Munique, quando britânicos e franceses deram a sua bênção a Hitler para a marcha rumo ao Leste. Da mesma forma, na Kiev de hoje Washington, Londres e Bruxelas estão a incitar Yarosh, Tyahnybok e outros nazis ucranianos à guerra com a Rússia. É-se forçado a perguntar: por que fazem isto no século XXI? E por que está a Europa, agora unida na União Europeia, a tomar parte no atear de uma nova guerra, como se sofresse de um lapso total de memória histórica?

Responder a estas perguntas exige, antes de mais nada, uma definição precisa do que está a suceder. Isto, por sua vez, deve começar com a identificação dos componentes chave dos acontecimentos, com base em factos. Os factos são geralmente conhecidos: Yanukovich recusou-se a assinar o Acordo de Associação com a UE, que a Ucrânia fora pressionada a aceitar. Depois disso, os Estados Unidos e seus aliados da NATO removeram-no fisicamente do poder ao organizarem um violento golpe de estado em Kiev e levarem ao poder um governo que era ilegítimo, mas que lhes obedecia plenamente. Neste artigo, será chamado "a junta".

O objectivo desta agressão era fazer com que o Acordo de Associação fosse aceite, como se evidencia pelo facto de que foi na verdade assinado, prematuramente, pelos líderes da UE e a junta apenas um mês depois de esta última ter capturado o poder. Eles relatam (o documento contendo suas assinaturas ainda não foi publicado!) que apenas a parte política do acordo foi assinada, a parte que obriga a Ucrânia a seguir a política externa e de defesa da UE e a participar, sob a direção da UE, na resolução de conflitos civis e militares regionais. Com este passo, a adoção do Acordo como um todo tornou-se uma mera technicalidade.

Na essência, os acontecimentos na Ucrânia assinalam a subordinação forçosa do país à União Europeia – o que pode ser chamado de "Euro-ocupação". Os líderes da UE que insistentemente nos dão lições sobre a obediência à lei e aos princípios de um estado baseado na lei, neste caso marimbaram-se para a regra da lei ao assinarem um tratado ilegítimo com um governo ilegítimo. Yanukovych foi derrubado porque se recusou a assiná-lo. Esta recusa, além disso, precisa ser entendida em termos não só do conteúdo do Acordo como também do facto de que ele não tinha direito legal a aceitá-lo, porque o Acordo de Associação viola a Constituição Ucraniana, a qual não prevê a transferência da soberania do estado a uma outra parte.

De acordo com a Constituição Ucraniana, um acordo internacional que entre em conflito com a Constituição só pode ser assinado se a Constituição for emendada previamente. A junta instalada pelos EUA – e pela UE – ignorou esta exigência. Segue-se que os EUA e a UE organizaram o derrube do governo legítimo da Ucrânia a fim de privar o país da sua independência política. O próximo passo será impor à Ucrânia suas políticas económica e comercial preferidas, através do seu acesso à parte económica do Acordo. Além disso, embora a actual Euro-ocupação difira da ocupação da Ucrânia em 1941 em que, até agora, se verificou sem uma invasão por exércitos estrangeiros, sua natureza coerciva está para além de

qualquer dúvida. Assim como os fascistas despojaram a população da Ucrânia ocupada de todos os direitos civis, a junta moderna e seus apoiantes americanos e europeus tratam os oponentes da Euro-integração como criminosos, acusando-os sem fundamento de separatismo e terrorismo, aprisionando-os ou mesmo posicionando guerrilhas nazis para alvejá-los.

Enquanto o Presidente Yanukovich estava em vias de assinar o Acordo de Associação com a UE era o destinatário de toda espécie de louvação e sedução de políticos e altos responsáveis da UE. Contudo, no minuto em que se recusou, agentes de influência americanos (bem como representantes oficiais dos EUA, tais como o embaixador na Ucrânia, a secretária de Estado Assistente e representantes de agências de inteligência), juntamente com políticos europeus, começaram a castigá-lo e a louvar seus oponentes políticos. Eles proporcionaram maciça ajuda informacional, política e financeira aos protestos do Euromaidan, transformando-o no terreno para o golpe de estado. Muitas das ações de protesto, incluindo ataques criminosos contra pessoal encarregado de aplicar a lei e tomadas de edifícios governamentais, acompanhadas por assassinatos e espancamentos de um grande número de pessoas, foram apoiadas, organizadas e planeadas com a participação da Embaixada Americana, assim como de responsáveis e políticos europeus, os quais não só "interferiram" nos assuntos internos da Ucrânia como executaram uma agressão contra o país através das guerrilhas nazis que haviam cultivado.

A utilização de nazis e fanáticos religiosos para minar a estabilidade política em várias regiões do mundo é um método favorito das agências de inteligência americanas. Ele foi empregado contra a Rússia no Cáucaso, na Ásia Central e agora mesmo na Europa do Leste. O programa Parceria Oriental (Eastern Partnership), o qual os EUA encorajaram os responsáveis polacos e da UE a iniciar, foi voltado contra a Rússia desde o princípio. O seu objectivo era romper as relações das antigas repúblicas soviéticas com a Rússia.

Esta ruptura supunha-se que fosse concluída por contratos de Acordos de Associação entre cada um destes países e a UE. A fim de proporcionar bases políticas para estes acordos foi lançada uma campanha para espalhar russofobia e difundir um mito chamado "a escolha europeia". Esta mítica "escolha europeia" foi então artificialmente contraposta ao processo de integração euro-asiático, com políticos e media ocidentais a descreverem a última como uma tentativa de restaurar a URSS.

O programa Parceria Oriental fracassou em toda e qualquer antiga república soviética. A Bielorrússia já fez a sua própria escolha, criando uma União Estatal com a Rússia. O Cazaquistão, outro país euro-asiático chave (embora não formalmente um alvo da Parceria Oriental) igualmente escolheu o seu próprio caminho, constituindo a União Aduaneira com a Rússia e a Bielorrússia. A Arménia e o Quirguistão decidiram aderir a este processo. A província de Gagauzia rejeitou a adoção da russofobia como pedra angular da política de Moldova. O referendo Gagauz, rejeitando a integração europeia em favor da União Aduaneira, desafiou a legitimidade da "escolha europeia" de Chisinau. A Geórgia, a única república que tomou uma decisão relativamente legítima em favor da associação com a UE, pagou a sua "escolha europeia" com a perda de controle sobre uma parte do seu território, onde o povo não quis viver sob a euro-ocupação. O mesmo cenário está agora a ser imposto à Ucrânia – perda de uma parte do seu território, onde os cidadãos não aceitam a "escolha europeia" da liderança.

A coação da Ucrânia para por a sua assinatura no Acordo de Associação com a UE foi embrulhada na russofobia, como reação da consciência pública ucraniana magoada pela decisão do povo da Crimeia de aderir à Federação Russa. Uma vez que a maioria dos ucranianos ainda não se consideram automaticamente como separados da Rússia, tem havido ali uma forte pressão para inculcar uma percepção deste episódio como agressão russa e anexação de parte do seu território. Eis porque Brzezinski fala

acerca na "finlandização" da Ucrânia, um meio de anestésiar os cérebros da nossa elite política durante a operação americana de amputar os laços da Ucrânia com a Rússia histórica. Ainda que sob anestesia, supõem que nós russos devemos aceitar um sentimento de culpa pela nossa mítica opressão do povo ucraniano, ao passo que este último é alimentado à força com repúdio à Rússia, com a qual alegadamente terá combatido ao longo tempo sobre a Pequena Rússia e Novorossiia. [1]

Contudo, só um observador superficial veria a atual histeria anti-russa nos media ucranianos, tão impressionante na sua russofobia frenética, como uma reação espontânea ao drama na Crimeia. Na realidade, é evidente que a guerra que está a ser travada contra a Rússia está agora a entrar numa fase aberta. Durante duas décadas fomos razoavelmente tolerantes com as manifestações da ideologia nazi na Ucrânia, sem considerá-la seriamente, em vista da aparente ausência de pré-condições claras para o nazismo. A falta de tais pré-condições, contudo, foi totalmente compensada pela persistente sementeira de russofobia através do apoio a numerosas organizações nacionalistas. A discrepância entre a sua ideologia e a exatidão histórica não incomoda os fuehrers destas organizações. Em troca de uma ninharia de países membros da OTAN, eles são completamente livres para pintarem a Rússia como a imagem do inimigo. O resultado é inconvincente, devido à nossa história, língua e cultura comuns: Kiev é a mãe de todas as cidades russas, o Kiev-Pechersk Lavra é o maior local sagrado dos ortodoxos do mundo e foi na Academia Kiev-Mohyla que a moderna língua russa tomou forma. Portando, são utilizadas mentiras loucas, jogando com episódios trágicos da nossa história comum, tais como a Revolução e a Guerra Civil, bem como a fome do Holodomor dos anos 1930, os quais são falsamente atribuídos unicamente à tirania russa. A russofobia, baseada no nazismo, está ser tornada a pedra angular da identidade nacional da Ucrânia.

Este artigo não está preocupado em desvendar a objectividade da absurda histeria russofóbica dos nazis ucranianos, mas sim em estabelecer as razões para o seu ressurgimento no século XXI. Isto exige uma percepção de que este "nazismo ucraniano" é uma construção artificial, criada pelos antigos inimigos do mundo russo. O nacionalismo e fascismo ucraniano, cultivado do exterior, sempre tiveram Moscovo como alvo. A princípio era promovido pela Polónia, a qual encarava a Ucrânia como a sua própria zona fronteiriça e estabeleceu a sua estrutura de poder vertical para administrá-la. A seguir veio a Áustria-Hungria, a qual investiu grandes quantias de dinheiro ao longo de muito tempo para encorajar o separatismo ucraniano. Durante a ocupação fascista alemã, estas tendências separatistas foram o terreno no qual o movimento Bandera e a Polizei se desenvolveram, ajudando os fascistas alemães a estabelecerem a sua ordem na Ucrânia, inclusive através de operações punitivas e escravização da população. Seus seguidores modernos estão agora a fazer o mesmo: sob a orientação dos seus instrutores americanos, guerrilhas do Right Sector Banderista estão a efectuar operações punitivas contra a população no Donbass, ajudando a junta instalada pelos EUA a "limpar" cidades dos apoiantes de maior integração com a Rússia e assumindo funções de polícia para o estabelecimento de uma ordem pró americana e anti russa.

É óbvio que sem o firme apoio americano e europeu não teria sido possível nem o golpe de estado nem a existência da junta de Kiev. Infelizmente, como diz o famoso ditado, "a história ensina-nos que a história não ensina nada". Isto é uma catástrofe para a Europa, a qual mais de uma vez teve de tratar com casos de governos proto-fascistas como aquele que agora molda a Ucrânia. Ele envolve, essencialmente, um relacionamento entre fascistas e o grande capital. Uma simbiose deste tipo permitiu a ascensão de Hitler, que foi apoiado pelos principais capitalistas alemães, seduzidos pela oportunidade, sob a cobertura da retórica nacional-socialista, de ganhar dinheiro com encomendas do governo e com a militarização da economia. Isto aplica-se não só aos capitalistas alemães como

também aos europeus e americanos. Houve colaboradores com o regime de Hitler em praticamente todos os países europeus e os Estados Unidos.

Poucas pessoas perceberam que as marchas com tochas seriam seguidas pelos fornos em Auschwitz e que dezenas de milhões de pessoas morreriam no incêndio da II Guerra Mundial. A mesma dinâmica está a desenvolver-se agora em Kiev, excepto que o berro de "Heil Hitler!" foi substituído pelo de "Glória aos heróis!" – heróis cujo grande feito foi executar judeus indefesos em Babi Yar . Além disso, a oligarquia ucraniana – incluindo os líderes de algumas organizações judias – está a financiar os anti-semitas e nazis do Right Sector, os quais são os baluartes armados do atual regime na Ucrânia. Os patrocinadores do Maidan esqueceram que, no relacionamento simbiótico entre nazis e grande capital, os nazis sempre obtém o controle sobre os homens de negócio liberais. Estes últimos são forçados ou a tornarem-se nazis ou a deixarem o país. Isto já está a acontecer na Ucrânia: os oligarcas que permanecem no país estão a competir com os pequeno fuehrers do Right Sector no domínio da russofobia e da retórica anti-"moscovita", bem como em sequestrar a propriedade daqueles antigos patrocinadores nazis que fugiram para Moscovo.

Os atuais dominadores em Kiev contam com a proteção dos seus patrões americanos e europeus, jurando-lhes diariamente que combaterão a "ocupação russa" até o último "moscovita" [2] . Eles obviamente subestimam quão perigosos são os nazis, porque estes acreditam realmente que são uma "raça superior", ao passo que todas as outras, incluindo os homens de negócio que os patrocinam, são encarados como criaturas "sub-humanas", contra as quais é permissível violência de toda espécie. Eis porque os nazis sempre prevalecerão, dentro do seu relacionamento simbiótico com a burguesa, a qual é então forçada ou a submeter-se ou a fugir do país. Não há dúvida de que se os seguidores de Bandera não forem travados à força, o regime nazi na Ucrânia

desenvolver-se-á, expandir-se-á e consolidar-se-á mais profundamente. A única coisa ainda em dúvida será a "escolha europeia" da Ucrânia, pois o país fede cada vez mais ao fascismo de 80 anos atrás.

Naturalmente, o eurofascismo de hoje é muito diferente das suas versões alemã, italiana e espanhola no século XX. Estados nacionais europeus retrocederam ao passado, entrando na União Europeia e submetendo-se à euroburocracia. Esta última tornou-se o principal poder político na Europa, revogando facilmente quaisquer intentos de soberania de países europeus individuais. O poder da burocracia baseia-se não num exército, mas no seu monopólio sobre a emissão de moeda, sobre os mass media e sobre a regulamentação do comércio, todos os quais são administrados pela burocracia no interesse do grande capital europeu. Em todo conflito com governos nacionais europeus durante a última década, a euroburocracia prevaleceu constantemente, forçando países europeus a aceitarem seu governo e seus políticos tecnocratas. Tais políticas são baseadas na rejeição constante de todas as tradições nacionais, desde os padrões morais cristãos até como são produzidas as salsichas.

Os europolíticos vulgares, do genero neutro e livres de ideias pouco se assemelham aos fuehrers enfurecidos do Terceiro Reich. O que eles têm em comum é uma confiança maníaca em que estão certos e na prontidão para forçar os povos a obedecerem. Embora as formas eurofascistas de compulsão sejam mais suaves, trata-se ainda de uma abordagem dura. A discordância não é tolerada e a violência é permitida, até e incluindo o extermínio físico daqueles que discordam das políticas de Bruxelas. Naturalmente, os milhares que morreram durante o esforço para instilar "valores europeus" na Jugoslávia, Geórgia, Moldávia e agora na Ucrânia não se comparam com os milhões de vítimas dos invasores fascistas alemães durante a II Guerra Mundial. Nações europeias inteiras estão a desaparecer no cadinho da integração europeia.

A palavra italiana fascio, da qual deriva "fascismo", indica uma união, ou algo atado junto. No seu entendimento actual, refere-se à unificação sem preservação da identidade do que é integrado – sejam povos, grupos sociais ou países. Os eurofascistas de hoje estão a tentar apagar não só diferenças económicas e culturais nacionais como também a diversidade de individualidades humanas, incluindo a diferenciação por sexo e idade. Ainda mais: a agressividade com que os eurofascistas estão a combater para expandir sua área de influência por vezes recorda-nos da paranóia dos apoiantes de Hitler, os quais estavam preocupados com a conquista do Lebensraum [espaço vital] para a raça ariana superior. Basta recordar a histeria dos políticos europeus que apareciam no Maidan e nos media ucranianos. Eles justificaram os crimes dos proponentes da euro-integração e de maneira infundada denunciaram aqueles que discordavam da "escolha europeia" da Ucrânia, adotando a abordagem de Goebbels de que quanto mais monstruosa a mentira mais se assemelha à verdade.

Hoje, o condutor do eurofascismo é a euroburocracia, a qual obtém suas directrizes de Washington. Os Estados Unidos apoiam a expansão para o Leste da UE e da NATO de todos os modos possíveis, vendo estas organizações como importantes componentes do seu império global. Os EUA exercem controle sobre a UE através de instituições supranacionais, as quais esmagaram os estados-nação que aderiram à UE. Privada de soberania económica, financeira, de política externa e militar, estes submetem-se às directivas da Comissão Europeia, as quais são adotadas sob intensa pressão dos EUA.

Na essência, a UE é um império burocrático que arranja as coisas dentro do seu espaço económico de acordo com os interesses do capital europeu e americano, sob controle estado-unidense. Como qualquer império, aspira expandir-se e faz isso atraindo países vizinhos a Acordos de Associação, pelos quais estes entregam sua

soberania à Comissão Europeia. A fim de fazer com que tais países aceitem tornar-se colônias da UE, apregoam o medo acerca de uma ameaça externa, com o media guiados pelos EUA a retratarem a Rússia como agressiva e belicosa. Sob este pretexto, a UE e a NATO moveram-se rapidamente para ocupar os países da Europa do Leste após o colapso da União Soviética; a guerra nos Balcãs foi organizada para este objectivo. As vítimas seguintes do eurofascismo foram as repúblicas bálticas, nas quais nazis russofóbicos forçaram a adesão à UE e a NATO. A seguir o eurofascismo alcançou a Geórgia, onde nazis sob orientação americana desencadearam uma guerra civil. Hoje, os eurofascistas estão a utilizar o modelo georgiano na Ucrânia, a fim de forçá-la a assinar o Acordo de Associação [NR 1] com a UE, como um território subserviente e cabeça-de-ponte para atacar a Rússia.

Os EUA encaram o processo de integração da Eurásia como a principal ameaça aos seus planos de colocar a euroburocracia como responsável da área pós soviética. O processo de integração está a desenvolver-se com êxito em torno da União Aduaneira Rússia-Bielorússia-Cazaquistão. A UE e os EUA investiram pelo menos US\$10 mil milhões na construção de redes anti-russas, a fim de impedir a Ucrânia de tomar parte naquele processo. Em paralelo, utilizando o apoio de polacos e bálticos russofobos, bem como dos media sob o controle dos magnatas americanos dos media, os Estados Unidos estão a incitar responsáveis europeus contra a Rússia, com o objectivo de isolar as antigas repúblicas soviéticas do processo de integração euro-asiático. O programa Parceria Oriental (Eastern Partnership), inspirado por eles, é uma cobertura para a agressão contra a Rússia na antiga área soviética. Esta agressão toma a forma de forçar antigas repúblicas soviéticas a entrarem em Acordos de Associação com a UE, sob os quais transferem sua soberania econômica, comercial, de política externa e as funções de defesa para a Comissão Europeia.

Para a Ucrânia, o Acordo de Associação com a União Europeia significa transferir para Bruxelas suas funções soberanas de regulação comercial e outras relações econômicas externas, de padrões técnicos e inspeções veterinárias, sanitárias e de peste, bem como abrir seus mercados a bens europeus. O acordo contém um milhão de páginas de diretivas da UE que a Ucrânia teria de cumprir. Cada seção obriga a que a legislação ucraniana seja alterada para cumprir as exigências de Bruxelas. Além disso, a Ucrânia assumiria a obrigação de cumprir não só as atuais diretivas de Bruxelas como também as futuras, em cuja redação não exercerá qualquer papel.

Dito claramente, depois de assinar o Acordo a Ucrânia torna-se uma colônia da União Europeia, obedecendo cegamente às suas exigências. Isto inclui exigências que a indústria ucraniana é incapaz de executar e que prejudicarão a economia do país. A Ucrânia deve abrir completamente o seu mercado a bens europeus, os quais levarão a um aumento de US\$4 mil milhões nas suas importações e expulsarão do mercado produtos industriais ucranianos não competitivos. A Ucrânia será obrigada a cumprir padrões europeus, os quais custarão 150 mil milhões em investimentos para modernização econômica. Não há fontes para tais quantias de dinheiro. Segundo estimativas de economistas ucranianos e russos, a Ucrânia, depois de assinar o Acordo, pode esperar uma deterioração das suas já negativas balanças comercial e de pagamentos e, em consequência, o incumprimento (default).

Portanto, assinar o Acordo de Associação significaria [NR 2] uma catástrofe econômica para a Ucrânia. A UE obteria certas vantagens, através de um mercado expandido para os seus produtos e a oportunidade de adquirir ativos ucranianos desvalorizados. Corporações dos EUA, por sua vez, ganhariam acesso a reservas de gás de xisto (shale gas), as quais gostariam de adicionar a infraestrutura de gasodutos e um mercado para elementos combustíveis nucleares destinados a centrais elétricas.

O objetivo principal, contudo, é geopolítico: depois de assinar o Acordo de Associação, a Ucrânia não poderia participar na União Aduaneira com a Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão. Foi para este resultado que os EUA e a UE recorreram à agressão contra a Ucrânia, organizando a captura armada do poder pelos seus protegidos. Apesar de acusarem a Rússia de anexar a Crimeia, eles próprios tomaram a Ucrânia como um todo, com a instalação de uma junta sob o seu controle. A missão da junta é despir a Ucrânia da sua soberania e colocá-la sob a UE, através da assinatura do Acordo de Associação.

O desastre na Ucrânia pode ser chamado de agressão contra a Rússia pelos EUA e seus aliados da OTAN. Isto é uma versão contemporânea do euro-fascismo, a qual difere da cara anterior do fascismo durante a II Guerra Mundial por empregar poder "soft" com apenas alguns elementos de ação armada em casos de extrema necessidade, bem como a utilização da ideologia nazi como uma ideologia suplementar ao invés de absoluta. Um dos principais elementos definidores do eurofascismo foi entretanto preservado e é a divisão dos cidadãos em superiores (aqueles que apoiam a "escolha europeia") e inferiores, os quais não têm direitos às suas próprias opiniões e em relação aos quais tudo é permitido. Uma outra característica é a prontidão para utilizar violência e cometer crimes ao tratar com oponentes políticos. O aspecto final que precisa ser entendido é o que conduz ao renascimento do fascismo na Europa. Sem apreender isto, é impossível desenvolver um plano de resistência e salvar o mundo russo desta mais recente ameaça de euro-ocupação.

A teoria do desenvolvimento econômico a longo prazo reconhece um inter-relacionamento entre ondas longas de atividade econômica e ondas longas de tensão militar e política. Mudanças periódicas de um modo tecnológico dominante para o seguinte alternam-se com depressões econômicas, em que gastos governamentais acrescidos são utilizados como incentivo para ultrapassar a crise. Os gastos

são concentrados no complexo militar-industrial, porque a ideologia econômica liberal permite o reforço do papel do estado só para objetivos de segurança nacional. Portanto, é promovida a tensão militar e política e são provocados conflitos internacionais para justificar gastos acrescidos com a defesa. Isto é o que está a acontecer atualmente: os EUA estão a tentar resolver seus acumulados desequilíbrios econômicos, financeiros e industriais a expensas de outros países, pelo agravamento de conflitos internacionais que lhes permitirão cancelar dívidas, apropriarem-se de ativos pertencentes a outros e enfraquecer seus rivais geopolíticos. Quando isto foi feito durante a Grande Depressão da década de 1930, o resultado foi a II Guerra Mundial. A agressão americana contra a Ucrânia prossegue todos os objetivos acima mencionados. Primeiro, sanções econômicas contra a Rússia são destinadas a eliminar milhares de milhões de dólares da dívida estado-unidense para com a Rússia. Um segundo objectivo é tomar ativos do estado ucraniano, incluindo o sistema de transporte de gás natural, reservas minerais, as reservas ouro do país e objetos valiosos artísticos e culturais. Terceiro, capturar mercados ucranianos com importância para companhias americanas, tais como combustível nuclear, aeronáutica, fontes de energia e outros. Quarto, enfraquecer não só a Rússia como também a União Europeia, cuja economia sofrerá uma perda estimada em um milhão de milhões (trillion) de dólares com as sanções econômicas contra a Rússia. Quinto, atrair para os EUA capitais em fuga da instabilidade na Europa.

Portanto, a guerra na Ucrânia é negócio apenas para os Estados Unidos. A julgar pelos relatos nos media, os EUA já recuperaram seus gastos com a Revolução Laranja e o Maidan ao levarem como premio tesouros dos saqueados Museu Nacional de Arte Russa e Museu Histórico Nacional, ao tomarem campos potenciais de gás e ao forçarem o governo ucraniano a mudar de russos para americanos os fornecimentos de combustível nuclear para as suas centrais nucleares. Além disso, os americanos avançaram no seu objectivo de longo prazo de separar a Ucrânia da Rússia,

transformando o que costumava ser a "Pequena Rússia" num estado hostil à Rússia, a fim de impedi-lo de aderir ao processo de integração euro-asiático.

Esta análise não deixa espaço para dúvidas acerca da natureza a longo prazo e constante da agressão americana contra a Rússia na Ucrânia. Washington está a dirigir seus fantoches de Kiev no sentido de escalar o conflito, ao invés de revertê-lo. Eles também estão a incitar os militares ucranianos contra a Rússia, tendo como objectivo arrastar forças terrestres russas a uma guerra contra a Ucrânia. Eles estão a encorajar os nazis ali a iniciarem novas operações de combate. Isto é uma guerra real, organizada pelos Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Tal como há 75 anos atrás, ela está a ser travada pelos eurofascistas contra a Rússia, com a utilização de nazis ucranianos cultivados para este propósito.

O que é surpreendente é a posição dos países europeus, os quais estão a reboque dos EUA e nada fazem para impedir uma nova escalada da crise. Eles deveriam entender melhor do que ninguém que nazis só podem ser travados com a força. Quanto mais cedo isto for feito, menos vítimas e menos destruição haverá na Europa. A avalanche de guerras através da África do Norte, do Médio Oriente, dos Balcãs e agora na Ucrânia, incitadas pelos EUA no seu próprio interesse, ameaça acima de tudo a Europa. E foi a devastação da Europa em duas guerras mundiais que deu origem ao milagre económico americano no século XX.

Mas o Velho Mundo não sobreviverá a uma Terceira Guerra Mundial. Impedir tal guerra significa que deve haver reconhecimento internacional de que as ações dos EUA constituem agressão e que a UE e os responsáveis estado-unidenses que as executam são criminosos de guerra. É importante conferir a esta agressão a definição legal de "eurofascismo" e condenar as ações dos políticos

e responsáveis europeus que tomaram parte no ressuscitar do nazismo sob a cobertura da Parceria Oriental.

24/Junho/2014

Notas

[1] Malorossiya ("Pequena Rússia" ou "Rússia Menor") é uma expressão que remonta à toponímia grega para as áreas populadas pelos eslavos orientais, mais próximas ("Rússia Menor") e mais remotas a Norte do Mar Negro ("Rússia Maior"). Ela tem sido utilizada ao longo dos tempos para indicar toda a moderna Ucrânia ou, principalmente, o nordeste da Ucrânia ou margem esquerda do Rio Dnieper. A expressão Novorossiya ("Nova Rússia") foi introduzida no século XVIII para terras adquiridas pelo Império Russo, sob Catarina II, em guerras com o Império Otomano. Estas incluíam o litoral do Mar Negro desde o Rio Dniester até a Crimeia, o litoral do Mar de Azov a Leste até aproximadamente a foz do Rio Don, e terras ao longo do baixo Dnieper.

[2] Moskal , ou "Moscovite, é um termo pejorativo ucraniano para um russo.

[NR 1] O acordo foi assinado em 27/Junho/2014.

[NR 2] Este artigo é anterior à assinatura do Acordo de Associação.

Ver também:

- [Ukraine and EU sign free trade zone deal](#)
- [5 facts you need to know about Ukraine-EU trade deal](#)
- [NATO pledges new funding for Ukrainian military](#)
- ["Impedir o reforço do exército ucraniano"](#)
- [Les communistes moldaves dénoncent l'Accord d'association avec l'Union européenne](#)

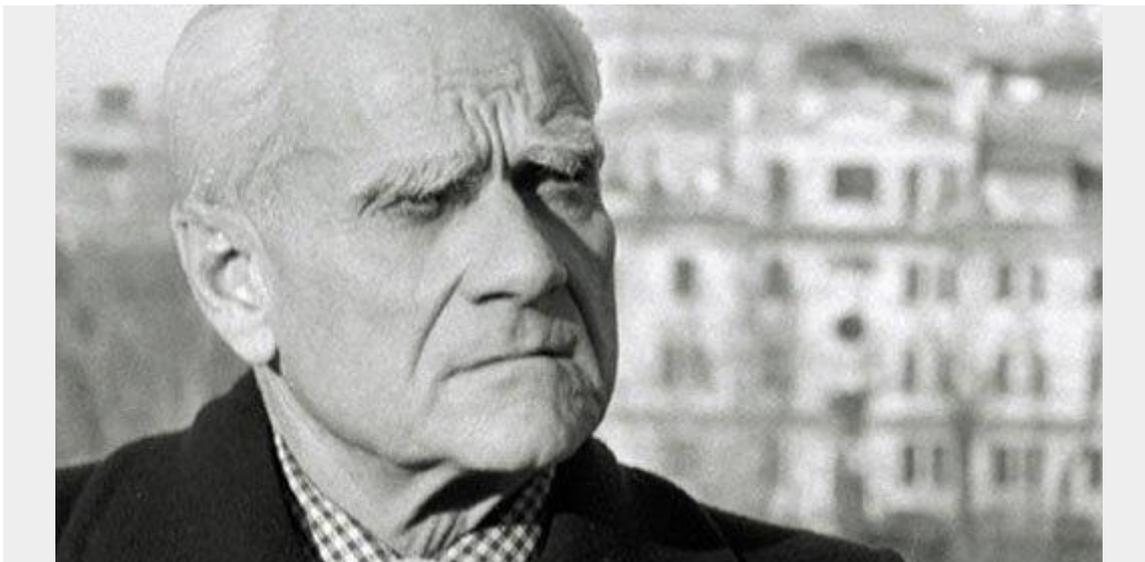
- Ukraine's EU Association Agreement, A Prelude to Further Bloodshed
- Batalhão "Azov": metade consiste de criminosos
- Fascism As It Is , filme de Andrey Karaulov (em inglês)

[*] Da Academia de Ciências Russa e conselheiro do Presidente da Federação Russa.

O original encontra-se em www.globalresearch.ca/ukraine-and-the-rise-of-euro-fascism/5388443

Este artigo encontra-se em <http://resistir.info/>

21. Alberto Moravia e o Parlamento



Alberto Moravia: “O Parlamento europeu é uma instituição e, como tal, em tempos de rotina normal, pode até dar impressão de ser inútil (...) mas as instituições só mostram o que valem nos momentos de crise”.

Por Tarso Genro - 18/fev/2015, 8h12min

Alberto Moravia nasceu em 1907 e faleceu em 1990. Amigo de Enrico Berlinguer, chegou a ser deputado no Parlamento Europeu na lista do PCI e foi, juntamente com Norberto Bobbio e o mesmo Berlinguer, uma das cabeças europeias mais luminosas da segunda metade do Século XX. Comentando a notoriedade que adquiriu, a partir das suas frequentes aparições na TV relatou que, certa vez, uma jovem foi ao seu encontro gritando: “Nem pode imaginar como fico feliz em conhecê-lo; quem é o senhor?” É dele também, que atravessou o fascismo como opositor, a seguinte frase: “Uma ditadura é um estado em que todos tem medo de um e cada um tem medo de todos”.

Irônico sem ser ofensivo, mordaz sem desqualificar o adversário, conhecedor profundo da cultura e da política europeia, transformou os artigos da sua coluna “Diário Europeu”, publicada no jornal “Corriere della Sera”, num livro que logo se tornou logo célebre. A obra foi publicada com o mesmo título da coluna, em 1993, pela Editora Fabbri, de Milão; depois foi traduzida e publicado no Brasil, em 1995, pela Bertrand.

Tudo no livro é vivo, inteligente e informativo, mas tem um sabor especial as suas observações sobre dois temas candentes à época e até hoje: a decadência da URSS, como ideia socialista hegemônica na Europa e depois no mundo, e a União Europeia em formação e crise de afirmação, como se vê, aliás, ainda nos dias de hoje.

Vou comentar uma resposta que Morávia ditou a um dos jornalistas que vagavam em busca de notícias no Parlamento Europeu, em outubro de 1987. Certamente era um período meio modorrento da casa, mas vale a pena porque -segundo Morávia- as perguntas que lhe endereçavam não eram as mesmas propostas aos “políticos” profissionais. Por ser escritor, ele provocava perguntas, digamos... diferentes, dos jornalistas de plantão, mas nem sempre muito inteligentes. Talvez isso coincidissem com o início do “jornalismo de pegadinhas”, no qual o jornal não publica a pergunta feita pelo repórter ao entrevistado-vítima, mas divulga apenas a resposta, situando-a -como frequentemente ocorre- no contexto depois arbitrado pelo editor.

A pergunta brilhante foi: “O que o sr. acha do Parlamento Europeu?” A resposta, modesta e levemente mordaz foi: “O Parlamento europeu é uma instituição e, como tal, em tempos de rotina normal, pode até dar impressão de ser inútil (...) mas as instituições só mostram o que valem nos momentos de crise”. Um editor mal intencionado poderia produzir a seguinte manchete: “Morávia diz que Parlamento só não é inútil em momentos de crise”. Ou poderia tentar outra: “O Parlamento é normalmente inútil, segundo Morávia.” Ou, ainda, uma terceira: “Morávia: a rotina do Parlamento é inútil”. Todas elas poderiam ser fundamentadas na fala textual de Morávia, mas nenhuma delas revelaria a verdade do seu pensamento.

O que ele disse, claramente, foi o seguinte: “os parlamentos são fundamentais nas crises e ali é que eles podem mostrar o seu valor.” Na verdade, a resposta de Morávia é muito profunda e só aparenta ser irônica, nos dias que correm, porque as instituições do Estado e todos os seus poderes estão sob uma crítica feroz e destrutiva de um poder sufocante que constitui, em certo sentido, um partido “novo tipo” na crise da democracia: os oligopólios midiáticos. O seu poder ainda não foi completamente desnudado e os seus efeitos negativos, para a permanência do Estado fundado no Direito e na soberania dos seus poderes institucionais, ainda estão meio opacos para o senso comum.

Não se trata, como querem fazer crer alguns néscios, de defender que deve ser instituída qualquer tipo de censura ou controle de conteúdos, fora do que a Constituição Democrática já estabelece. A questão é muito diferente: as instituições, os grupos políticos, os agentes políticos, os movimentos sociais, tem “o direito” de promover a mesma crítica radical aos donos, aos interesses, aos negócios, às instituições privadas da mídia, que aqueles grupos promovem contra si? A resposta é sim: igualdade formal, portanto, registrada.

Mas, prossigamos. Estas instituições da sociedade civil e do estado, grupos, partidos, etc. ... tem o mesmo “poder”, que a grande mídia tem por concessão

pública, de fazer circular as suas críticas, avaliações sobre os seus negócios e a ética empresarial dos donos e das instituições da mídia? A resposta é um rotundo não. A potência de ambos os “lados”, para divulgar amplamente as suas opiniões, é completamente diversa e isso gera uma profunda deformidade na política, no âmbito da democracia.

Quais deformações? Primeiro, quem tem mais possibilidade de divulgar suas opiniões tem a maior possibilidade de definir a natureza das agendas, que devem ser colocadas na pauta política? Quem tem mais capacidade de comunicar suas opiniões -falo nos grandes grupos de interesses econômicos e financeiros dos quais dependem as cadeias de comunicação- tem também mais capacidade de omitir e proteger-se? Quem tem maior capacidade de escolher e selecionar fatos para informar, tem a maior capacidade artificializar conflitos, sobrevalorizá-los, ou não, criando ou dissolvendo “clamores públicos”, de acordo com a sua hierarquia de valores.

É óbvio que os grupos de poder econômico e político que transacionam com a mídia, nem sempre são os mesmos. Isso depende das contingências políticas, de um lado, e de quais os setores, tanto de parte da mídia como dos grupos econômicos propriamente ditos, que são mais fortes ou estão disponíveis para “acordos” em torno dos “princípios” do momento. Hoje, os grandes temas, em torno do qual circulam os acordos são os seguintes: a natureza do “ajuste”, o retorno a políticas, não somente ortodoxas, mas tipicamente neoliberais como adotaram a maioria dos países da Europa, a crítica a qualquer forma de participação popular, a não regulamentação da mídia e a continuidade da manipulação do preço da dívida pública, para continuar alimentando o enriquecimento sem trabalho.

Os partidos e os políticos da “vez” (tanto para bajulá-los, como para denunciá-los, justa ou injustamente) hoje, estão sendo selecionados em torno destes temas e os reflexos, na base parlamentar do Governo e da oposição –golpista ou não- já se fazem sentir. Ao contrário da recomendação de Morávia, neste momento o nosso Parlamento, pela sua maioria, está fretado pela pauta da grande mídia. Não demonstra nenhuma grandeza na crise. Conjugam-se os que tem contas a ajustar e tem medo de serem a “bola da vez”, com os que concordam com a restauração neoliberal, que, aliados aos que não tem pendências morais, mas tem medo de serem envolvidos de forma manipulatória, formam uma expressiva maioria.

Na verdade estamos transitando para um processo de unificação dos Poderes de Estado no juízo formulado pela grande mídia, a respeito de qualquer tema. Este novo “um”, que a maioria tem medo, radicalizou de tal forma a crítica aos partidos, aos políticos, à política –logo, ao Estado em geral- que “cada um” também está começando a ter medo de todos. E a política está se tornando cada vez mais um grande espetáculo. Por enquanto é um drama, mas pode virar uma tragédia.

() Tarso Genro foi governador do Estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, Ministro da Justiça, Ministro da Educação e Ministro das Relações Institucionais do Brasil.*

22.Três diabos-velhos senis & o fascismo de Vestfália

1/3/2015, Wayne MADSEN, *Strategic Culture*

<http://www.strategic-culture.org/news/2015/03/01/old-senile-men-and-westphalian-fascism.html>

“Nunca houve, não há hoje nem jamais haverá posição neutra da OTAN ou da União Europeia, sobre nenhuma questão na qual forças antiunipolares – como Rússia, China, Irã, Venezuela, Brasil e outras – se oponham às elites militares-bancárias-de inteligência da aliança ocidental.”

O falcão-de-guerra-em-chefe Republicano e presidente da Comissão das Forças Armadas no Senado dos EUA, senador John McCain do Arizona, deu, numa única semana, extensivo mau uso à sua posição, para arregimentar opiniões de duvidosa validade de três agentes decrépitos da política de poder dos EUA.

Em rápida sucessão, o ex-secretário de Estado Henry Kissinger; o general (aposentado) Brent Scowcroft, conselheiro de segurança nacional dos presidentes Gerald Ford e George H. W. Bush; e Zbigniew Brzezinski, conselheiro de segurança nacional do presidente Jimmy Carter, falaram à Comissão presidida por um radiante McCain, sobre a necessidade de manter-se o sistema do Tratado de Vestfália, numa era em que as redes sociais e a internet ameaçam diretamente o sistema do estado-nação westfaliano concebido em 1648, depois da Guerra dos Trinta Anos.

É claro que o que McCain, Kissinger, Scowcroft e Brzezinski querem ver mantida é uma União Europeia federalizada e sempre em expansão, que agora está absorvendo lentamente como seus mais novos estados-nação westfalianos a Ucrânia, a Geórgia e a Moldávia.

A União Europeia, que mistura federalismo secular westfaliano com dogma do neo-Sacro-Império Romano, é militarmente apoiada por uma Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que age como os centuriões dos corretores do poder atlanticista de Washington, Londres e Berlim. Esse *status quo* tem de ser mantido a qualquer custo, segundo Kissinger, Scowcroft e Brzezinski – precisamente os três responsáveis pela conversão da Guerra Fria blocosoviético vs OTAN do passado, na neo-Guerra Fria que hoje pôs a Rússia à beira da guerra contra a OTAN.

Embora não se possa adivinhar o que os três diabos-velhos senis da política de poder ocidental teriam em mente no apoio que dão ao sistema westfaliano,

pode-se presumir com razoável certeza que estão defendendo um sistema mundial no qual uns poucos regimes elitistas ditam a política internacional para o resto do mundo.

Kissinger disse à comissão do Senado que vê a Europa do início dos anos 1600s e a Europa de hoje como entidades semelhantes, porque, nesses dois casos vê-se “uma multiplicidade de unidades políticas, nenhuma suficientemente poderosa para derrotar as demais, muitas aderidas a filosofias contraditórias com suas práticas internas, em busca de regras de neutralidade para regular as condutas e mitigar o conflito”. É claro que Kissinger trabalha para fazer-creer que a União Europeia e a OTAN fornecem “regras neutras” para que países em competição mitiguem seus conflitos.

É bem possível que Kissinger, que sofre de demência senil em estado avançado, realmente creia na panaceia da “governança” internacional que se discute naqueles conclaves elitistas tipo Grupo de Bilderberg, Conselho de Relações Exteriores e Fórum Econômico Mundial de Davos.

Nunca houve, não há hoje nem jamais haverá posição neutra da OTAN ou da União Europeia, sobre nenhuma questão na qual forças antiunipolares – como Rússia, China, Irã, Venezuela, Brasil e outras – se oponham às elites militares-bancárias-de inteligência da aliança ocidental.

Mr. Kissinger destacou principalmente a necessidade de “construir o bloco da ordem europeia”, coisa que, disse ele, foi tão necessária depois da Guerra dos Trinta Anos quanto é necessária hoje. Kissinger defendeu o sistema de Vestfália como “injustamente atacado como sistema de manipulação cínica do poder, indiferente a requisitos morais”. Até parece que a longa história de *Mr. Kissinger* sempre apoiando ditaduras fascistas teria feito dele autoridade qualificada para falar sobre “moralidade” nas relações internacionais.

Para não ficar para trás, atropelado por Kissinger e seu elogio da ordem westfaliana, o general Scowcroft declarou que duas ameaças gêmeas – a sociedade da informação (especialmente o uso das mídias sociais para organizar a massa contra o *status quo* político) e a mudança climática – trazem o máximo perigo para a manutenção do Tratado de Vestfália. Scowcroft defendeu aplicadamente o sistema do estado-nação westfaliano, para delícia de McCain que o ouvia sorridente.

É o mesmo McCain que trabalhou para que houvesse guerras na Líbia, no Iraque e na Ucrânia – as quais realmente levaram à destruição desses três legítimos e bem constituídos estados-nação. Mas coerência nunca foi qualidade que se encontre em neoconservadores do tipo de McCain e outros, os mesmos que apoiam a ala do intervencionismo norte-americano que McCain

coordena (?!) em todo o planeta.

Para Brzezinski, a ideia de Vestfália é unir a Europa contra a “ameaça” russa. Brzezinski, nacionalista polonês nada mitigado, que partilha a mesma filosofia com outro polonês nacionalista de direita, Donald Tusk, presidente do Conselho Europeu, nunca perdeu chance de culpar a Rússia, de acusá-la de crimes e ardis, e de ‘exigir’ a subjugação política, econômica e militar da Rússia à OTAN e à União Europeia.

Na mente de Kissinger, Scowcroft e Brzezinski, a Europa hoje não é muito diferente da Europa do século 17 do Sacro Imperador Romano Ferdinando 3º de Habsburgo; do cardeal Richelieu da França; do cardeal Mazarin, regente do rei infante Luiz 14 de França; e os diplomatas foram enviados pelos líderes de Espanha, Suécia, Países Baixos, Suíça e outros ducados e reinos menores, para Osnabruck e Munster, na Vestfália, com ordens de não sair de lá sem o Tratado de Vestfália firmado.

Em outras palavras – igualmente senis – diplomacia e destinos de nações sempre estarão em boas mãos, se entregues a elites não eleitas, como se fazia no século 17. Os “três decrépitos” – Kissinger, Scowcroft e Brzezinski – não mudariam uma linha naquele século 17. De fato, as políticas desses três foram, durante décadas, determinar o futuro do mundo em conclave como os de Bilderberg, de Davos e outros desses encontros secretos.

O objetivo dos que montaram a marteladas o sistema westfaliano em 1648 era a continuação do feudalismo e do regime de servos-da-gleba na Europa. Depois que Vestfália reconheceu a independência da Holanda e da Suíça, com os direitos dos judeus holandeses perfeitamente preservados, Holanda e Suíça rapidamente se converteram em quartel-general do mercantilismo internacional mais livre-mercadista – que incluía o tráfico de escravos e os serviços internacionalizados de *banking*; na Holanda, o primeiro; na Suíça, os segundos.

Vestfália em 1648 e suas derivações de hoje são ardis montados para proteger os interesses das elites e da classe rica. Murmúrios de privilégio real ainda se ouvem hoje, na Europa, com o príncipe Henrik da Dinamarca, marido francês da rainha dinamarquesa, reclamando para si o direito de ser chamado de “Rei Consorte”, não “Príncipe Consorte”, título inferior. Críticas contra o envolvimento da monarquia espanhola em negócios fraudulentos, e em torno de acusações de que a monarquia belga teria acobertado escândalos de pedofilia resultaram, de fato, em as ‘realezas’ se porem a atacar quem as criticasse, porque teriam incorrido no crime ancestral de *lèse-majesté*, que define como violação da lei qualquer crítica contra a realeza e a monarquia.

Os que advogam a favor de Vestfália tentam proteger uma plutocracia corrupta composta de monarquistas, militaristas, magnatas, inescrupulosos em geral na Europa, que trabalham em falange com fantoches neocolonialistas nos países em desenvolvimentos que devem para o FMI e o Banco Mundial. Como se viu com a manipulação das mídias sociais operada pela CIA e por George Soros para alcançar seus objetivos vestfalianos, a mídia social pode também ser usada contra as elites do poder que se agarram ao conceito de moderno estado-nação como seu único meio de sobrevivência.

Os defensores dos arranjos vestfalianos pretendem que o sistema deles advogaria sempre a favor de três princípios centrais: (1) soberania do estado; (2) igualdade dos estados; e (3) não intervenção de um estado nos assuntos de outro. Mas a subjugação da soberania de Grécia, Irlanda, Espanha, Itália e Portugal aos desígnios de eurobanqueiros e empresas financeiras globalistas obriga a descartar qualquer ideia de que respeitem alguma soberania de algum estado.

A aliança ocidental interveio nos assuntos internos da Sérvia, do Iraque, da Líbia, da Síria e, mais recentemente, também da Macedônia – o que mostra a falta de consideração à cláusula da não intervenção – que, para os vestfalianos, seria sua mais importante marca. As potências da OTAN, sempre a ameaçarem a independência de Abkhazia, Ossetia do Sul, Transnistria e Nagorno-Karabakh e a autodeterminação da Crimeia e do Donbass, mostram que o princípio vestfaliano da igualdade entre os estados não passa de amontoado de palavras vazias.

O mundo está mudando e deriva, em velocidade vertiginosa, para bem longe do grotesco pensamento de Vestfália. Os únicos seres humanos que clamam ainda por governo vestfaliano são três diabos-velhos senis – Kissinger, Scowcroft e Brzezinsk – que deveriam estar cuidando, isso sim, de envelhecer com, afinal, alguma decência. *****



quarta-feira, fevereiro 11, 2015

.23. Há um pequeno nazi a crescer dentro de muito boa gente

<http://www.leituras.eu/out.php?url=http%3A%2F%2Fjumento.blogspot.pt%2F2015%2F02%2Fha-um-pequeno-nazi-crescer-dentro-de.html>

A forma mais fácil de ordenar e sistematizar informação é a numeração, é por isso que todos temos um número de BI, um número de clientes da EDP, a nossa identidade na infinidade de sistemas de bases de dados onde a nossa vida é registada é formada por uma imensidão de números, podemos ser identificados de mil e uma formas, pela matrícula do automóvel, pelo número

do BI ou do passaporte, pelo número de utente do SNS, pelo número do telefone, pelo número da porta.

Mas enquanto cidadãos não somos um número, temos nome, somos gente, é por isso que as cartas do fisco são endereçadas ao nome do contribuinte e não ao seu número, as facturas da EDP têm o nome do cliente e não apenas o número do contrato. Tirar o nome a alguém é retirar-lhe a identidade enquanto a cidadão, é negar-lhe a cidadania, é recusar-lhe a condição de gente. Foi isso que os nazis fizeram a todos os que mandaram para os campos de concentração e de extermínio.

Antes de serem gaseados em campos como o de Auschwitz os judeus já tinham sido mortos enquanto cidadãos, deixavam de ser humanos quando recebiam uma tatuagem com o seu número, a partir desse momento deixavam de existir, a morte era apenas um acto burocrático. Tratar alguém por um número, recusando-lhe o direito a uma identidade que se identifique com cidadania, é reduzir alguém à condição animal, a um número sem direitos constitucionais ou humanos, mais um.

Se a bandalhive a que assistimos na comunicação social com a violação sistemática do segredo de justiça, que já ninguém sugere sequer que não parte da acusação é um acto de corrupção e de puro banditismo a que já estamos tão habituados, está para a nossa justiça como a gorjeta para o empregado de mesa, com Sócrates é a primeira vez que alguém presumivelmente inocente perdeu o direito ao nome e passou a ser identificado pelo número, o preso n.º 44.

Mal entrou no presídio de Évora alguém que só pode ter sido o director da prisão, os guardas prisionais ou os magistrados que têm acesso a essa informação, fez constar na comunicação social que Sócrates seria o preso n.º 44. No mesmo dia todos os órgãos de comunicação social fizeram um passapalavra e divulgaram a preciosa informação, agora podemos tratar o político que odiávamos por “preso n.º 44” e houve muito boa gente que começou a

fazê-lo nos seus artigos, nas notícias dos seus jornais, nos seus blogues ou nas suas conversas privadas.

Podia ser o Sócrates como podia ser qualquer outra pessoa odiada e isso é o que não falta no país, tanto podia ser Mário Soares (vejam como a associação sindical dos juizes se excitou com a possibilidade de perseguir judicialmente Mário Soares, apontando-lhe um crime do qual poderia resultar a sua numeração prisional) como Pedro Santana Lopes, da mesma forma que nos campos nazis todos os que eram odiados pelos nazis recebiam o mesmo tratamento, costumamos referir os judeus por terem sido as grandes vítimas, mas foram também os ciganos, os homossexuais, os republicanos espanhóis ou os comunistas.

Basta procurar por preso n.º 44 no Google e vemos centenas de referências, encontramos um artigo de um tal J. M. Fernandes, antigo redactor da Voz do povo que agora que agora anda armado em ideólogo freelancer da direita quase extrema-direita, escrevendo um artigo no elegante Observador com o título “o martírio do preso n.º 44”, Mas podemos encontrar outros articulistas muito educados, para não referir blogues e páginas do Facebook.

Hoje é o preso n.º 44, amanhã será do n.º 200, um dia destes diremos que o nosso adversário é o político n.º 13. Não é por ser Sócrates que o ex-primeiro-ministro é tratado por um número, mas sim porque dentro de muita gente, de muito democrata, de muito ideólogo da treta há um pequeno nazi que aos poucos vai crescendo. O nº44 do presídio de Évora teve o condão de trazer há luz muitos 44 nazis escondidos dentro de gente com quem convivemos no dia a dia, que ouvimos ou lemos. Sucedeu o mesmo na Alemanha nazi, o SS tinha sido o amigo ou o vizinho, quase sempre um frustrado, alguém que numa qualquer agremiação aprendeu a odiar.

24.A MÃO QUE AJUDA O FASCISMO

por [Paulo Moreira Leite](#) 30 de maio de 2015

<http://paulomoreiraleite.com/2015/05/30/1215/>

Benevolência com atos contra a democracia explica cenas de violência e tentativas de intimidação



Imagine você que na quarta-feira passada eu me encontrava no café da Câmara de Deputados, quando apareceu um dos líderes do PSDB, conhecido de várias entrevistas e conversas civilizadas. Ao reparar que eu tinha um livro aberto, perguntou do que se tratava. Mostrei: era a edição, em espanhol, de “O Fascismo e a marcha sobre Roma” reportagem histórica de Emilio Gentile sobre o assalto ao poder comandado por Benito Mussolini, em 1922, na Itália.

Comentando o que se passava fora do Congresso, onde se fazia uma concentração com barracas de acampamento e faixas que pediam “intervenção militar,” “extinção do PT já,” e outras afirmações de óbvia inspiração fascista, comentei: “É para ajudar a entender o que está passando lá fora.” Meu interlocutor, cujo nome será preservado porque não se tratava de uma conversa para ser publicada, me corrigiu em tom benevolente:

— Não é nada disso. Os fascistas são uns poucos, que deveriam se juntar com o Jair Bolsonaro e formar um partido de extrema-direita. Mas a maioria dessas pessoas não são nada disso. São democratas, inconformados com a corrupção e os desmandos da turma do PT.

A conversa prosseguiu mais um pouco, incluiu com algumas provocações de parte a parte, mas o essencial está aí. Voltei a minhas leituras. Já me encontrava nas páginas finais da narrativa sobre a ascensão de Mussolini, naquele trecho da história em que a marcha dos fascistas sobre a capital italiana se transformou no golpe de Estado mais pacífico da história europeia, sem enfrentar resistência alguma.

O aspecto mais instrutivo da obra de Emílio Gentile é que ele descreve, detalhadamente, a paralisia das autoridades que tinham o dever legal e político de defender a Constituição italiana e os direitos democráticos da população, inclusive de escolher governos através do voto. Um gabinete que unia liberais e conservadores assistiu à ação das esquadras fascistas pelo país inteiro — invadiam prefeituras, fechavam jornais, atacavam quartéis para pegar armas, feriam e assassinavam — sem mover um músculo. Conforme o autor, os

comandantes militares tinham disposição de resistir ao fascismo, possuindo instrumentos e homens para isso. Mas a ordem, que deveria partir do poder civil, não veio.

Horas antes da chegada do próprio Mussolini a Roma, os principais ministros conseguiram imaginar que tudo estava tão tranquilo que recolheram-se a seus aposentos e foram dormir — acredite!

Apenas numa reunião de emergência, alta madrugada, decidiu-se, enfim, convocar o Estado de Sítio, que na pior das hipóteses poderia ter ajudado a retardar a escalada fascista. Mas cabia ao Rei, Vitório Emanuel III, decretar a medida. Quando Sua Majestade, enfim, foi encontrada, ocorreu a cena decisiva. O Rei não apenas se recusou a assinar o Estado de Sítio, como demitiu o ministério e chamou o próprio Benito Mussolini a formar o novo governo, dando início, assim, a uma ditadura que durou 20 anos.

Sabemos que a paralisia daqueles governantes que tinham a responsabilidade legal de preservar o regime democrático obedecia a considerações variadas. A principal dizia respeito a definição de quem era seus verdadeiros adversários políticos e quem poderiam ser seus aliados. Quatro anos antes, o Partido Socialista — muito mais à esquerda do que se tornaria com o passar dos anos — havia se tornado a maior força do parlamento italiano. Ao mesmo tempo, a mobilização de operários ganhou força nos centros industriais do país, onde se formaram conselhos de trabalhadores. O exemplo da Revolução Russa de 1917 estava em muitas mentes — para temer ou admirar. “Muitos temiam que a ação da força legítima do Estado contra a força ilegal do fascismo pudesse provocar um banho de sangue” que terminaria por fortalecer a esquerda socialista e comunista, escreve Gentile.

A visão da esquerda como adversária principal a ser vencida de qualquer maneira contribuía enormemente para que muitos ministros já sonhassem em chamar Mussolini para integrar o ministério, oferta que ele sempre recusou, deixando claro que não pretendia ser coadjuvante num governo de base parlamentar.

Ex-diretor do Avanti, jornal socialista de tendências revolucionárias, Mussolini tinha aquela postura problemática de quem passou por uma mudança radical nas próprias convicções. Manifestava um ódio profundo pelos partidos de esquerda, como se quisesse dizer que ele, e apenas ele, fora um “verdadeiro” socialista em seu devido tempo, enquanto seus adversários de hoje não passavam de farsantes. (Acho que todos nós já vimos esse comportamento em nossa paisagem, não é mesmo?) Mussolini também não escondia que sentia “asco, muito asco,” pelo jogo parlamentar. Mesmo assim, fazia o possível para apresentar-se com um perfil político moderado, necessário para abrir as portas dos salões do capitalismo italiano. Ao mesmo tempo, estimulava atos violentos e criminosos contra lideranças de trabalhadores e do movimento popular, cultivando uma

ambiguidade de aparências, que ajudava a convencer quem queria ser convencido mas tinha um certo pudor de assumir isso abertamente. O tempo mostrou que a postura política em relação a comunistas e socialistas contribuiu para o embelezamento do fascismo, enfraqueceu toda possível visão crítica e diminuiu todo esforço que poderia impedir sua ascensão ao poder — inclusive na reta final, quando as milícias passaram a atacar com violência e ameaças militantes católicos e liberais que recusavam a liderança dos camisas negras.

Poucas leituras podem ser instrutivas, sobre a época, como os registros de elogios e avaliações positivas sobre Mussolini e seus aliados. “Estamos assistindo a uma bela revolução de jovens. Nenhum perigo,” escreveu o embaixador dos Estados Unidos numa carta familiar. Sempre lembrando os méritos do fascismo pela derrota do socialismo e comunismo a revista L ‘ Illustrazione Italiana, leitura preferida da elite do país, também elogiava um governo jovem (“sem barbas grisalhas”) e profetizava: “nunca um governo teve possibilidades tão grandes (de sucesso) como o de Benito Mussolini”, escreveu a revista, torcendo ainda para que o ele “saneasse a Itália” do ódio político.

A ilusão durou pouco mas se desfez quando era tarde. Avaliando, meses mais tarde, o estado ditatorial que se esboçava, meses mais tarde o Corriere della Sera publicou um artigo no qual fazia uma constatação dolorosa: a grande massa dos italianos, incluída “a totalidade de sua classe dirigente,” havia demonstrado “ser capaz de perder todas as suas liberdades civis sem protestar.” Assinado por Giuseppe Prezzolini, o texto dizia: “Somos todos um pouco culpados de termos nos iludido de que as liberdades eram um fato consumado, que não se poderia perder; e descuidamos, deixando que alguém começasse a pisoteá-las.” Sem mencionar o nome de Mussolini, o que poderia revelar-se perigoso, o artigo conclui: “e esse tal indivíduo terminou por defenestrá-las.”

Juro que seguia na leitura do mesmo livro, comprado numa viagem recente a Buenos Aires, quando ocorreu aquela cena inacreditável de sexta feira, no Congresso Nacional. Um bando de fascistas atacou — com empurrões, gritos, e vários atos de provocação — um grupo de parlamentares do PT que convocava uma coletiva para fazer uma denúncia grave: a segunda votação sobre financiamentos de campanha políticas foi um ato juridicamente nulo, pois violou o artigo 60 da Constituição Federal, que estabelece regras claras para se votar um projeto de emenda constitucional.

Isso aconteceu no Salão Verde do Congresso, endereço de tantos atos de resistência democrática durante o regime. No dia seguinte, fiquei sabendo da história do empresário ameaçado durante um voo Brasília-São Paulo porque lia a Carta Capital.

Quarenta e oito horas antes, naquela conversa no café da Câmara, um parlamentar do PSDB tentava me convencer, explicava, em tom benevolente, que não havia motivos de preocupação com ameaças fascistas.

25. Renasce o fascismo na Europa

O euro **fascismo** é hoje uma realidade

Jean-Marie le Pen, líder da direita francesa, sugeriu deter o surto demográfico na África e estancar o fluxo migratório de africanos rumo à Europa enviando, àquele sofrido continente, “o senhor Ebola”, uma referência diabólica ao vírus mais perigoso que a humanidade conhece. Le Pen fez um convite ao extermínio.

O ex-presidente francês Nicolas Sarkozy propôs a suspensão do Tratado de Schengen, que defende a livre circulação de pessoas entre trinta países europeus. Já a livre circulação do capital não encontra barreiras no mundo... E nas eleições de 25 de maio a extrema-direita europeia aumentou o número de seus representantes no Parlamento Europeu. A queda do Muro de Berlim soterrou as utopias libertárias. A esquerda europeia foi cooptada pelo neoliberalismo e, hoje, frente a crise que abate o Velho Mundo, não há nenhuma força política significativa capaz de apresentar uma saída ao capitalismo.

Aqui no Brasil nenhum partido considerado progressista aponta, hoje, um futuro alternativo a esse sistema que só aprofunda, neste pequeno planeta onde nos é dado desfrutar do milagre da vida, a desigualdade social e a exclusão. Caminha-se de novo para o *fascismo*? Luis Britto García, escritor venezuelano, frisa que uma das características marcantes do fascismo é a estreita cumplicidade entre o grande capital e o Estado. Este só deve intervir na economia, como apregoava Margareth Thatcher, quando se trata de favorecer os mais ricos. Aliás, como fazem Obama e o FMI desde 2008, ao se desencadear a crise financeira que condena ao desemprego, atualmente, 26 milhões de europeus, a maioria jovens. O fascismo nega a luta de classes, mas atua como braço armado da elite. Prova disso foi o golpe militar de 1964 no Brasil. Sua tática consiste em aterrorizar a classe média e induzi-la a trocar a liberdade pela segurança, ansiosa por um “messias” (um exército, um Hitler, um ditador) capaz de salvá-la da ameaça.

A classe média adora curtir a ilusão de que é candidata a integrar a elite embora, por enquanto, viaje na classe executiva. Porém, acredita que, em breve, passará à primeira classe... E repudia a possibilidade de viajar na classe econômica.

Por isso, ela se sente sumamente incomodada ao ver os aeroportos repletos de pessoas das classes C e D, como ocorre hoje no Brasil, e não suporta esbarrar com o pessoal da periferia nos nobres corredores dos shopping-centers. Enfim, odeia se olhar no espelho... O fascismo é racista. Hitler odiava judeus, comunistas e homossexuais, e defendia a superioridade da “raça ariana”. Mussolini massacrou líbios e abissínios (etíopes), e planejou sacrificar meio milhão de eslavos “bárbaros e

inferiores” em favor de cinquenta mil italianos “superiores”... O fascismo se apresenta como progressista. Mussolini, que chegou a trabalhar com Gramsci, se dizia socialista, e o partido de Hitler se chamava Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista (de Nationalsozialist). Os fascistas se apropriam de símbolos libertários, como a cruz gamada que, no Oriente, representa a vida e a boa fortuna. No Brasil, militares e adeptos da quartelada de 1964 a denominavam “Revolução”. O fascismo é religioso. Mussolini teve suas tropas abençoadas pelo papa quando enviadas à Segunda Guerra. Pio XII nunca denunciou os crimes de Hitler. Franco, na Espanha, e Pinochet, no Chile, mereceram bênçãos especiais da Igreja Católica. O fascismo é misógino. O líder fascista jamais aparece ao lado de sua mulher. Como dizia Hitler, às mulheres fica reservado a tríade Kirche, Kuche e Kinder (igreja, cozinha e criança). O fascismo é anti-intelectual. Odeia a cultura. “Quando ouço falar de cultura, saco a pistola”, dizia Goering, braço direito de Hitler. Quase todas as vanguardas culturais do século XX foram progressistas: expressionismo, dadaísmo, surrealismo, construtivismo, cubismo, existencialismo. Os fascistas as consideravam “arte degenerada”. O fascismo não cria, recicla. Só se fixa no passado, um passado imaginário, idílico, como as “viúvas” da ditadura do Brasil, que se queixam das manifestações e greves, e exalam nostalgia pelo tempo dos militares, quando “havia ordem e progresso”. Sim, havia a paz dos cemitérios... assegurada pela férrea censura, que impedia a opinião pública de saber o que de fato ocorria no país. O fascismo é necrófilo. Assassinou Vladimir Herzog e frei Tito de Alencar Lima; encarcerou Gramsci e madre Maurina Borges; repudiou Picasso e os teatros Arena e Oficina; fuzilou García Lorca, Victor Jara, Marighella e Lamarca; e fez desaparecer Walter Benjamin e Tenório Júnior. Ao votar, reflita se por acaso você estará plantando uma semente do fascismo ou colaborando para extirpá-la.

26.O FASCISMO RONDA O BRASIL EM 2014



Frei Betto

Jean-Marie le Pen, líder da direita francesa, sugeriu deter o surto demográfico na África e estancar o fluxo migratório de africanos rumo à Europa enviando, àquele sofrido continente, “o senhor Ebola”, uma referência diabólica ao vírus mais perigoso que a humanidade conhece. Le Pen fez um convite ao extermínio.

O ex-presidente francês Nicolas Sarkozy propôs a suspensão do Tratado de Schengen, que defende a livre circulação de pessoas entre trinta países europeus. Já a livre circulação do capital não encontra barreiras no mundo... E nas eleições de 25 de maio a extrema-direita europeia aumentou o número de seus representantes no Parlamento Europeu.

A queda do Muro de Berlim soterrou as utopias libertárias. A esquerda europeia foi cooptada pelo neoliberalismo e, hoje, frente a crise que abate o Velho Mundo, não há nenhuma força política significativa capaz de apresentar uma saída ao capitalismo.

Aqui no Brasil nenhum partido considerado progressista aponta, hoje, um futuro alternativo a esse sistema que só aprofunda, neste pequeno planeta onde nos é dado desfrutar do milagre da vida, a desigualdade social e a exclusão.

CAPITAL E ESTADO

Caminha-se de novo para o fascismo? Luis Britto García, escritor venezuelano, frisa que uma das características marcantes do fascismo é a estreita cumplicidade entre o grande capital e o Estado. Este só deve intervir na

economia, como apregoava Margareth Thatcher, quando se trata de favorecer os mais ricos. Aliás, como fazem Obama e o FMI desde 2008, ao se desencadear a crise financeira que condena ao desemprego, atualmente, 26 milhões de europeus, a maioria jovens.

O fascismo nega a luta de classes, mas atua como braço armado da elite. Prova disso foi o golpe militar de 1964 no Brasil. Sua tática consiste em aterrorizar a classe média e induzi-la a trocar a liberdade pela segurança, ansiosa por um “messias” (um exército, um Hitler, um ditador) capaz de salvá-la da ameaça.

A classe média adora curtir a ilusão de que é candidata a integrar a elite embora, por enquanto, viaje na classe executiva. Porém, acredita que, em breve, passará à primeira classe... E repudia a possibilidade de viajar na classe econômica.

Por isso, ela se sente sumamente incomodada ao ver os aeroportos repletos de pessoas das classes C e D, como ocorre hoje no Brasil, e não suporta esbarrar com o pessoal da periferia nos nobres corredores dos shopping-centers. Enfim, odeia se olhar no espelho...

FASCISMO É RACISTA

Hitler odiava judeus, comunistas e homossexuais, e defendia a superioridade da “raça ariana”. Mussolini massacrou líbios e abissínios (etíopes), e planejou sacrificar meio milhão de eslavos “bárbaros e inferiores” em favor de cinquenta mil italianos “superiores”...

O fascismo se apresenta como progressista. Mussolini, que chegou a trabalhar com Gramsci, se dizia socialista, e o partido de Hitler se chamava Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista (de Nationalsozialist).

Os fascistas se apropriam de símbolos libertários, como a cruz gamada que, no Oriente, representa a vida e a boa fortuna. No Brasil, militares e adeptos da quartelada de 1964 a denominavam “Revolução”.

O fascismo é religioso. Mussolini teve suas tropas abençoadas pelo papa quando enviadas à Segunda Guerra. Pio XII nunca denunciou os crimes de

Hitler. Franco, na Espanha, e Pinochet, no Chile, mereceram bênçãos especiais da Igreja Católica.

FASCISMO É MISÓGINO

O líder fascista jamais aparece ao lado de sua mulher. Como dizia Hitler, às mulheres fica reservado a tríade Kirche, Kuche e Kinder (igreja, cozinha e criança).

O fascismo é anti-intelectual. Odeia a cultura. “Quando ouço falar de cultura, saco a pistola”, dizia Goering, braço direito de Hitler. Quase todas as vanguardas culturais do século XX foram progressistas: expressionismo, dadaísmo, surrealismo, construtivismo, cubismo, existencialismo. Os fascistas as consideravam “arte degenerada”.

O fascismo não cria, recicla. Só se fixa no passado, um passado imaginário, idílico, como as “viúvas” da ditadura do Brasil, que se queixam das manifestações e greves, e exalam nostalgia pelo tempo dos militares, quando “havia ordem e progresso”. Sim, havia a paz dos cemitérios... assegurada pela férrea censura, que impedia a opinião pública de saber o que de fato ocorria no país.

O fascismo é necrófilo. Assassinou Vladimir Herzog e frei Tito de Alencar Lima; encarcerou Gramsci e madre Maurina Borges; repudiou Picasso e os teatros Arena e Oficina; fuzilou García Lorca, Victor Jara, Marighella e Lamarca; e fez desaparecer Walter Benjamin e Tenório Júnior.

Ao votar este ano, reflita se por acaso você estará plantando uma semente do fascismo ou colaborando para extirpá-la. (artigo enviado por Sergio Caldieri

27. Cultura do fascismo ameaça democracia, diz Werneck Vianna

27 de julho de 2008, 12h18

Existe um “Batman institucional” atuando sobre a nossa realidade e esse “Batman” é a Polícia Federal associada ao Ministério Público. A opinião é do professor Luiz Werneck Vianna, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), em entrevista a *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. O professor analisou os recentes episódios de corrupção no Brasil, a partir da prisão do banqueiro Daniel Dantas, e identificou o que chamou de apenas “o capitalismo operando” na realidade que se vive.

O vazio de negar defesa e julgamento justo a protagonistas desfigurados pela polícia, pelo MP e pela mídia implementa uma perigosa "cultura do fascismo". A última vez em que se elegeu a corrupção como maior inimigo do povo, lembra o cientista político, foi em 31 de março de 1964.

Para ele, o mal não está em figuras como a de Dantas ou de Eike Batista, "como se a sociedade fosse melhorar se nos livrássemos delas". Ele garante: "Não vai melhorar. A sociedade vai melhorar se organizando em torno das suas questões centrais", que são, na sua opinião, o crescimento econômico, a reforma agrária e a democratização da propriedade.

O pesquisador acredita que "os piores instintos da sociedade estão sendo suscitados com tudo isso". E que a solução virá "com mais política". "O que constatamos, ao longo desse episódio, é que a política recua. Não há política. Está faltando sociedade organizada, reflexiva. A política está reduzida ao noticiário policial", explica.

"Todos esses escândalos e espetáculos atraem a opinião pública como se a salvação de todos dependesse de apurar os negócios do Eike Batista e do Daniel Dantas. Não depende, isso é mentira! Com isso, se mobiliza a classe média para um moralismo que não pára de se manifestar. A política cai fora do espaço de discussão. Enquanto isso, aparecem dois personagens institucionais, ambos vinculados ao Estado: o Ministério Público e a Polícia Federal. Este caminho é perigoso, e a sociedade não reage a ele faz tempo", afirma o professor.

De acordo com o professor, não se pode "defender a ideia de que um grande inquérito, um grande processo pode resolver as máculas da nossa história, criar um novo tipo de um encaminhamento feliz para nós. O próprio Congresso se tornou uma ampla comissão parlamentar de inquérito, apurando, investigando e não discutindo políticas e soluções para os problemas. Além do mais, temos um grupamento novo na sociedade: a Polícia Federal é nova. Ela foi extraída da classe média. Seu pessoal é concursado, bem formado, com curso superior. Seus integrantes estão autonomizados a ir para as ruas com esse sentimento messiânico, que aparece no relatório do delegado Protógenes, de que a Polícia pode salvar o mundo."

Werneck Vianna é professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Doutor em Sociologia, pela Universidade de São Paulo, é autor de, entre outros livros, *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*, *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* e *A democracia e os três poderes no Brasil*.

Leia a entrevista

Personagens como Daniel Dantas e Eike Batista avançaram sobre aspectos importantes do patrimônio do Estado brasileiro. Quais foram as condições políticas e econômicas que permitiram o surgimento desses personagens?

Luiz Werneck Vianna — O Brasil é um país capitalista. E esses são empresários audaciosos, jovens, e têm encontrado um terreno favorável a tratativas com o executivo no sentido de fazer negócios de interesse comum. E nisso ambos parecem que têm se complicado muito. No entanto, há uma zona

de sombra que ainda precisa ser esclarecida. Meu problema em relação a tudo é essa sucessão de intervenções espetaculosas da Polícia Federal, a mobilização da mídia, do Ministério Público, do Judiciário e da opinião pública para esses fatos. As questões centrais não são essas. Com essa cortina espetacular, o mundo continua como dantes. Nada muda no que se refere à questão agrária, às políticas sociais. A população anda desanimada, desencantada. Além disso, o que aparece aqui, que é muito perigoso, é um espírito salvacionista. Há um “Batman institucional” atuando sobre a nossa realidade. Esse “Batman” é a Polícia Federal associada ao Ministério Público. Há elementos muito perigosos aí, de índole messiânica, salvacionista, apolítica, que podem indicar a emergência de uma cultura política fascista entre nós. Todos esses escândalos e espetáculos atraem a opinião pública como se a salvação de todos dependesse de apurar os negócios do Eike Batista e do Daniel Dantas. Não depende, isso é mentira! Com isso, se mobiliza a classe média para um moralismo que não pára de se manifestar. A política cai fora do espaço de discussão. Enquanto isso, aparecem dois personagens institucionais, ambos vinculados ao Estado: o Ministério Público e a Polícia Federal. Este caminho é perigoso, e a sociedade não reage a ele faz tempo. A cultura do fascismo pode se manifestar com traços mais bem definidos, a partir da idéia de que nosso inimigo é a corrupção, especialmente aquela praticada pelas elites. Então, a sociedade acha que se resolve esse problema colocando a elite branca na cadeia. Desse modo, o país viveria numa sociedade justa. Não vai, mentira!

O que o senhor considera como as questões centrais na sociedade brasileira, que devem ser discutidas com mais ênfase?

Luiz Werneck Vianna — O tema do crescimento econômico, da reforma agrária, da democratização da propriedade. Para isso ninguém mobiliza ninguém.

Pode-se afirmar que os anos dourados do neoliberalismo brasileiro produziram uma nova burguesia nacional da qual Daniel Dantas e Eike Batista são hoje personagens centrais? O que distingue essa nova burguesia da “velha burguesia nacional” do período desenvolvimentista?

Luiz Werneck Vianna — Eike Batista não é um homem das finanças, e sim um homem da produção. O Daniel Dantas, não. Ele é um homem do setor financeiro. Este setor apresentou enormes possibilidades. Esses executivos do setor financeiro não têm 40 anos. Se examinarmos os currículos deles, veremos que são formados por boas universidades, com doutorado no exterior. Apareceu um novo mundo para esses setores médios e educados da população, especialmente os economistas. Passa-se da posição de economista para a posição de banqueiro hoje muito facilmente.

Como o senhor interpreta essas relações aparentemente ambíguas que o banqueiro Dantas tinha, ao mesmo tempo, com o mercado financeiro internacional e os fundos de pensão do Estado do qual fazem parte sindicalistas? Acabou-se a velha contradição capital-trabalho?

Luiz Werneck Vianna — Essa questão dos fundos previdenciários existe em toda parte, não apenas no Brasil. E o controle disso tem sido em boa parte corporativo. Quem mexeu com a questão e falou no surgimento de uma nova classe foi o Francisco de Oliveira. Não sei se devemos concordar inteiramente com o que ele diz, mas, pelo menos, é uma alusão importante. O capital hoje tem uma outra forma de circular, e isso não ajuda o mundo sindical a se

reorganizar. O que vemos é um sindicalismo inteiramente cooptado pelo Estado. Dantas jogou com as oportunidades que viu. Até agora, as únicas coisas concretas pelas quais ele pode ser pego são o suborno ao policial e seu problema com o Imposto de Renda. Esse é o capitalismo operando. Daqui a pouco vão querer “prender” o capitalismo. E não creio que isso esteja na intenção da Polícia Federal. O mal não está nessas figuras, como se a sociedade fosse melhorar se nos livrássemos delas. Não vai melhorar. A sociedade vai melhorar se organizando em torno das suas questões centrais.

O banqueiro Dantas estabeleceu uma rede de conexões políticas tecida ao longo de três governos — Collor, FHC e Lula. Como entender o poder de Daniel Dantas, sua capacidade de manipulação e envolvimento de tantas pessoas, de diferentes governos, nessa malha de corrupção?

Luiz Werneck Vianna — Era necessário que nessa rede público-privada aparecessem personagens. Essa rede não podia se montar sem pessoas concretas. Dantas foi uma. O ponto da privatização estabeleceu um caminho para que esses homens encontrassem a sua oportunidade.

O senhor considera que o caso Dantas ameaça o conceito de República, ou se pode afirmar que efetivamente o Brasil nunca desfrutou do status de República?

Luiz Werneck Vianna — Não ameaça nada. Esse é um *affaire* midiático, com cortinas de fumaça. Os piores instintos da sociedade estão sendo suscitados com tudo isso. Vejo as primeiras fumacinhas de uma síndrome fascista entre nós. E isso deve ser denunciado, combatido, e com política, com mais política. O que constatamos, ao longo desse episódio, é que a política recua. Está faltando sociedade organizada, reflexiva, e a política está reduzida ao noticiário policial.

Como o senhor analisa a postura do Supremo Tribunal Federal nesse caso? Como interpreta o comportamento do ministro Gilmar Mendes?

Luiz Werneck Vianna — Interpreto bem. O papel da Suprema Corte é defender a Constituição, as liberdades individuais, e também não deixa de incorporar essa preocupação com o testemunho do espetacular que essas operações policiais manifestam. Uma outra questão vinculada a isso é a escuta telefônica. Estamos indo para um estado policial? E a sociedade aprende a apontar como culpado o “malvado” lá da ponta, responsável por todos os males, que, caso preso e execrado, fará com que ela melhore. Num ano eleitoral, tudo se discute, menos a política. Não podemos defender a idéia de que um grande inquérito, um grande processo pode resolver as máculas da nossa história, criar um novo tipo de um encaminhamento feliz para nós (e isso é feito pela polícia, pelos grampos telefônicos, pela repressão!). Isso não lembra a linguagem do regime militar, quando ele se impôs? De que o grande inimigo é a corrupção? Só que agora tudo está sendo feito numa escala nova, imensa, com um domínio total dos meios de comunicação. O próprio Congresso se tornou uma ampla comissão parlamentar de inquérito, apurando, investigando e não discutindo políticas e soluções para os problemas. Além do mais, temos um grupamento novo na sociedade: a Polícia Federal é nova. Ela foi extraída da classe média. Seu pessoal é concursado, bem formado, com curso superior. Seus integrantes estão autonomizados a ir para as ruas com esse sentimento messiânico, que aparece no relatório do delegado Protógenes, de que a Polícia pode salvar o mundo.

Qual é a sua opinião sobre o combate à corrupção no Brasil? Este episódio recente abre a possibilidade de mudanças?

Luiz Werneck Vianna — Nesse processo, a ordem racional legal avança, se aprimora, se aperfeiçoa. No entanto, o que tento combater é uma visão salvadora, justiceira, messiânica do papel policial para a erradicação dos nossos males, como se não devesse haver nenhum impedimento entre a ação da polícia e a sociedade, como se não devêssemos ter habeas corpus, como se as pessoas pudessem ser presas, retiradas das suas casas nas primeiras horas da manhã, algemadas, e tudo isso passando por câmeras de televisão... Não creio que isso seja um indicador de democracia.

Que tipo de sentimento esse episódio provoca na população brasileira? Revolta, descrédito nas instituições?

Luiz Werneck Vianna — Descrédito. E também aprofunda o fosso entre a sociedade e a política, mantém a sociedade fragmentada, isolada, esperando que a ação desses novos homens, dessas corporações novas, nos livre do mal. Talvez eu tenha dado muita ênfase à dimensão negativa de tudo isso, mas também vejo que esse processo pode ser corrigido se a ordem racional legal for defendida por recursos democráticos, sem violência, com respeito às leis, à dignidade da pessoa humana. É possível se avançar na ordem racional legal, investigando a corrupção, prendendo seus responsáveis, mas sem que isso assumo o caráter de escândalo, de espetáculo, no qual parece que temos um agente de salvação em defesa da sociedade. Isso sim é perigoso.

28. Como os fascistas chegam ao poder

Ao contrário do que muitos pensam, o Fascismo não chega ao poder pela força das armas. O fascismo é uma ideologia salvacionista diante de um estado inerte.

André Araújo - Jornal GGN Revista **Consultor Jurídico**, 27 de julho de 2008, 12h18

Renzo de Felice, professor de História da Universidade de Roma, falecido em 1997, é por unanimidade considerado o maior historiador do Fascismo italiano. Sua monumental biografia de Benito Mussolini, em 4 volumes e 6.000 páginas se alinha com mais 8 livros, do qual o mais importante é [La Interpretazione del Fascismo](#). Para De Felice, **o Fascismo é uma IDEOLOGIA REVOLUCIONÁRIA E MODERNIZADORA DA CLASSE MÉDIA COM ORIGEM NO ILUMINISMO**. De Felice era comunista histórico, rompeu com o PCI e entrou para o Partido Socialista.

Minha interpretação (não é a de De Felice) é alinhada em certos princípios.

Ao contrário do que muitos pensam, **o Fascismo não chega ao poder pela força das armas.** O roteiro do Fascismo:

1-Um pequeno núcleo DETERMINADO imbuído da ideia salvacionista e messiânica produz ações impactantes e surpreendentes para mostrar força perante a opinião pública.

2.Esse pequeno núcleo não descansa, opera por "ondas" contínuas, sem intervalo e sem descanso, mostrando garras moralizadoras, para não dar tempo às forças contrárias de esboçar reação. Essas ondas vão em um crescendo de ousadia e audácia, deixando os opositores e os neutros surpreendidos a cada dia.

3.A audácia e a ousadia só são possíveis pela existência de um fator central: O Fascismo opera CONTRA um regime desgastado, desorganizado, incapaz de reagir, após crises políticas sucessivas. Esse quadro de ESGOTAMENTO do regime cujo poder se assalta ocorreu na Itália com o País arruinado pela Guerra Mundial; na Áustria (com Dolfuss) com um regime desnordeado pela perda do Império; na Romênia (com o Marechal Antonescu) com um Rei repellido pelo País; na Hungria (com o Almirante Horthy) pela perda de referência nacional com o desmoronamento do Império Austro-Húngaro. **Em um único País o Fascismo chegou pelas armas e pelo golpe militar: na Espanha de Franco.**

Em Portugal o Fascismo ascendeu sem luta, pela ruína financeira do Estado que tornou possível convocar um modesto professor de economia para assumir o poder por 40 anos, criando seu próprio fascismo, a União Nacional.

Nos demais **o grande elemento que favoreceu a ascensão do Fascismo foi a COVARDIA de todas as estruturas do Estado.** COVARDIA do Rei, do Parlamento, da cúpula do Judiciário, dos empresários. Todos ficaram apalermados e inertes com a OUSADIA do pequeno grupo determinado, messiânico e salvacionista, que se considerava o único grupo capaz de salvar o País imbuídos de uma MISSÃO em que eles acreditam ou fingem acreditar.

O Fascismo não precisou de força armada para tomar o Poder nesses países. Bastou a AUDÁCIA. Mussolini liderou a Marcha sobre Roma com um punhado de arruaceiros. Meio batalhão do Exército liquidaria com o grupo em meia hora.

Mas quem daria a ordem de comando? Ninguém, pois todos se acovardaram. Os Fascistas são ousados e jogam com a sorte, como Hitler sabia que os aliados estavam acovardados de 36 a 39 e não reagiriam às

suas investidas na Renânia, na Áustria, na Tchecoslováquia, só falhou na Polônia porque abusou da sorte, falhou porque não acreditava, até o último instante, que a Inglaterra reagiria e, com a invasão da Polônia, se iniciasse uma nova guerra mundial.

Na Alemanha, onde um desdobramento do Fascismo, mais agressivo e violento, chegou ao poder em eleições diretas, a audácia veio depois, com Hitler em pouco tempo rompendo a Constituição de Weimar para se tornar ditador.

[AB. Errado. O nazismo não subiu por meio de eleições diretas. Nunca obteve, nem perto, a maioria absoluta, que o levasse à chefia do governo conforme a Constituição de 1919. Na última, em novembro de 1932, teve declínio na votação, para 32%. Hitler à chefia do governo, por meio de um golpe de chantagem dirigido pela oligarquia banqueira, a qual obrigou o presidente Hindenburg a fazer a nomeação (como nunca havia maioria parlamentar, o presidente sempre escolhia o Kanzler, de acordo com o decreto da Constituição que assim permitia, não havendo maioria no Reichstag. Hitler só se tornou ditador, após mandar incendiar o Reichstag e atribuir o crime aos comunistas: então foram cassados os mandatos dos parlamentares comunistas, e, com isso, os nazistas tiveram a maioria absoluta para votar os plenos poderes para o Kanzler. Tudo jogo de xadrez da oligarquia financeira angloamericana, cujo objetivo – atingido – foi conduzir a Alemanha a desencadear a 2ª Guerra Mundial.]

O Fascismo é um movimento no início moralizador e de classe média. A corrupção inevitável vem depois. No começo veio para purificar as instituições, prender os corruptos, modernizar o País. Depois se torna ditadura e cria sua própria corrupção, afastando a corrupção do antigo regime.

De Felice é um Historiador visionário porque decifra o Fascismo em dois ângulos: como História de uma época e como Ideologia Salvacionista. Nesta segunda visão, se aplica a qualquer tempo, pois o Fascismo é uma ideologia atemporal.

<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Como-os-fascistas-chegam-ao-poder/4/34148>

29. Neoliberalismo e democracia

- Uma análise marxista do fenómeno da corrupção, sem falsos moralismos
- A nova acumulação primitiva do grande capital
- Porque a política e os políticos tradicionais se tornam irrelevantes para o povo
- O deslizamento para o fascismo promovido pela elite corporativo-financeira
- O que podem fazer as forças progressistas?
- Grande parte desta análise é válida também para Portugal e muitos outros países

por Prabhat Patnaik [\[1\]](#)

A viabilidade da democracia exige uma crença entre o povo de que pode fazer alguma diferença para a sua vida a participação no processo democrático. Esta crença pode ser falsa; pode ser uma mera ilusão. Mas se esta ilusão não existir, o povo torna-se não só cínico acerca do processo democrático como descrente da capacidade de os seus próprios esforços poderem influenciar as suas vidas. Tal descrença leva então à busca de um "salvador" ou um "messias" supostamente dotado de poderes extraordinários que possa vir salvá-lo. Ele afasta-se portanto "do lado da razão" e começa a mover-se na esfera do irracionalismo.



...

III

Há ainda um outro ponto acerca do ambiente neoliberal para o qual devemos nos voltar e este relaciona-se com a "corrupção" (grifo meu, cj) . Uma tal economia, como vimos, caracteriza-se por uma tendência marcada rumo à expropriação de pequenos produtores pelo grande capital. Mas a pequena propriedade não é o alvo final. Ela recolhe para si própria, ou de forma *grátis* ou a preços de saldo, não apenas a pequena propriedade mas também a propriedade comum, a propriedade tribal e a propriedade do estado. O período do neoliberalismo, por outras palavras, assiste a um processo de "acumulação primitiva de capital" com uma vingança, para a qual a aquiescência ou cumplicidade do pessoal do estado é essencial. Tal aquiescência é obtida, além do elemento geral de compulsão que cada estado-nação enfrenta em assuntos políticos na era da globalização que mencionámos

anteriormente, pelo pagamento de um preço ao qual chamamos "corrupção".

O que chamamos de "corrupção" constitui com efeito um tributo imposto pelo pessoal do estado, incluindo acima de tudo a "classe política", sobre os ganhos de acumulação primitiva obtidos pelo grande capital. É instrutivo que todos os casos importantes de "corrupção" que recentemente têm estado em foco na Índia, tal como a concessão do espectro 2G ou a concessão do bloco do carvão, tenham envolvido a entrega de propriedade do Estado a capitalistas privados por quase nada, e aqueles que tomaram decisões acerca de tais entregas tenham obtido comissões clandestinas a que nós chamamos "corrupção". "Corrupção", portanto, é essencialmente um imposto sobre a acumulação primitiva de capital e seu ímpeto recente é porque regimes neoliberais testemunham uma desenfreada acumulação primitiva de capital.

Um tal imposto, na forma de "corrupção", tem de ser visto no contexto de dois factores particulares. O primeiro é a mercantilização da política. O próprio facto de que diferentes formações políticas, se permanecerem dentro dos limites de um regime neoliberal, não poderem ter agenda económicas diferente implica que tenham de concorrer pela aprovação do povo *através de alguns outros meios*. Isto tipicamente envolve o "marketing" de si próprios: pela contratação de firmas de publicidade, pelo plantio de "notícias pagas" nos media, pela contratação de helicópteros para viajar a tantos lugares quanto possível, de modo a melhorar a própria visibilidade, e assim por diante. Tudo isto são práticas altamente dispendiosas, razão pela qual a política torna-se exigente em termos de recursos – e os partidos políticos têm de alguma forma de encontrar estes recursos.

Além disso, mesmo quando a "classe política" precisa de *mais* recursos para avançar, ela torna-se *menos* importante quanto ao seu papel na tomada de decisão. Pessoal do Banco Mundial, do FMI, de bancos multinacionais e de outras instituições financeiras, isto é, da generalidade da "comunidade financeira global", ocupa cada vez mais as posições chave de tomada de decisão no governo, uma vez que o capital financeiro internacional é avesso a deixar a tomada de decisões económicas nas mãos da classe política tradicional. A "classe política" tradicional, naturalmente, ressent-se disto. Ela pode ficar reconciliada com esta situação somente se lhe for permitido arrecadar alguma coisa para si própria. É essa "alguma coisa" consiste nas receitas do imposto sobre a acumulação primitiva do capital, na forma de "corrupção", a qual também é necessária de qualquer forma devido à mercantilização da política.

A "corrupção" desempenha portanto um papel funcional num regime neoliberal. Ela não é simplesmente o resultado de uma súbita perda de "fibra moral" na "classe política", *ela é endémica ao capitalismo neoliberal*. O efeito da "corrupção" gerada pelo capitalismo neoliberal é útil para a elite corporativo-financeira ainda por uma outra razão. Ela desacredita a "classe política", ela arrasta o descrédito sobre o parlamento e outras instituições da democracia representativa e, ao mesmo tempo, através da hábil manipulação dos holofotes, através dos media por ela controlados, a elite corporativo-financeira assegura que nem uma pitada de humilhação moral abra caminho para estes

actos de "corrupção". O discurso da "corrupção" facilita a solene introdução do domínio corporativo através do desmantelamento de obstáculos que o estorvam.

IV

As matérias de facto não acabam aí. Já vimos que o período do neoliberalismo produz um incremento na dimensão relativa do desemprego que aflige a força de trabalho, razão pela qual provoca um aumento na dimensão relativa da população absolutamente empobrecida. Os pequenos produtores, quer sobrevivam nas suas ocupações tradicionais quer migrem para áreas urbanas em busca de escassas oportunidades de emprego, experimentam uma pioria nos seus padrões de vida absolutos. Os novos acréscimos à força de trabalho experimentam piores condições materiais de vida pessoal do que os seus antepassados precisamente devido ao desemprego crescente. E mesmo aqueles trabalhadores que conseguem obter emprego decente, não podem manter seus salários reais aos níveis anteriores à liberalização devido à pressão da competição proveniente do crescimento da dimensão relativa do exército de reserva do trabalho. O empobrecimento absoluto, afectando não só grandes como crescentes segmentos da população trabalhadora, torna-se a ordem do dia.

Este é um ponto que Utsa Patnaik tem destacado desde há muito. Seus cálculos baseados nos dados do National Sample Survey mostram que a percentagem de população urbana que tem acesso a menos do que 2100 calorias por pessoa por dia (a referência oficial para "pobreza urbana"), que era 57 em 1993-94, aumentou para 64,5 em 2004-5 e, mais uma vez, para 73 em 2009-10. Os números percentuais para população rural com menos do que 2200 calorias por pessoa por dia (mais uma vez a referência oficial da "pobreza rural") para os mesmos anos foram: 58,5, 69,5 e 76, respectivamente. É digno de nota que o período de alto crescimento do PIB, dentro do qual cabem os anos 2004-05 a 2009-10, testemunhou um aumento substancial da pobreza. O aumento da pobreza sob o neoliberalismo é em suma um fenómeno sistémico enraizado na própria natureza deste regime económico; ele não é necessariamente negado pelo alto crescimento.

Mas o discurso promovido pela elite corporativo-financeiro, e os media que ela controla, sustentam que a "corrupção" é a causa das dificuldades económicas do povo e portanto da pobreza crescente. A acusação de uma tendência *sistémica* sob o neoliberalismo é portanto colocada à porta não do sistema ou da elite corporativo-financeira que está no leme, mas à porta da "classe política" e das instituições democráticas incluindo o parlamento onde ela está representada. Portanto as tendências imanentes do sistema para miserabilizar o povo são ironicamente utilizada para apoiar o sistema aos olhos do povo, para legitimar o domínio do próprio capital corporativo que está nos comandos do sistema.

Isto torna-se particularmente importante num período de crise tal como aquele que a economia indiana agora experimenta. O período de alto crescimento está ultrapassado, o que não é surpreendente: o crescimento sob o neoliberalismo

depende essencialmente da formação de "bolhas" baseadas sobre expectativas eufóricas. A fase alta de crescimento na Índia foi baseada numa combinação de uma "bolha" internacional e de uma "bolha" interna, as quais estavam destinadas ao colapso mais cedo ou mais tarde. A primeira entrou em colapso em 2008 e a última uns poucos anos depois.

Esta crise significa que a taxa de crescimento do emprego desacelera ainda mais, piorando a posição não só do povo trabalhador como um todo que já estava esmagado durante o próprio boom, como também da classe média urbana que era uma beneficiária significativa do boom. Mas o discurso gerado sob a égide da elite corporativo-financeira, exclusivamente contra a "classe política", não só desvia a cólera do povo do sistema económico e contra instituições democráticas incluindo o parlamento, como cria a percepção de que um neoliberalismo mais "muscular" e brutal é a necessidade do momento. E isto, assim vai a argumentação, é o que a "classe política" despedaçada pela "corrupção" não pode providenciar, ao passo que a elite corporativo-financeira e seus agentes políticos de confiança como Narendra Modi, os quais são projectados como "homens do desenvolvimento", podem. O caminho é deste modo limpo para a dominação corporativa, isto é, o fascismo.

V

A transição para o fascismo, é desnecessário dizer, não deve ser vista como um episódio único, um *evento* que se verifica quando um indivíduo particular chega ao poder. A este respeito temos de cessar de nos aprisionarmos ao paradigma da década de 1930. Hoje na Índia há áreas vastas, como em Uttar Pradesh por exemplo, onde uma juventude muçulmana pode ser presa e mantida no cárcere durante anos sucessivos sem julgamento e sem fiança, sob a mera suspeita de ser um "terrorista". Eles não podem obter assistência legal, porque advogados geralmente recusam-se a assistir um "terrorista", e aqueles advogados que são bastante corajosos para proporcionar assistência legal enfrentam violência às mãos de forças comunais-fascistas. Se o acusado for bastante feliz para ver o fim do julgamento após uma década ou mais, e ainda mais feliz por ser absolvido apesar da ausência de defesa legal adequada, ele ainda enfrenta a humilhação de ser um "terrorista" na percepção pública e permanece sem emprego; e nenhuma acção chega a ser adoptada contra aqueles que o prenderam e o mantiveram no cárcere durante vários preciosos anos da sua vida.

Da mesma forma, bem mais de uma centena de trabalhadores da fábrica Maruti [\[1\]](#) próxima de Delhi estiveram no cárcere durante meses a fio sem qualquer julgamento e sem fiança ou mesmo livramento condicional, pela suspeita de assassinar um único indivíduo (o qual eles não podiam ter qualquer razão concebível para assassinar) sem sequer qualquer investigação adequada.

Uma tal situação, a que chamo "fascismo mosaico", já existe no país. Se por

acaso os elementos comunais-fascistas, que são apoiados pela elite corporativo-financeira, chegarem ao poder após as eleições seguintes, eles teriam de depender do apoio de centros de poder local a prosperarem sobre o poder musculado de elementos lumpenizados, tal como o que encontramos em Bengala Ocidental. Estes centros de poder local não estão directamente ligados à elite corporativo-financeiro e portanto não podem ser chamados directamente de fascistas; mas eles podem ajudar a sustentar um sistema fascista no topo. Por outras palavras, a partir do "fascismo mosaico" o país podia muito bem efectuar uma transição para "fascismo federado" sem necessariamente experimentar um fascismo integrado e um episódio único.

Nada disto, contudo, modifica o argumento básico deste documento, nomeadamente de que o "fechamento da política" efectuado pelo neoliberalismo prepara o terreno para uma transição para o fascismo e que esta transição ganha momento num período de crise tal como o que atravessamos hoje.

VI

A questão que naturalmente se levanta é: o que podem fazer as forças progressistas nesta situação? Contra as percepções da filosofia hegeliana e da economia política inglesa acerca do fim da história, Marx viu o proletariado como um agente de mudança, não apenas para prosseguir a história mas para efectuar a libertação da espécie humana da própria "armadilha da história".

Aquela análise básica permanece válida e deve informar a prática, não obstante o enfraquecimento da política de classe efectuado pelo neoliberalismo. Este enfraquecimento, contudo, exige não apenas uma mudança para novos terrenos quanto à organização de trabalhadores, tais como por exemplo organizar trabalhadores até agora não organizados, trabalhadores domésticos, etc, como também novos tipos de intervenção para a política de classe.

A política de classe deve intervir mais resolutamente na "política de resistência da identidade" e levantá-la para além da mera política de identidade.

...

O que se exige para isto, acima de tudo, é não ficar hegemonzado pela lógica do neoliberalismo. A condição para impedir o assalto de neoliberalismo à democracia e para avançar em frente através de uma defesa da democracia para uma luta pelo socialismo é rejeitar a hegemonia neoliberal e lutar por uma contra-hegemonia contra as ideias do neoliberalismo. Os escritores têm um papel a desempenhar nesta luta de ideias.

[1] Os constrangimentos na mobilização de trabalhadores na era do neoliberalismo podem ser avaliados pelo facto de que na fábrica Maruti localizada nos subúrbios da própria Delhi, um trabalhador visto a conversar com um sindicalista ou encontrado na posse de um panfleto enfrenta a perspectiva da demissão.

Do mesmo autor em resistir.info:

- [O valor do dinheiro](#)

- [A natureza da actual crise capitalista](#)
- [O espectro da austeridade](#)

[*] Economista, indiano, ver [Wikipedia](#)

O original encontra-se em [People's Democracy](#), vol. XXXVIII, nº 9, 02/Março/2014. Tradução de JF.

30.O fascismo inerente à política moderna

Published on 06/11/2015 by [Paulo Ghiraldelli](#)

<http://ghiraldelli.pro.br/o-fascismo-inerente-a-politica-moderna/>



Exceto a extrema direita, que ainda acha que chamar de “comunista” é xingamento, todos nós estamos usando “fascista” simplesmente para o outro, basta ele discordar. O interessante é que até mesmo os conservadores aderiram à moda. Em geral, o chamamento de “fascista” vem sem qualquer argumentação, apenas frases reiterando que o outro não pode pensar como pensa, e que deve se calar.

Há países em que o nazi-fascismo causou transtornos de tal ordem que certos comportamento e gestos se tornaram crimes. A Alemanha é exemplo disso: o cumprimento nazista não poder ser executado. Historicamente isso se justifica. Nenhum povo que fez o Holocausto e assume a culpa a duras penas pode,

depois, desconsiderar esse calvário. Há países que lutaram bravamente contra o nazi-fascismo, mas em terra alheia, e a liberdade de manifestação de fascistas é tolerada, como é o caso dos Estados Unidos e o nosso mesmo. Independentemente disso, a pior coisa que pode ocorrer, ao menos do ponto de vista da filosofia e, creio eu, particularmente para a democracia, é uma semântica manca. Ou seja, chamar quaisquer manifestações contrárias de fascistas é perder o rumo da linguagem, do vocabulário. Quando isso ocorre, a liberdade é maculada e, então, as chances de conseguirmos verdades diminui. Ficamos à beira de um caos intelectual, um regime de guerra de desentendimento de todos contra todos.

Então, o que é fascismo? O que se pode realmente chamar de fascismo? O fascismo não se caracteriza por emitir opiniões ultra conservadoras e apelar a certo irracionalismo repetitivo. Qualquer pessoa de pouca sofisticação intelectual faz isso. Comunistas, social democratas, liberais, católicos podem agir assim. O fascismo se caracteriza por algo específico, mantém firme, sempre, a origem de seu nome: *fascio*, ou seja, feixe. Vários ramos de varas juntos, amarrados, bem apertadinhos, formam um bastão terrível e serve de arma. Leve e ao mesmo tempo forte. Arma romana e medieval que deu o símbolo do grupo fascista. “Sozinhos e individualizados não somos força, mas em um feixe, bem apertados uns aos outros, podemos virar um grande bastão capaz de servir para bater em outros”. “Se for possível colocar ainda um machado na ponta do feixe, mais sangrentos seremos.” Isso ecoou na Itália. O fascismo é sempre o ataque de grupos que agem não como reunião de indivíduos, mas como feixe, como uma coisa só, uma única arma.

Nenhuma gang ou quadrilha ou mesmo exército é fascista. O grupo fascista é sempre de ataque unificado, sem planos, sem pensador, ele apenas ataca unificado, elimina o outro e pronto. O fascismo é de ação, sempre de ação. A reflexão democrática e lerda o irrita.

Um professor de esquerda ou de direita que fala em sua cátedra vê na porta da escola um *fascio* exigindo que ele perca o emprego. Esse grupo grita palavras de ordem, unificadamente, agressivamente, e quer que o professor perca seu ganha pão imediatamente – é para eliminá-lo do mercado, da vida enfim. Isso tem cheiro de fascismo. Parece ser algo democrático, mas é exatamente o

fascio atuando. É exatamente o modo como se fez com que os judeus fossem para guetos antes mesmo de Hitler tomar o poder.

Quem chama o outro de fascista pode não ser fascista. Mas, se não argumenta, se não nomina de modo correto, se não percebe que seu autoritarismo é um dogmatismo que não pensa, pode estar também montando o seu próprio *fascio*, seu feixe. É por isso que o texto jornalístico, quando é diminuto, sempre precisa de complemento em outros meios, por exemplo o livro. Mas se o livro também foge da argumentação, e passa a utilizar da mera fraseologia autoritária, mesmo que esteja denunciando o *fascio*, pode estar incorrendo no erro da preparação do *fascio*. Esse é, aliás, o perigo da política moderna. Ela tem uma propensão para o fascismo exatamente à medida que passa pela nossa cabeça que o outro efetivamente como outro (e não como cópia nossa) poderia não existir. Deveria haver um sanatório para ele, ou um campo de concentração, um Gulag qualquer, ou então apenas uma aposentadoria.

Quando FHC foi cumprimentar Lula no hospital, o fascista atacou: “hipocrisia!” Pois, para ele, FHC teria que eliminar Lula da política e Lula teria que eliminar FHC da política. O fascista não entende a ideia de “oposição”. Ele acha a democracia liberal um jogo nojento que precisa acabar. Ele vê o congresso e as instituições democráticas ruins, pois elas estão premiadas por contradições. O fascista adora o pensamento único que não pensa, que vira ação. Ele quer uma ordem. A ordem de ataque.

Os fascistas podem ser fascistas, mas o mais estranho na política moderna é que ela faz comunistas, liberais conservadores e até liberais radicais, não raro, alimentar uma retórica que logo pode virar a palavra de ordem repetitiva para um *fascio*. O remédio contra o fascismo que conheço é a reflexão do filósofo, a sua dúvida, a sua capacidade de ter dúvida da dúvida. Não a dúvida tola, mas aquela que leva à produção do texto raciocinado, que é bom elemento no sentido de interromper o fluxo da “maria-vai-com-as-outras”. O conto de um gênio como Machado de Assis age assim. O cinema de contradições é outro elemento anti-fascismo. A liberdade de cátedra mais um. A não criminalização de opiniões também funciona. Sempre procuro colocar pequenas contestações nas opiniões tomadas como sagradas (você, bom leitor, pode notar isso nos meus artigos – o filósofo tem a propensão para o contraponto raciocinado, não

o contraponto dogmático), mesmo quando partilho delas, e essa é a minha forma de ficar atento para com a ordem que faz o *fascio*.

Uma manifestação de rua, mesmo que conturbada, não é fascismo. Mas um grupo até que pequeno, forçando pela Internet ou na rua, que o outro perca seu ganha pão, sempre é fascismo. O fascismo nunca faz oposição, ele se caracteriza pela eliminação do outro da sociedade, ou lhe tirando o ganha pão ou simplesmente criando gueto e, depois, o campo de assassinato. Estamos confundindo tudo no Brasil.

31. A radicalização conservadora

Ela ganha terreno no mundo, mas exhibe particularidades no caso brasileiro

por Marcos Coimbra — publicado 24/09/2015 06h23

Monika Flueckiger



Fox News, a emissora de televisão partidarizada e retrógrada de Rupert Murdoch.

Leia também

[Uma segunda chance para Tsipras](#)

[Partilha ou concessão? Entenda as diferenças entre os modelos de produção](#)

[Documento de executivo da Camargo Corrêa cita “taxa” em obra de SP](#)

[Você sabe como funciona o pré-sal?](#)

Corbyn, a reviravolta

A radicalização conservadora em avanço no Brasil é semelhante àquela que assola as principais sociedades democráticas. Mas tem, como seria de esperar, características próprias.

Em praticamente todo o mundo, o crescimento das organizações e da militância de extrema-direita é uma marca dos últimos 30 anos. Saímos do século XX e entramos no XXI obrigados a conviver com algo que parecia extinto desde quando o nazifascismo foi derrotado na Segunda Guerra Mundial.

A base da cultura democrática generalizada no pós-Guerra foi a tolerância e o reconhecimento da legitimidade do outro na interlocução política. Ao mesmo tempo que admitia a existência de interesses e pontos de vista distintos na sociedade, estabelecia o princípio de que ninguém tinha o direito de impor os seus aos demais, muito menos agir para eliminar aqueles de quem discordasse. Paradoxalmente, até as ditaduras do período, como a brasileira a partir de 1964, buscaram nesses valores sua racionalização, apresentando-se como “etapa” e “mal necessário” no processo de concretizá-los.

Como mostram os estudos disponíveis, até meados da década de 1980, o típico cidadão norte-americano considerava que republicanos e democratas, apesar de suas discordâncias, eram igualmente bem-intencionados. Os eleitores podiam filiar-se a partidos diferentes e acreditar em coisas diferentes, mas reconheciam-se como iguais. Dissentir em matéria política não os tornava adversários e, muito menos, inimigos.

Esse quadro se desfez. Como revela um trabalho de 2014 dos professores S. Iyengar, da Universidade de Stanford, e S. Westwood, da Universidade de Princeton, “(...) no ambiente político norte-americano contemporâneo, constata-se uma crescente hostilidade entre os cidadãos (...), quem se identifica com um partido expressa visão negativa em relação ao outro e a seus simpatizantes. Enquanto os republicanos percebem seus

correligionários como patrióticos, bem informados e altruístas, julgam os democratas como se possuíssem os traços opostos”.

O pior, segundo os autores, é que a crescente polarização baseada em identidades político-partidárias as extravasa: elas “(...) fornecem os elementos para juízos de valor e comportamentos não políticos (...) levando os indivíduos a frequentemente discriminar aqueles com quem não se sentem identificados”. Para eles: “(Hoje) na sociedade norte-americana, a animosidade entre aqueles que se identificam com algum partido é mais alta do que a hostilidade racial”.

Outras pesquisas mostram que os níveis de antagonismo tendem a ser significativamente maiores entre conservadores e republicanos. Os “fortemente republicanos”, entre eles os integrantes do ultrarreacionário Tea Party, são aqueles que mais discriminam. Na Europa, os exemplos de crescimento de organizações de extrema-direita são tão conhecidos que nem é preciso enumerá-los.

Portanto, não somente no Brasil aumenta a radicalização conservadora, embora tenha, entre nós, especificidades.

A primeira é a velocidade com que emergiu. Nos Estados Unidos ela precisou de décadas, aqui, de pouquíssimos anos. No início de 2013, ninguém acreditaria que teríamos uma direita furiosa nas ruas dali a meses, como vimos nos “movimentos” de junho e julho daquele ano.

A segunda é a inexistência, no Brasil de hoje, um elemento integrado há séculos no cenário político democrático: uma imprensa plural, com alguns veículos ligados aos partidos e outros equidistantes de todos. Se, nos EUA e na Europa, os dois (ou mais) lados vão à guerra partidária com suas tropas políticas, seus militantes e suas máquinas de comunicação, enquanto instituições como o Judiciário e a imprensa independente arbitram o conflito, aqui, a bem dizer, só existe um lado.

A velocidade com a qual cresceu a extrema-direita brasileira é consequência de nossa “grande” imprensa funcionar como uma única e imensa Fox News, a emissora de televisão partidarizada e retrógrada de Rupert Murdoch. A onda conservadora teria se formado mais rapidamente nos EUA se lá existisse um despropósito semelhante ao nosso, um

conglomerado de empresas de comunicação que monopoliza a mídia de massa e se proclama como “fazendo de fato a posição oposicionista deste país”, nas inesquecíveis palavras da ex-presidente da Associação Nacional dos Jornais.

A terceira é nosso passado recente de ditadura, em uma sociedade cronicamente hierárquica. Para inspirar-se, a direita brasileira tem apenas de olhar para trás. De lá vem a sua truculência.

32. Vejam o ótimo documentário abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=xgDiS3lCchl> 104 min. - legendado em português

Abaixo, links para 4 livros sobre a propaganda nazista:

<http://www.libgen.io/search.php?req=Nazi+Propaganda&open=0&res=25&view=simple&phrase=1&column=def>

Para baixar, clique no nome do livro. Na página que surgir clique no nome do livro (em azul) no alto da página.

<http://correiodobrasil.com.br/politicamente-analfabetos-disfuncionais/> bom artigo sobre a massa analfabeta política

<http://www.viomundo.com.br/denuncias/caio-castor-flagra-torturador-tirando-onda-da-omissao-da-verdade.html> vejam os vídeos

33. JOSEPH GOEBBELS encarando o fotógrafo Eisenstaedt depois de descobrir que ele era judeu, 1933 - o olhar do ódio fascista!

Conhece Joseph Goebbels, o violento ministro de propaganda de Hitler? Estes são os 11 princípios nazistas que levaram o povo alemão a tentar exterminar a humanidade:

1.- Princípio da simplificação e do inimigo único.

Simplifique não diversifique, escolha um inimigo por vez. Ignore o que os outros fazem concentre-se em um até acabar com ele.

2.- Princípio do contágio

Divulgue a capacidade de contágio que este inimigo tem. Colocar um antes perfeito e mostrar como o presente e o futuro estão sendo contaminados por este inimigo.

3.-Princípio da Transposição

Transladar todos os males sociais a este inimigo.

4.-Princípio da Exageração e desfiguração

Exagerar as más notícias até desfigurá-las transformando um delito em mil delitos criando assim um clima de profunda insegurança e temor. "O que nos acontecerá?"

5.-Princípio da Vulgarização

Transforma tudo numa coisa torpe e de má índole. As ações do inimigo são vulgares, ordinárias, fáceis de descobrir.

6.-Princípio da Orquestração

Fazer ressonar os boatos até se transformarem em notícias sendo estas replicadas pela "imprensa oficial".

7.-Princípio da Renovação

Sempre há que bombardear com novas notícias (sobre o inimigo escolhido) para que o receptor não tenha tempo de pensar, pois está sufocado por elas.

8.-Princípio do Verossímil

Discutir a informação com diversas interpretações de especialistas, mas todas em contra do inimigo escolhido. O objetivo deste debate é que o receptor, não perceba que o assunto interpretado não é verdadeiro.

9.-Princípio do Silêncio.

Ocultar toda a informação que não seja conveniente.

10.-Princípio da Transferência

Potencializar um fato presente com um fato passado. Sempre que se noticia um fato se acresce com um fato que tenha acontecido antes

11.-Princípio de Unanimidade

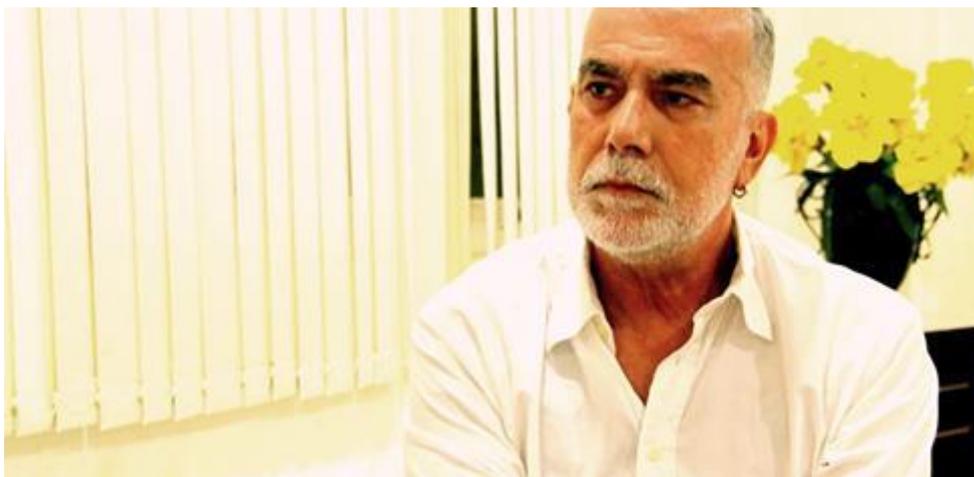
Busca a convergência em assuntos de interesse geral apoderando-se do sentimento produzido por estes e colocá-os em contra do inimigo escolhido.

Área de anexos

34. Visualizar o vídeo O Experimento Goebbels "O Diário de um Nazista." do YouTube



O Experimento Goebbels "O Diário de um Nazista."



36. REVER Entrevista: Francisco Carlos Teixeira

Historiador da UFRJ/IUPERJ concedeu longa entrevista exclusiva para a REVER e abriu o verbo: "A Lei da Anistia serviu para dar a continuidade perfeita entre as práticas policiais da Ditadura e as p...

REVISTAREVER.COM

Entrevista de [Autorizado Chico Teixeira](#) esclarecedora e corajosa sobre o fascismo à brasileira!!

Citando "A Polícia brasileira se comporta como uma polícia fascista."

Vídeo do professor,

<https://www.youtube.com/watch?v=ZCpw28vNWj8>

35.Introdução à vida não-fascista.

Michel Foucault.*

27 de maio de 2014 • *morenobaeta*

Durante os anos 1945-1965 (falo da Europa), existia uma certa forma correta de pensar, um certo estilo de discurso político, uma certa ética do intelectual. Era preciso ser unha e carne com Marx, não deixar seus sonhos vagabundearem muito longe de Freud e tratar os sistemas de signos – e significantes – com o maior respeito. Tais eram as três condições que tornavam aceitável essa singular ocupação que era a de escrever e de enunciar uma parte da verdade sobre si mesmo e sobre sua época.

Depois, vieram cinco anos breves, apaixonados, cinco anos de júbilo e de enigma. Às portas de nosso mundo, o Vietnã, o primeiro golpe em direção aos poderes constituídos. Mas aqui, no interior de nossos muros, o que exatamente se passa? Um amálgama de política revolucionária e anti-repressiva? Uma guerra levada por dois frentes – a exploração social e a repressão psíquica? Uma escalada da libido modulada pelo conflito de classes? É possível. De todo modo, é por esta interpretação familiar e dualista que se pretendeu explicar os acontecimentos destes anos. O sonho que, entre a Primeira Guerra Mundial e o acontecimento do fascismo, teve sob seus encantos as frações mais utopistas da Europa – a Alemanha de Wilhem Reich e a França dos surrealistas – retornou para abraçar a realidade mesma: Marx e Freud esclarecidos pela mesma incandescência.

Mas é isso mesmo o que se passou? Era uma retomada do projeto utópico dos anos trinta, desta vez, na escala da prática social? Ou, pelo contrário, houve um movimento para lutas políticas que não se conformavam mais ao modelo prescrito pela tradição marxista? Para uma experiência e uma tecnologia do desejo que não eram mais freudianas? Brandiram-se os velhos estandartes, mas o combate se deslocou e ganhou novas zonas.

O Anti-Édipo mostra, pra começar, a extensão do terreno ocupado. Porém, ele faz muito mais. Ele não se dissipa na difamação dos velhos ídolos, mesmo se divertindo muito com Freud. E, sobretudo, nos incita a ir mais longe.

Seria um erro ler o Anti-Édipo como a nova referência teórica (vocês sabem, essa famosa teoria que se nos costuma anunciar: essa que vai englobar tudo, essa que é absolutamente totalizante e tranquilizadora, essa, nos afirmam, “que tanto precisamos” nesta época de dispersão e de especialização, onde a “esperança” desapareceu). Não é preciso buscar uma “filosofia” nesta extraordinária profusão de novas noções e de conceitos-surpresa. O Anti-Édipo não é um Hegel pomposo. Penso que a melhor maneira de ler o Anti-Édipo é abordá-lo como uma “arte”, no sentido em que se fala de “arte erótica”, por exemplo. Apoiando-se sobre noções aparentemente abstratas de multiplicidades, de fluxo, de dispositivos e de acoplamentos, a análise da relação do desejo com a realidade e com a “máquina” capitalista contribui para responder a questões concretas. Questões que surgem menos do porque das coisas do que de seu como. Como introduzir o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida? *Ars erotica, ars theoretica, ars politica.*

Daí os três adversários aos quais o Anti-Édipo se encontra confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaça, e que o livro combate por meios diferentes.

1) Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade.

2) Os lastimáveis técnicos do desejo – os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma, e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta.

3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini – que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora.

Eu diria que o Anti-Édipo (que seus autores me perdoem) é um livro de ética, o primeiro livro de ética que se escreveu na França depois de muito tempo (é talvez a razão pela qual seu sucesso não é limitado a um “leitorado” [“lectorat”] particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensar e de vida). Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento? Os moralistas cristãos buscavam os traços da carne que estariam alojados nas redobras da alma. Deleuze e Guattari, por sua parte, espreitam os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos.

*Publicado originalmente em: Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-

[Sobre estes anúncios](#)

<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/05/27/introducao-a-vida-nao-fascista-michel-foucault/>

RELACIONADO

O abecedário de Gilles Deleuze - Gilles DeleuzeEm "Ética"

1985 - MICROFÍSICA DOS PODERES E MICROPOLÍTICA DOS DESEJOS - Félix GuattariEm "Arqueologia do Poder"

Multidões queer: notas para uma política dos "anormais" - Paul Beatriz PreciadoEm "Arqueologia do Poder"

37. ¿El fascismo está de regreso?

[Volver al Inicio de La ONDA digital](#)

Compartir



En 2015, el término “fascismo” se convirtió una vez más en el epíteto político de más alto octanaje de uso general. Por supuesto, la tentación de aplicar el rótulo de fascismo es casi irresistible cuando nos enfrentamos a un lenguaje y a un comportamiento que se asemejan superficialmente a los de Hitler y Mussolini. En este momento, se está aplicando profusamente a casos tan dispares como Donald Trump, el Tea Party, el Frente Nacional en Francia y los asesinos islamistas radicales. Pero, si bien la tentación de calificar de “fascistas” a todos estos actores resulta entendible, deberíamos evitarlo.



En su creación en los años 1920 (primero en Italia y luego en Alemania), el fascismo era una reacción violenta contra un exceso percibido de individualismo. Mussolini y Hitler sostenían que Italia era menospreciada y Alemania fue derrotada en la Primera Guerra Mundial porque la democracia y el individualismo habían minado su unidad y voluntad nacional. De modo que los dos líderes vistieron a sus seguidores con uniforme e intentaron regimentar sus pensamientos y acciones. Una vez en el poder, pretendieron extender la dictadura a cada rincón de la vida. Inclusive el deporte, en el régimen de Mussolini, tenía que ser organizado y supervisado

por la agencia estatal llamada *il Dopolavoro*. Los fascistas se autoerigieron (y adquirieron un respaldo selecto) como la única barrera efectiva frente al otro movimiento político que surgió después de la Primera Guerra Mundial: el comunismo. Para el socialismo internacional, los fascistas se oponían a un socialismo nacional, y si bien reprimieron a los partidos socialistas y abolieron los sindicatos independientes, en ningún momento cuestionaron la obligación del estado de mantener la ayuda social (excepto para enemigos internos como los judíos, por supuesto). El movimiento que se llama a sí mismo Estado Islámico da la impresión de encajar bastante bien en este modelo. Las voluntades y las identidades personales de sus seguidores están subordinadas al movimiento, en diferentes etapas hasta la máxima abnegación personal: el suicidio. Pero también existen diferencias fundamentales.

El Estado Islámico es más un potencial califato que un estado, y está dedicado a la supremacía de una religión de una manera que atraviesa y hasta amenaza a los estados nación existentes. La autoridad central se mantiene discreta y la iniciativa operacional y en materia de políticas se dispersa a células locales, sin la necesidad de un núcleo geográfico. Los fascistas eran nacionalistas, con raíces en estados nación y dedicados al fortalecimiento y engrandecimiento de esos estados. Los líderes y regímenes fascistas hicieron lo mejor de sí para subordinar la religión a los propósitos del estado. A lo sumo, podríamos identificar en el Estado Islámico una subespecie de totalitarismo religioso; pero es esencialmente distinto de las dictaduras seculares centralizadas y los líderes embellecidos del fascismo clásico. El Tea Party está en el extremo más lejano de la naturaleza proclive al mejoramiento del estado propia del fascismo. Debido a su oposición a todas las formas de autoridad pública y a su furioso rechazo de cualquier obligación para con los demás, el mejor rótulo que recibe es el de anarquismo de derecha. Es individualismo fuera de control, una negación de todas las obligaciones comunitarias, el opuesto mismo de un llamado fascista a la supremacía de las obligaciones comunales por sobre la autonomía individual. El Frente Nacional, por supuesto, tenía sus raíces en Vichy, Francia, y su fundador, Jean-Marie Le Pen, expresó durante mucho tiempo su desprecio por la tradición republicana francesa. Pero su creciente éxito hoy en día bajo la conducción de la hija de Le Pen, Marine, se debe al menos en parte al esfuerzo del partido por distanciarse de su pasado de lucha callejera y negación del Holocausto.

Donald Trump es en sí mismo un caso especial. *En la superficie, parece haberse adueñado de una cantidad de temas fascistas para su campaña presidencial: xenofobia, prejuicio racial, miedo a la debilidad y a la decadencia nacional, agresividad en política exterior, una disposición a suspender el régimen de derecho para lidiar con supuestas emergencias.* Su tono intimidatorio, el dominio de las multitudes y la capacidad con la cual utiliza las últimas tecnologías de comunicación también son reminiscentes de Mussolini y

Hitler.

Y, sin embargo, estas cualidades derivan como mucho de temas y estilos fascistas. La sustancia ideológica subyacente es muy diferente y los privilegios de la riqueza juegan un papel más importante del que toleraban, en general, los regímenes fascistas. Es mucho más probable que la adopción por parte de Trump de estos temas y estilos sea una cuestión de conveniencia táctica –una decisión tomada sin pensar demasiado, o tal vez nada, en su historia desagradable. Resulta evidente que Trump es absolutamente insensible a los ecos que evocan sus palabras y su estilo oratorio, lo cual no debería sorprender, considerando su aparente insensibilidad al impacto de todos los insultos que propina.

Es una lástima que hasta el momento no hayamos podido dotar a otro término del poder tóxico del fascismo para esa gente y esos movimientos aborrecibles. Tendremos que arreglárnoslas con palabras más comunes: fanatismo religioso para el Estado Islámico, anarquismo reaccionario para el Tea Party y demagogia autocomplaciente en nombre de la oligarquía para Donald Trump. Hoy hay movimientos marginales, como Nación Aria en Estados Unidos y Amanecer Dorado en Grecia, que se apropian abiertamente del simbolismo nazi y emplean la violencia física. A ellos el término “fascista” les sienta mejor.

Por Robert O. Paxton
Profesor emérito de Historia en la Universidad de Columbia , autor de la anatomía del fascismo , la Francia de Vichy : Guardia Vieja y Nueva Orden, 1940 hasta 1944

Fuente: project-syndicate.org

37.VOCÊ SABIA? QUE O FASCISMO CONTINUA VIVO?

"Fascista ... é um termo genérico que traduz uma expressão mais específica: personalidade autoritária. Em alta em nossa cultura, ela nasce da cópula entre a paranoia e a ignorância. O outro não passa, no seu regime, de 'tudo o que não presta' e que deve ser eliminado". Marcia Tiburi, Correio do Povo 4/4/15.

Remeto ao texto de Ana Maria Dietrich sobre A juventude hitlerista à brasileira para quem quiser olhar a história da questão.http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/juventude_hitlerista_a_brasileira.html

Theodor Adorno no famoso texto “Educação após Auschwitz” (1969)

40. O Fascismo segundo W.Reich

Salo de Carvalho

"O fascismo não é mais do que a expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio (...). O fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida (...). O fascismo não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias (...). O fascismo, na sua forma mais pura, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio (...). A mentalidade fascista é a mentalidade do 'Zé Ninguém', que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. O magnata industrial e o militarista feudal não fazem mais do que aproveitar-se deste fato social para os seus próprios fins (...). Sob a forma de fascismo, a civilização autoritária e mecanicista colhe no 'Zé Ninguém' reprimido nada mais do que aquilo que ele semeou nas massas dos seres humanos subjugados (...). O fascista é o segundo sargento do exército gigantesco da nossa civilização industrial gravemente doente." (Wilhelm Reich, Psicologia de Massas do Fascismo)

Lembrança apropriada do Benicio Schmidt – Brasília DF



Wilhelm Reich Psicologia de Massas do Fascismo.pdf - LIVROS -
Documentos - marioconte -...

Arquivo Wilhelm Reich Psicologia de Massas...

MINHATECA.COM.BR

" O nazismo floresceu no país mais culto da Europa."

É bárbaro todo aquele que propõem a EXCLUSÃO do outro....[Ver mais](#)

[Izquierda Unida](#)

18 de julio, Fascismo: ¡¡NUNCA MÁS!!

[Ver tradução](#)

[Anna Maria Monteiro](#) QUEM É O BÁRBARO ATUAL? 5 MINUTOS DE VÍDEO-

https://www.youtube.com/watch?v=jE_aRSKlxFw

Obama quer guerra ('por encomenda') contra a Rússia na Síria

> 10/10/2015, Moon of Alabama

>

> Por um momento até pareceu que os EUA estivessem desistindo de 'mudança de regime' por meios violentos na Síria. Sob pressão dos russos, dia 29/9 o secretário de Estado Kerry concedeu que o resultado teria de ser algo não apoiado pelos aliados dos EUA no Golfo e pelos mercenários que lutam por encomenda na guerra da Síria:

>

> EUA e Rússia acertaram "alguns princípios fundamentais" para a Síria, disse o secretário de Estado John Kerry na 3ª-feira, acrescentando que tem planos para voltar a reunir-se com o ministro de Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, na 4ª-feira.

>

> "Chegamos a um acordo, de que a Síria deve ser país unificado, unido, que tem de ser secular, que o ISIL (Islamic State) tem de ser atacado e desarmado e que é preciso uma transição administrada," disse Kerry à rede MSNBC (...).

>

> PORÉM, em vez de começar a trabalhar sobre esse acordo e aprofundar os contatos com os russos, os EUA deslizam agora para guerra total por encomenda contra a Federação Russa e, especialmente, com o contingente de russos que há na Síria.

>

> Obama havia dito que não seria arrastado para uma guerra à distância com a Rússia, mas seu próprio governo, o Pentágono e a CIA mais uma vez estão fazendo o diabo para conseguir uma guerra contra a Rússia, na Síria.

>

> O apoio dos russos à Síria não tem prazo para acabar. Agora que o governo dos EUA cede e se deixa arrastar para uma posição em que qualquer guerra com a Rússia na Síria tornou-se prioridade, a luta na Síria e arredores será prolongada para durar muito tempo.

>

> O programa oficial do Pentágono para treinar mercenários na Síria deixará de avaliá-los, selecioná-los, vesti-los, armá-los, treiná-los e apoiá-los. Mas o programa não será extinto. O Pentágono apenas abreviará o processo. Deixa de lado a parte de avaliá-los e selecioná-los e treiná-los e passa a armar e apoiar qualquer um que apareça e declare que deseja "combater o ISIS":

>

> Esse movimento marca uma expansão do envolvimento dos EUA na guerra em solo ampliada na Síria e pode expor o governo Obama a riscos ainda maiores, se as armas que passarão a ser entregues a número maior de unidades 'rebeldes' continuarem a cair em mãos de terroristas ou de gama mais ampla de unidades 'rebeldes', ou se os terroristas patrocinados pelos EUA vierem a ser atacados por forças leais ao presidente Assad e seus aliados.

>

> ...

>

> Por esse novo plano, líderes de grupos que já combatem o Estado Islâmico passam a ser avaliados, selecionados e reconhecidos e recebem curso ultrarrápido de Direitos Humanos e Comunicações em Combate. Muitos deles já receberam treinamento fora da Síria, disseram funcionários.

>

> Com o tempo, o Pentágono planeja prover munição e armas básicas àqueles líderes combatentes e iniciará ataques aéreos contra alvos identificados por aquelas unidades.

>

> Não há quem não saiba como saem as coisas quando terroristas-mercenários desse tipo passam a identificar alvos para que os aviões dos EUA os ataquem... Assim, exatamente, os EUA destruíram o hospital dos Médicos Sem Fronteiras em Kunduz, em ataque que fez cerca de 50

mortos (reza a lenda que os aviões norte-americanos teriam sido chamados por forças especiais do Afeganistão).

>

> Auxílio militar significativo para esses mercenários-terroristas, numa área na qual grupos de terroristas misturam-se com islamistas extremistas, algumas vezes misturados com rebeldes moderados da oposição, sinaliza modificação nos planos e na política inicial dos EUA.

>

> Alto funcionário do governo Obama, que pediu para não ser identificado, não detalhou as características dessa ajuda que deve chegar ao noroeste da Síria. Mas o funcionário disse que "os suprimentos serão entregues a forças anti-ISIL cujos líderes foram adequadamente avaliados e selecionados" – e os descreveu como "grupos de composição diversificada".

>

> Esses grupos diversificados são constituídos precisamente de jihadistas da Frente al-Nusra/al-Qaeda, Ahrar al Shams e outras formações de jihadistas. Ainda que as armas não sejam diretamente entregues a ela, o fato de que a al-Qaeda exige uma "quota" de 1/3 de todas as armas entregues aos seus agentes, e não raras vezes captura 100% delas, mostra que o novo 'programa' dos EUA é programa para armar diretamente a al-Qaeda (embora ninguém o reconheça como tal).

>

> O novo programa é separado de um esforço conduzido pela CIA para ajudar facções rebeldes na Síria. Ainda não se sabe com certeza como o anúncio feito na 6ª-feira pode vir a afetar o programa da CIA.

>

> A CIA mantém programa similar, mas muito maior, desde 2012. Há armas para qualquer pessoa que declare que deseja derrubar o governo da Síria. E muitas daquelas armas já estão em mãos do ISIL/ISIS/Daesch/Estado Islâmico ou da al-Qaeda.

>

> A verdade é que foi a CIA, comandada pelo chefe Brennan (famoso por defender torturas e torturadores), quem empurrou o governo Obama para bem longe das declarações sensatas de Kerry e o pôs diretamente no olho do furacão de uma guerra total à distância, por encomenda, contra a Rússia.

>

> A Rússia já bombardeou alguns dos grupos treinados, armados e pagos pela CIA. Antes, consultou os EUA para que informassem quem bombardear e quem poupar, mas não recebeu resposta. Dado que os mercenários pagos pela CIA para lutar contra o governo sírio são praticamente idênticos e indistinguíveis de qualquer outro terrorista da al-Qaeda ou de outros grupos, todos são alvos legítimos.

>

> Não é o que a CIA entende. Mas, mesmo assim, a CIA tem considerado bem úteis os ataques dos russos contra os próprios terroristas da CIA:

>

> Relatos indicam que os grupos treinados pela CIA sofreram pequeno número de baixas e foram alertados para evitar movimentos que os exponham aos aviões russos. Um funcionário do governo dos EUA, que conhece bem esse programa da CIA – e que, como todos, pediu para não ser identificado – disse que os ataques galvanizaram algumas das unidades armadas pela Agência. "Agora eles decidiram que querem combater contra os russos" – disse o funcionário. – "A moral melhorou muito".

>

> ...

>

> Brennan viajou semana passada para o Oriente Médio, quando se intensificaram os ataques russos. Funcionários do governo dos EUA disseram que a viagem estava planejada e nada tem a ver com bombardeios russos, mas reconheceu que todas as discussões centraram-se na Síria.

>

> ...

>

> A decisão de dismantelar o programa de treinamento do Pentágono – cujas equipes muito pequenas são frequentemente capturadas ou rendem-se a outros grupos rebeldes na Síria – pode obrigar Obama a considerar a possibilidade de aumentar o apoio aos grupos que a CIA apoia.

>

> Funcionários dos EUA disseram que os envolvidos no programa da Agência já estão examinando alternativas que incluem enviar sistemas de foguetes e outras armas que permitiriam aos rebeldes atacar as bases russas, sem contudo entregar-lhes mísseis terra-ar que os grupos terroristas poderiam usar para atingir aviões civis.

>

> Quem disse aos sauditas que entreguem imediatamente 500 mísseis TOW à Síria foi, quase com certeza, Brennan-da-CIA. E também ordenou que se planejem ataques à base russa.

>

> TUDO ISSO significa que, em vez de acalmar e buscar cooperar com a Rússia na luta contra o Estado Islâmico, o Pentágono recebeu ordens para cortar o próprio programa e para entregar armas a qualquer um que peça. A CIA está fornecendo maior quantidade de armas aos seus mercenários através dos seus procuradores no Golfo, e está planejando atacar diretamente os russos.

>

> A guerra contra a Síria, e agora também contra a Rússia, provavelmente se arrastará por anos. Com os EUA jogando cada dia mais gasolina à fogueira, a guerra reduzirá a cinzas, além da Síria, também todos os países em volta.

>

> *****

>

> Dois suicidas-bomba se autodetonaram hoje num comício do partido HDP, simpático à causa dos curdos, em Ancara. Já se calcula em 90 o número de mortos, com mais de 200 feridos.

>

> Foi o maior ataque terrorista em tempos modernos que a Turquia conheceu. O governo turco desconectou o país da rede Twitter e proibiu qualquer noticiário sobre o ataque terrorista. O partido HDP é partido de esquerda e apoia a luta pacífica pela autonomia do povo curdo. O partido curdo militante PKK na Turquia tem tido escaramuças contra as forças de segurança da Turquia no leste do país. Hoje, o partido anunciou que suspenderá todos os ataques, a menos que seja atacado primeiro. A organização irmã do PKK na Síria, o partido YPK, luta atualmente contra o Estado Islâmico.

>

> O Partido AKP de Erdogan apoiou o Estado Islâmico e a al-Qaeda na Síria. Erdogan vê o partido HDP e os curdos em geral como seus inimigos. Como disse hoje um político turco não AKP, o sangrento incidente hoje em Ancara foi operação da inteligência turca levada a termo, ou foi total fracasso de alguma operação da inteligência turca.

>

> Sejam o que mais tenham sido, as explosões, muito provavelmente de suicidas-bombas do Estado Islâmico, são sinal de crescente desestabilização também na Turquia. E a instabilidade crescerá sem parar, até que haja grande mudança política; até que haja rejeição real e definitiva contra qualquer apoio turco aos jihadistas na Síria; e até que a fronteira turco-síria seja efetivamente fechada e se ponha fim ao trânsito de terroristas.

>

> Hoje, o presidente Putin da Rússia se reunirá com o "jovem líder" saudita, príncipe coroado Mohammed Salman-un. Será que Putin lerá para ele o manual de convivência decente entre povos e recomendará que abandone a posição de vassalagem, como pau mandado dos EUA na guerra contra a Síria? Espera-se que sim. *****

>

>